

Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 69 Nº 23195

DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA

QUINTA-FEIRA 8 MARÇO 90 60\$00

EDITORIAL

Um dia como os outros

Editorial, comentário, artigos esparsos, centrais, levam hoje por baixo nomes de mulheres. A redacção do DL entendeu marcar assim o 8 de Março, o dia que, em memória das operárias têxteis mortas no criminoso incêndio da sua fábrica, quando se encontravam em luta pela redução do horário de trabalho, Clara Zetkin propôs fosse considerado Dia Internacional da Mulher.

Resultado final, um dia como os outros neste jornal, onde, em cada três jornalistas, há uma mulher. O que, aliás, só alegra quem se lembra de outros tempos, sendo, para os/as restantes, profundamente natural.

Outros tempos? Há pouco tempo ainda, o boletim do Sindicato de Jornalistas falava de um jornal que preferia não admitir mulheres - tal como, até há pouco tempo, a Rádio Renascença.

Questões despiciendas? Nem tanto. É que se de Portugal se diz ter uma das legislações mais progressistas da Europa em matéria de igualdade de direitos, na prática vive-se longe ainda dela - como se vê olhando as bancadas da Assembleia ou as reuniões do Conselho de Ministros.

Mas não só. Em Portugal, noticiava há poucos dias o "Tal e Qual", a Judiciária persegue ainda mulheres por terem abortado - coisa que parecia caída em desuso anos atrás. E as mulheres continuam a fazer abortos clandestinos, com os correlativos riscos e preços, mesmo nos casos previstos para o aborto legal. Tribunais distinguem entre filhos de casamento e de união de facto.

Mudança de mentalidades? Está bem, na Tele-novela.

E talvez nada disto seja tão bizarro quanto parece, quando a discussão do momento é a do canal de televisão para a Igreja Católica. Igreja cuja hierarquia defende, seja sobre o divórcio, a contracepção ou o aborto, as posições mais gravosas para as mulheres.

Terão os deputados isso em conta, no Dia Internacional da Mulher?

Diana Andringa

Barreira da língua trava miúdos crioulos

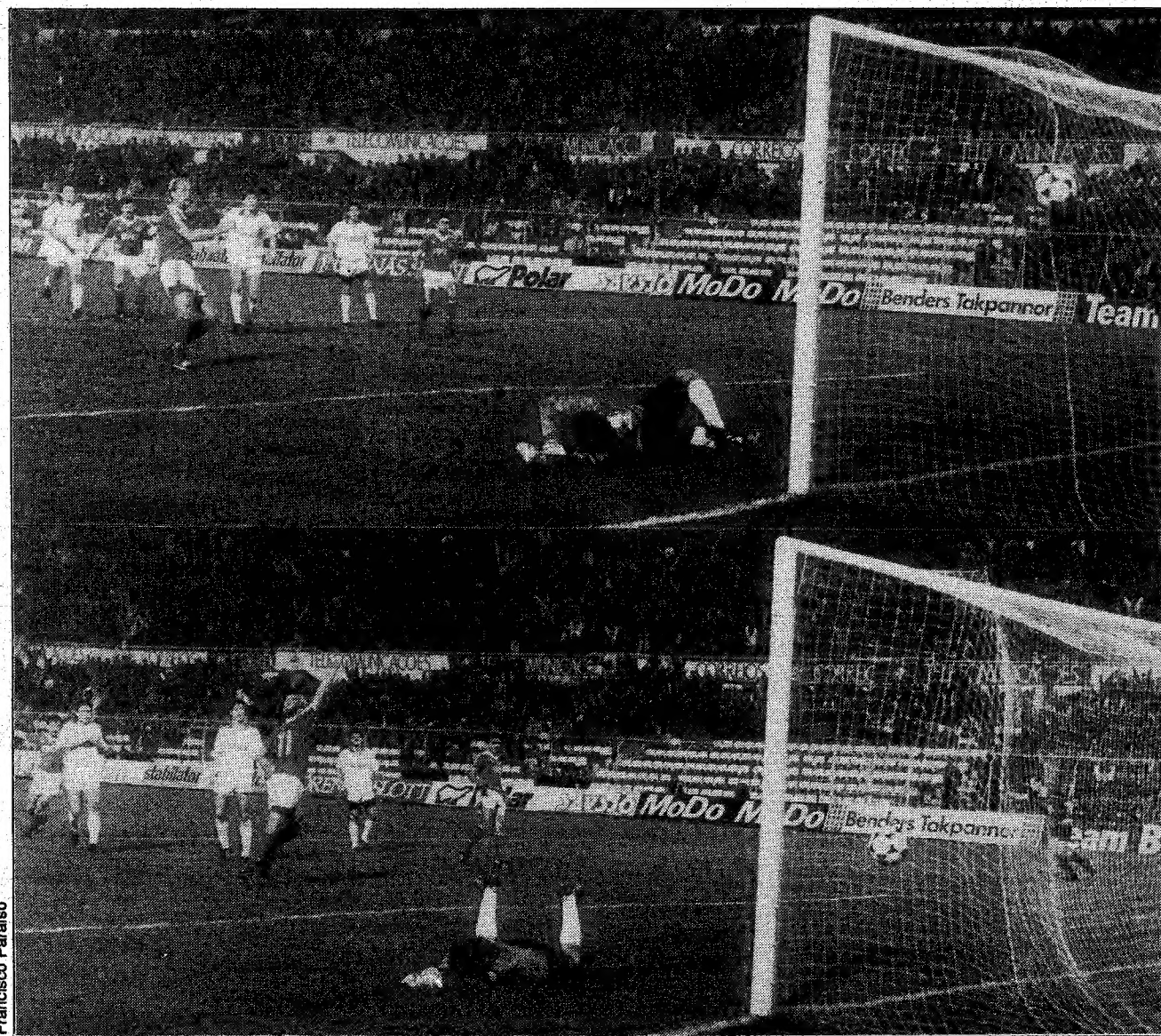
A maioria não chega a concluir a 4.ª classe

São milhares as crianças oriundas de Cabo Verde que vivem em Portugal. A grande maioria nasceu já no nosso país ou, mais precisamente, nos ghetto caboverdianos existentes em Lisboa.

O seu contacto com a língua portuguesa é nulo até entrarem para a escola primária e muito deficiente a partir de então. Resultado: um analfabetismo funcional

que atinge cerca de 60 por cento e um enorme desenraizamento cultural quer perante a sua cultura de origem quer em relação à portuguesa. Os professores esforçam-se para modificar esta situação. Porém, eles próprios debatem-se com dificuldades materiais e de formação quase inultrapassáveis.

Págs. 16 e 17



Só um golo marcou o Benfica (nas fotos) e bem poderia ter resolvido a eliminatória. Mas os avançados (como se relata nas págs. 24 e 25) perderam muitos, pelo que terão trabalho esforçado na deslocação à URSS, que o DL acompanhará com o patrocínio de



Camionistas ganham batalha de Alverca

Os camiões TIR já rodam estrada fora, terminada a batalha de Alverca. Mais de mil motoristas bloquearam o terminal durante três dias em sinal de protesto, reivindicando condições de trabalho que consideravam imprescindíveis: eliminação de excessivas normas burocráticas, desalfandegamento rápido, maior segurança

no parque, instalação de água potável no recinto, criação de um grupo de trabalho para aperfeiçoar o funcionamento dos serviços.

Oliveira e Costa, secretário de Estado dos Assuntos Fiscais foi ontem a Alverca dizer sim a tudo. O bloqueio foi levantado...

TV privada Cavaco debaixo de fogo

A maioria parlamentar mede forças esta tarde em S. Bento, consigo própria. O primeiro-ministro quer fazer aprovar a proposta de lei sobre televisão privada, dando à Igreja espaço num dos canais a licenciar, enquanto boa-parte dos deputados do PSD prefere que a hierarquia católica tenha um canal completo. Será preciso conciliar «convicções políticas, interesses económicos, concepções religiosas» e promessas eleitorais, como disse ao DL um deputado da maioria, o que não parece fácil embora tudo indique que Cavaco está debaixo de fogo mas já ganhou a batalha.

Págs. 2, 3 e 4

Na Avenida da República

Salvos 2 prédios de Arte Nova

Há quatro anos, os números 87 e 89 da Avenida da República pareciam irreversivelmente votados à ruína. No entanto, a Câmara Municipal de Lisboa salvou estes edifícios que se contam entre os últimos representantes da Arte Nova em Lisboa.

Pág. 21



Luís Carlos Prestes morre aos 92 anos

Pág. 11

Exclusivos DL: Cartas de Moscovo e de Washington

Pág. 13

Auto-Retrato de Fernando Dacosta

Pág. 6

Hoje: Suplemento Literário

A maioria parlamentar dividiu-se sobre a televisão privada. O primeiro-ministro enfrenta o grande desafio de três anos de mandato: com a lei que fez tem de contentar a Igreja, os empresários e os deputados do seu partido

Cavaco apanhado nas teias da lei

GRANDE ANGULAR

A proposta de lei da televisão privada provocou a mais grave crise entre o Governo de Cavaco Silva e o grupo parlamentar do PSD. A atribuição de um canal de televisão à Igreja, prometido pelo líder histórico dos sociais-democratas durante o governo AD, não fazia prever o actual conflito entre o primeiro-ministro e os seus deputados. A síntese da situação foi feita ao DL por um irreverente deputado do PSD: «Há alturas em que dentro de um partido é difícil conjugar as convicções políticas, os interesses económicos defendidos por cada um, as concepções religiosas e ao mesmo tempo vencer eleições».

O ambiente já não era o melhor, mas a polémica extravasou o previsível quando um grupo de deputados fez correr, durante as jornadas parlamentares do PSD, uma moção de apoio à atribuição do 2º canal da TV à Igreja.



Os socialistas recusam tratamento preferencial à Igreja

Entre os primeiros signatários estavam Luís Filipe Meneses, presidente da distrital do Porto, Nuno Delerue, Leonor Beleza e Duarte Lima. A lista aumen-

tou com uma rapidez equivalente ao descontentamento dos parlamentares. Em pouco tempo estavam recolhidas 80 assinaturas. Cavaco Silva sentiu-se

apunhalado pelas costas e reagiu com o argumento que lhe é habitual: quem manda é a Comissão Política Nacional.

Numa altura em que o PSD queria relançar a sua nova imagem, o discurso de Cavaco reacendeu a contestação. Nomes destacados da bancada social-democrata acusam o primeiro-ministro de tendências estatizantes, consideram desfavorável em termos eleitorais um conflito com a Igreja e salientam a necessidade de existirem dois canais nacionais disponíveis para os operadores privados; alegam a inconstitucionalidade da proposta de lei do Governo e, em último recurso, acusam o primeiro-ministro de não respeitar a vontade de Sá Carneiro.

Uma «ajuda» ao Governo

Segundo os proponentes, a moção destinava-se a «ajudar o Governo». Cavaco assim não o entendeu, mas

desta vez, apesar das críticas a Luís Filipe Meneses pela forma como decorreu o processo, os deputados mantiveram a sua posição até ao fim.

Segundo declarações de parlamentares sociais-democratas ao DL, a solução de consenso passa pela atribuição à Igreja Católica de uma parte do 2º canal, embora a hipótese da totalidade daquele espaço não seja afastada. É a vitória do grupo parlamentar do PSD face ao primeiro-ministro.

Os deputados sociais-democratas vão aprovar a proposta de lei do Executivo na generalidade e introduzirão alterações no debate na especialidade. Todavia, antes do debate esta tarde no plenário da Assembleia da República os parlamentares querem alterar o artigo 8º, que enferma de inconstitucionalidade formal.

Em matéria de Comunicação Social cabe à Assembleia da República a regu-

lamentação da Lei-Quadro, ou então ao Governo desde que obtenha do plenário a devida autorização legislativa. Por esta razão a alínea 2 do artigo 8º onde se lê que «o licenciamento de novos canais será precedido de concurso público, cujo regulamento será aprovado por resolução do Conselho de ministros» deverá ser alterada para a definição do regulamento por Decreto-Lei, à semelhança do que aconteceu com a regulamentação da Lei da Rádio.

Em relação às alterações na especialidade, no que respeita ao canal de televisão da Igreja Católica, os parlamentares sociais-democratas ainda não têm a versão definitiva, embora a atribuição do segundo canal, no todo, ou em parte, através de concurso público, tenha cada vez mais peso.

Oposição abre a porta

As tendências de voto dos partidos da Oposição vão no

Empresários querem projecto maduro

O momento do debate da abertura da actividade televisiva à iniciativa privada, tão ansiosamente esperado há cerca de dez anos, chegou finalmente. Os quatro concorrentes contactados pelo DL congratulam-se de forma unânime com a tomada de posição do Governo, apesar de tardia. Todavia, as águas começam a separar-se. Cada um tem a sua estratégia própria e apostam no secretismo para «não dar trunfos ao inimigo».

Quando questionados a propósito dos meios financeiros que pretendem investir e sobre os parceiros estrangeiros com quem estão a estabelecer contactos, Magalhães Crespo, da Rádio Renascença, Moreira da Silva, do Grupo Sonae, Pinto Balsemão, do Grupo SIC e Vasco Fraga, da TV-Geste, dão respostas semelhantes: «Não lhe posso dizer isso», ou então, «não acha que está a querer saber de mais?».

Só Vasco Fraga revela pretender gastar entre 4 a 7 milhões de contos, «ou mais, dependendo do figurino».

O DL não conseguiu contactar o grupo liderado pelos jornais «Semanário» e «Correio da Manhã» e a Emaudio, responsável pelo Canal 3, que acabaram por não se pronunciar.

A proposta de lei do Governo, tal como deverá ser debatida hoje, não parece reunir o consenso dos candidatos. Para Francisco Pinto Balsemão, o documento governamental «enferma de um erro base, ao manter dois canais subordinados à RTP, portanto, ao Estado».

Além desta crítica, Balsemão considera negativo o facto de a cobrança de taxas desaparecer, receando que esta medida, que representa uma quebra de receitas para a empresa pública na ordem dos 30 por cento, possa vir a «implicar o apoio directo ou indi-

recto do Orçamento do Estado à RTP».

Carlos Moreira da Silva sublinha o facto de a proposta do Executivo ter «falta de amadurecimento em vários aspectos, nomeadamente, no que se refere ao tratamento dado à Igreja, às quotas de produção, particularmente quanto à expressão portuguesa e também no transporte do sinal».

Na opinião de Vasco Fraga, «nenhum dos projectos (do Governo e do PS) é perfeito», acrescentando que «será necessário introduzir diversos ajustamentos até à elaboração final de um caderno de encargos».

O representante da Igreja, Magalhães Crespo, prefere não se pronunciar acerca do projecto do Governo, remetendo para a comunicação divulgada pelo Episcopado, aquando do anúncio do projecto.

Condições de igualdade

O compromisso assumido abertamente pelo Governo de privilegiar a Igreja Católica na concessão de um canal ou de parte dele é contestado por dois dos candidatos que ouvimos.

Moreira da Silva é claramente contra. «É inaceitável que a Igreja tenha qualquer privilégio relativamente à exploração de um canal de televisão», afirma, acrescentando que esta instituição não deve ser preferida mas também não deve ter direitos preferenciais.

Pinto Balsemão questiona, sobretudo, o facto de terem de ser os operadores privados a abrir mão de parte de um canal que lhes está destinado, em favor daquela instituição religiosa. «A inclusão de horas para as confissões religiosas nos canais privados não faz sentido», considera.



Pinto Balsemão critica

Vasco Fraga é o único empresário a aceitar, sem obstáculos, esta opção governamental. «Era público que tinha havido um compromisso, embora nunca claramente delineado, e não nos repugna a forma como o processo foi conduzido», diz.

Gente nova e gente experiente

Ao abordar questões mais práticas, ligadas com o funcionamento dos projectos, os candidatos mostram-se reservados, não revelando pormenores.

Interrogado sobre a sua estratégia relativamente ao recrutamento de profissionais, o responsável pela TV-Geste limita-se a afirmar que as alterações provocadas no mercado de trabalho pela nova situação trarão para o sector muitos jovens, não desprezando, porém, a hipótese de ir buscar também trabalhadores com experiência.

E enquanto Moreira da Silva se limita a dizer que o grupo a que pertence tem a sua estratégia própria nessa área, Pinto Balsemão assume claramente a sua intenção de ir recrutar profissionais à RTP, embora não exclua a possibilidade de formar pessoas.

Esta é também a grande aposta do administrador da Rádio Renascença. Para isso foi já

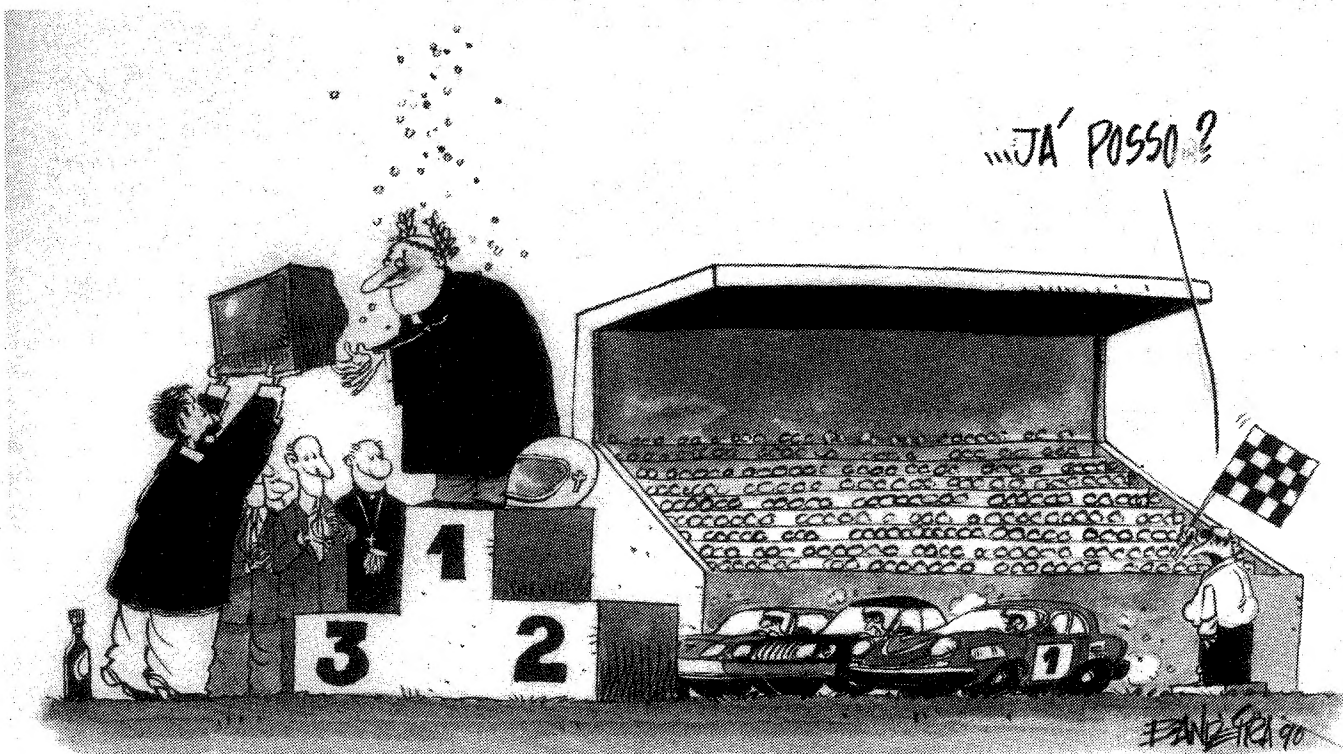
aberto um concurso com o objectivo de formar quadros, estando o início do primeiro curso previsto para Abril.

O problema da aquisição de exclusivos e do acesso dos privados aos arquivos da RTP não assusta os concorrentes à actividade televisiva. O facto de, aparentemente, a televisão estatal estar a estabelecer contratos de exclusividade com diversas congéneres estrangeiras não passa, para Magalhães Crespo, de uma tentativa sem sentido.

«Que a nossa televisão, com a sua dimensão, tenha a veleidade de ter tapado todas as entradas de programas estrangeiros é um exagero», diz. Contudo, todos concordam que essa acção poderá dificultar o funcionamento dos novos canais.

Os empresários ainda se fecham mais quando se mencionam os seus possíveis parceiros estrangeiros. Balsemão apenas fala, em concreto, de contactos com a «Granada Television», da Grã-Bretanha. As conversações com a TF1 francesa é facto aceite por Moreira da Silva. Admite a existência de outras negociações, mas recusa-se a nomeá-las, tal como o faz Vasco Fraga. Magalhães Crespo nem isso reconhece.

LAB/DS



sentido de permitir a passagem à comissão dos dois projectos em debate.

O CDS mantém-se fiel à promessa assumida durante o Governo AD. O porta-voz da bancada centrista em matéria de televisão privada, Narana Coissoró, disse ao DL que «se a proposta do Governo mantiver os mesmos termos, o CDS não votará a favor no debate na generalidade». Os centristas alegam também a inconstitucionalidade, mas consideram ainda mais grave «o desrespeito aos compromissos assumidos pelo Executivo de Cavaco Silva perante os representantes da Igreja Católica». Fica por saber até à hora da votação se o CSD

se abstém ou vota contra os sociais-democratas, numa clara condenação ao Governo. Quanto ao projecto do Partido Socialista deverá haver abstenção. Em matéria de atribuição de um canal à Igreja os socialistas não abdicam da «obrigatoriedade do concurso público, previsto pela Constituição» e algumas vozes consideram mesmo «esta guerra uma birra desnecessária, pois se a Igreja Católica é a mais representativa e tem boas condições económicas possui à partida vantagens, sem precisar de favores políticos».

Arons de Carvalho destaca «a necessidade de fazer cumprir a Lei Fundamental no que respeita às bases

gerais do estatuto da RTP. Os critérios de pluralismo devem ser definidos nesta Lei-Quadro».

Os socialistas vão abster-se na votação da proposta do Governo e devem receber da parte da bancada do PSD a mesma atitude.

O PCP vai votar a favor do projecto do PS e contra o projecto do PSD.

O líder da bancada comunista, Carlos Brito, disse ao DL que «é neste momento pacífica a privatização da televisão. Ninguém está satisfeito com a RTP. É necessário reformar o processo como a televisão é gerida no nosso país». Defende que «a Igreja Católica deve ter um espaço em todas as televisões, bem como as outras

confissões religiosas segundo a sua representatividade», embora não aceite que a lei das privatizações dê à partida privilégios ao clero.

A grande batalha, para o PCP, é a forma como vai ser gerida a rede de difusão de sinal TV. Os comunistas consideram grave o facto de tanto o PS como o Governo «não definirem a quem cabe os vultuosos investimentos nas infra-estruturas que tornam possível a televisão privada».

É na bancada do PSD que a polémica sobre a televisão privada se vai resolver. Aí os parlamentares vão continuar à procura da solução que agrade a «Gregos e a Troianos».

Maria João Rocha

A cruzada da Igreja Católica

A conquista da televisão para a Igreja Católica assume três vias alternativas, revelou ao DL Magalhães Crespo, coordenador deste projecto. A saber: partilhar o canal 2 da RTP com o Estado, detê-lo na totalidade ou ficar com um canal privado por inteiro. Há dez anos, desde que Sá Carneiro garantiu que a televisão também seria católica, que o Episcopado tem vindo a pressionar o poder político para a sua concretização.

Para a elaboração do regime da actividade televisiva, o Governo teve inúmeros contactos com a hierarquia da Igreja, nomeadamente com o Cardeal Patriarca. Até ao dia 7 de Fevereiro, véspera do Conselho de Ministros que decidiria esta questão, o Executivo tinha na sua proposta de lei a concessão de parte do segundo canal à Igreja, sem concurso público.

Até às 3 horas da madrugada do dia 8, Governo e Igreja negociaram os termos do seu articulado, mas com um dado novo: um parecer de Jorge Miranda indicava a possibilidade de declaração de inconstitucionalidade do diploma. O motivo radicava no nº 5 do artº 41º da Constituição que garante «a utilização de meios de comunicação social próprios» para qualquer religião. O princípio exige assim a possibilidade de outras confissões terem acesso a este meio de comunicação. E daí a necessidade de inscrever a figura do concurso público.

O Governo alterou a proposta e remeteu a candidatura do Episcopado para um período de emissão num canal privado. Mas como a religião católica tinha de ser privilegiada, face aos compromissos assumidos, foram previstos critérios de preferência: «maior representatividade» e «melhor identificação



O Cardeal Patriarca está descontente com o Governo

com os valores históricos, culturais, espirituais e morais da sociedade portuguesa». Inequivocamente, este expediente dava todas as garantias à Igreja Católica, só que esta achou que não chegavam. Exigiu que a lei fixasse «condições em termos de horas de emissão e de parceiros de canal» - afirmou ao DL Magalhães Crespo. É que, acrescentou, «não queremos correr o risco de ter um parceiro que defenda no mesmo canal princípios antagónicos dos nossos».

Perante o impasse, a hierarquia católica reuniu, naquela noite, e apresentou a Couto dos Santos, algumas horas antes do início do Conselho de Ministros, uma contraproposta: a atribuição da totalidade de um canal privado, ainda que por concurso público e nos termos preferenciais já estabelecidos no projecto do Governo. Tal

alternativa não foi considerada razoável e o plenário ministerial legitimou a última posição assumida «até porque as pretensões da Igreja estavam salvaguardadas e não se corria o risco de uma declaração de inconstitucionalidade» - afirmou ao DL uma fonte governamental.

De então para cá, inúmeras pressões têm sido desenvolvidas junto do Governo e do Grupo Parlamentar do PSD. Por um lado, «os candidatos a operadores privados estão a tentar empurrar a Igreja para a RTP com o objectivo de poderem dispor de dois canais totalmente livres, por outro lado, a Igreja retiraria benefícios materiais se utilizar a rede já implantada pela televisão pública». A este propósito, Magalhães Crespo reconhece as vantagens que a inclusão do projecto da Igreja no Canal 2 tem para os restantes candidatos, mas não exige condições de privilégio na utilização da rede de distribuição do sinal televisivo.

A Igreja Católica pretende «ver o mundo com outros olhos», como já publicitou. Depois de conseguir grande implantação na Imprensa regional, ter uma estação de rádio nacional das mais potentes no País, dotada de onda curta (o que a coloca como a única no Mundo com este privilégio), pretende agora partilhar a televisão pública para expandir a sua influência. Não seria a primeira vez que isto acontecia. A Rádio Renascença participou no lançamento da televisão em Portugal e chegou a deter parte do capital da RTP, intervindo durante anos na sua administração. Esta situação só viria a terminar quando a Televisão Portuguesa foi nacionalizada.

António José Teixeira

COMENTÁRIO

À sombra do Patriarca

A princípio tudo era fácil: o Governo abria a televisão à iniciativa privada, mantinha os dois canais já existentes, dava autorização para mais dois serem criados e, num desses, reservava espaço à Igreja Católica. Cumpria assim uma promessa feita no quente Verão das eleições de 1987, alargava ao capital privado mais um sector da economia, «normalizava» a situação portuguesa.

Aliás, o Governo não estava sozinho neste desejo de normalização. Meses antes de Cavaco Silva anunciar, a 9 de Fevereiro, mais esta mudança estrutural, o Partido Socialista tinha apresentado na Assembleia da República o seu projecto de televisão privada. Com mais semelhanças do que diferenças - excluindo as facilidades concedidas à Igreja Católica, e a estrutura administrativa dos canais já existentes - os diplomas pareciam passíveis de serem fundidos e completados em discussão na especialidade, criando um único texto que, prometeu também o primeiro-ministro poderia entrar em vigor antes das férias parlamentares.

Em menos de um mês este cenário optimista revelou-se de todo ingénuo. Mas, ao contrário do que muitos previam, a contestação ao Governo não partiu da Oposição. O PSD encarregou-se de a fazer. Lembrando «uma promessa de Sá Carneiro», mais histórica, portanto, do que a feita por Cavaco Silva, um grupo de deputados sociais-democratas achou por bem chamar a si a defesa dos interesses da Igreja Católica, e para ela diz querer mais do que o estipulado pelo Governo: um canal inteiro e já montado.

O que move os deputados neste súbito «fervor» religioso? O mito Sá Carneiro, que tantas outras coisas tem explicado? Talvez as razões sejam mais prosaicas: se à Igreja for dado um dos canais já existentes, os que vão ser licenciados ficam inteiramente livres para concorrentes laicos. Vários estão à espera e nenhum parece querer partilhar espaço com programação religiosa.

Para justificar as regras que o Governo alega ao abrir a televisão à Igreja, a estrutura de tal canal terá de respeitar regras específicas, incluindo publicidade, ligação de programas, passagem da programação católica à laica. O contrário seria ferir os princípios maioritariamente religiosos do eleitorado português, que na proposta do Governo justificam o privilégio dado à hierarquia religiosa.

Mas também não está posta de parte a possibilidade de a Igreja querer um canal para utilizar em moldes religiosos, acompanhados das mais elementares regras de mercado: ou seja com lucro. A Rádio Renascença também foi criada para difundir a mensagem católica e consegue conciliar as duas coisas.

Tem bons níveis de audiência, regras noticiosas marginadas por princípios morais - e dá lucro.

A palavra dinheiro tem muita força no jogo em que, afinal, se inclui mais esta mudança estrutural. Resta saber se para ter um compreensivo direito a auferir lucros a Igreja não devia submeter-se às regras estabelecidas para os restantes candidatos e pôr de parte a veleidade de ser «primeiro entre iguais».



Maria Guiomar Lima

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos**.

Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa**.
Secretário-geral: **Jorge Galamba**.

Director: **Mário Mesquita**
Directora-adjunta: **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção: **Acácio Barradas**
Chefes de redacção-adjuntos: **José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho**

Redactor-principal: **João Paulo de Oliveira**
Coordenadores de Secção: **Adelino Cardoso, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão**

Redactor-paginador: **António Ribeiro Ferreira**

Redacção e reportagem fotográfica: **Almeida Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, António José Teixeira, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias de Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), José Tavares, Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco**

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alves Henriques, Daniel Oliveira, Francisco Paraiso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim**.

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Gratistas: **Ribeiro da Silva** (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores: **José António Carvalho, Jorge Santos e Óscar Figueiredo**

Secretária de Direcção: **Maria Eduarda Soutello**
Secretaria de Redacção: **José Agostinho** (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade: **Luísa Valadas**

Gestor de Informática: **Luís Cantelero**

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60\$00; na Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.



PORTE PAGO

Projectos do PSD e PS

Igreja: a maior divergência

Os dois diplomas que a Assembleia da República vai hoje apreciar sobre o exercício da actividade de radiotelevisão, uma proposta de lei do Governo e um projecto de lei do Partido Socialista, têm muitas similitudes quanto às novas realidades a criar e às emissões por operadores privados. Mas apresentam divergências fundamentais de conteúdo quanto ao serviço público, ou seja, quanto à forma como a RTP o continuará a exercer em dois canais.

Há, no entanto, sobre os novos canais (quantos serão, nenhum dos textos o diz, embora o Governo já tenha feito saber que vai licenciar dois) uma divergência de fundo: o Governo admite a possibilidade de privilegiar a Igreja Católica e outras confissões religiosas na atribuição de parte de um dos canais privados, enquanto o PS sujeita a Igreja e quaisquer outros candidatos à regra geral do concurso público.

Diga-se, antes de mais, que o projecto socialista já foi discutido mas não votado no Parlamento tendo ficado mais de um mês no congelador, à espera da proposta do Governo para serem cotados, hoje mesmo, os dois documentos no plenário, em debate geral sobre a abertura da televisão à iniciativa privada.

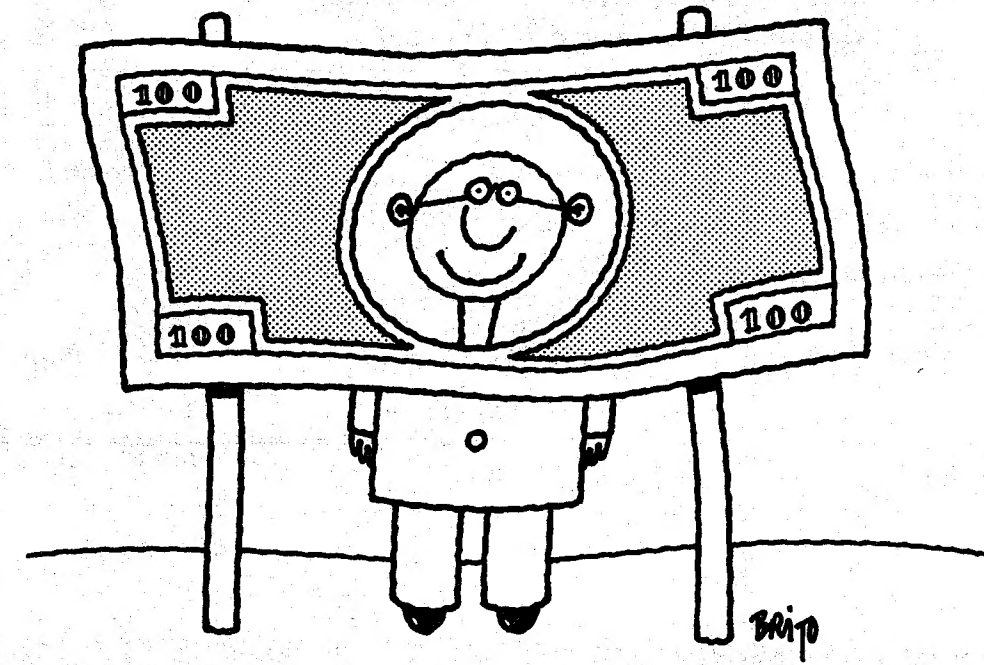
Convergência de base sobre canais privados

As intenções do Governo e do PS convergem no sentido de concessão dos dois canais de serviço público à RTP-EP, pelo espaço de 15 anos, e condicionar o acesso aos canais privados por parte de empresas portuguesas e, ainda mais, à participação do capital estrangeiro. Sobre este último ponto as divergências são meramente quantitativas.

Assim, para o Governo, nenhuma pessoa jurídica individual ou colectiva pode deter mais de 25 por cento do capital social das sociedades anónimas candidatas, enquanto o condicionamento do PS vai até 30 por cento.

PS e Governo limitam a 10 por cento a participação do capital estrangeiro e, se bem que o PS revele o cuidado de abranger as participações indirectas - estão em causa os capitais cruzados em empresas de matriz nacional - o Governo exige que o capital seja titulado por acções nominativas, susceptíveis de produzirem os mesmos efeitos de controlo. A proposta exige o capital social mínimo de dois milhões e meio de contos às sociedades anónimas candidatas. O projecto é omissivo, embora conte as melhores garantias financeiras entre os factores que privilegiam o licenciamento.

Ambos os textos vedam o acesso à propriedade da televisão por partidos políticos, autarquias e associações sindicais e patronais, mas am-



bos asseguram o direito de antena, no serviço público de televisão, aos partidos representados aos parlamentares: 10 minutos anuais e mais um minuto por deputado. Convergem, também, no mesmo sentido ao assegurarem o direito de resposta nos canais públicos e privados.

Detecta-se uma visível preocupação nos dois diplomas em defender a produção própria de cada estação emissora, a produção nacional e a produção proveniente da Europa comunitária. Mas também aqui há diferenças quantitativas e a nuance governamental de escancarar as portas da televisão à produção brasileira já que os outros países de expressão portuguesa têm uma capacidade insignificante de produção própria. As quotas mínimas defendidas pelo Governo são de 10 por cento de produção própria, 50 por cento de expressão portuguesa e, progressivamente, da Comunidade Europeia, até ser maioritária. Segundo o modelo socialista, a produção

deve ser 20 por cento própria e 40 por cento nacional, com a recomendação de crescer a originária da CEE, até se transformar em maioritária, desde que esse desiderato seja exequível. O Partido Socialista vincula os novos canais à compra de 10 por cento dos seus programas a produtores europeus independentes, de preferência produzidos há menos de cinco anos.

Quer o Governo quer o PS impõem a existência de serviços noticiosos regulares, assegurados por jornalistas profissionais. O PS defende também a existência de Conselho de Redacção, nos termos e nas competências da Lei de Imprensa, nas estações com, pelo menos, cinco jornalistas profissionais. O Governo é omissivo neste ponto.

É no posicionamento perante o serviço público de televisão que são mais profundas as divergências entre as intenções manifestadas pelo Governo e o PS. Isto porque, se ambos renovam a atribuição desse serviço, em dois canais, à Radiotelevisão

Portuguesa EP, o Governo remete para um posterior decreto-lei a aprovação do respectivo estatuto. Quanto ao PS, esse trata de cuidar já do futuro ordenamento da super estrutura da empresa, para a subtrair ao controlo governamental. Nomeadamente, se o projecto do PS vingasse, o actual Conselho de Gerência demitir-se-ia, automaticamente, para ser substituído por um CG composto por cinco membros, dos quais nenhum de nomeação governamental.

O projecto socialista determina a existência de um Conselho Geral, 25 a 30 membros representativo de múltiplos interesses da sociedade civil e de instituições políticas. Esse Conselho Geral compreenderia, nomeadamente, representantes do Governo, Assembleia da República, confissões religiosas, municípios, movimento cooperativo, Sociedade de Autores, Conselho de Reitores das Universidades, sociedades de recreio e consumidores, trabalhadores da

empresa, Conselho Nacional da Juventude, Conselho Económico e Social e membros cooptados entre personalidades de reconhecido mérito. A deliberada intenção de afastar a influência do Governo no serviço público de televisão levou o PS a defender também que os representantes do Governo e da Assembleia da República neste Conselho Geral não podem exceder um sexto do total dos seus membros.

O Conselho de Gerência de modelo PS no serviço público de televisão seria constituído por cinco membros, três eleitos pelo Conselho Geral e dois nomeados pela Alta Autoridade para a Comunicação Social. O Governo só actua na RTP, caso vingue esta solução PS, através da Comissão de Fiscalização composta por três membros todos nomeados por despacho conjunto dos ministros da Tutela e das Finanças.

Proibir: uma questão sensível

O Partido Socialista avança também com a definição das competências dos directores de estação e vai ao ponto de determinar que o limite de filmes de longa metragem a transmitir seja periodicamente fixado pela Alta Autoridade para a Comunicação Social.

Há ainda a questão da publicidade e da proibição de certos programas eventualmente ofensivos da sensibilidade dos telespectadores e em que as posições do PS e do Governo divergem substancialmente.

Quantitativamente, ambos defendem limites de 15 por cento à publicidade no tempo geral de emissão ou 20 por cento em cada período de uma hora de programação. Mas o Partido Socialista regulamenta até à exaustão o que pode e não pode ser publicitado e até a forma de o fazer (cigarros, bebidas alcoólicas, entre outros, como se de um Código da Publicidade se tratasse neste projecto de lei da televisão).

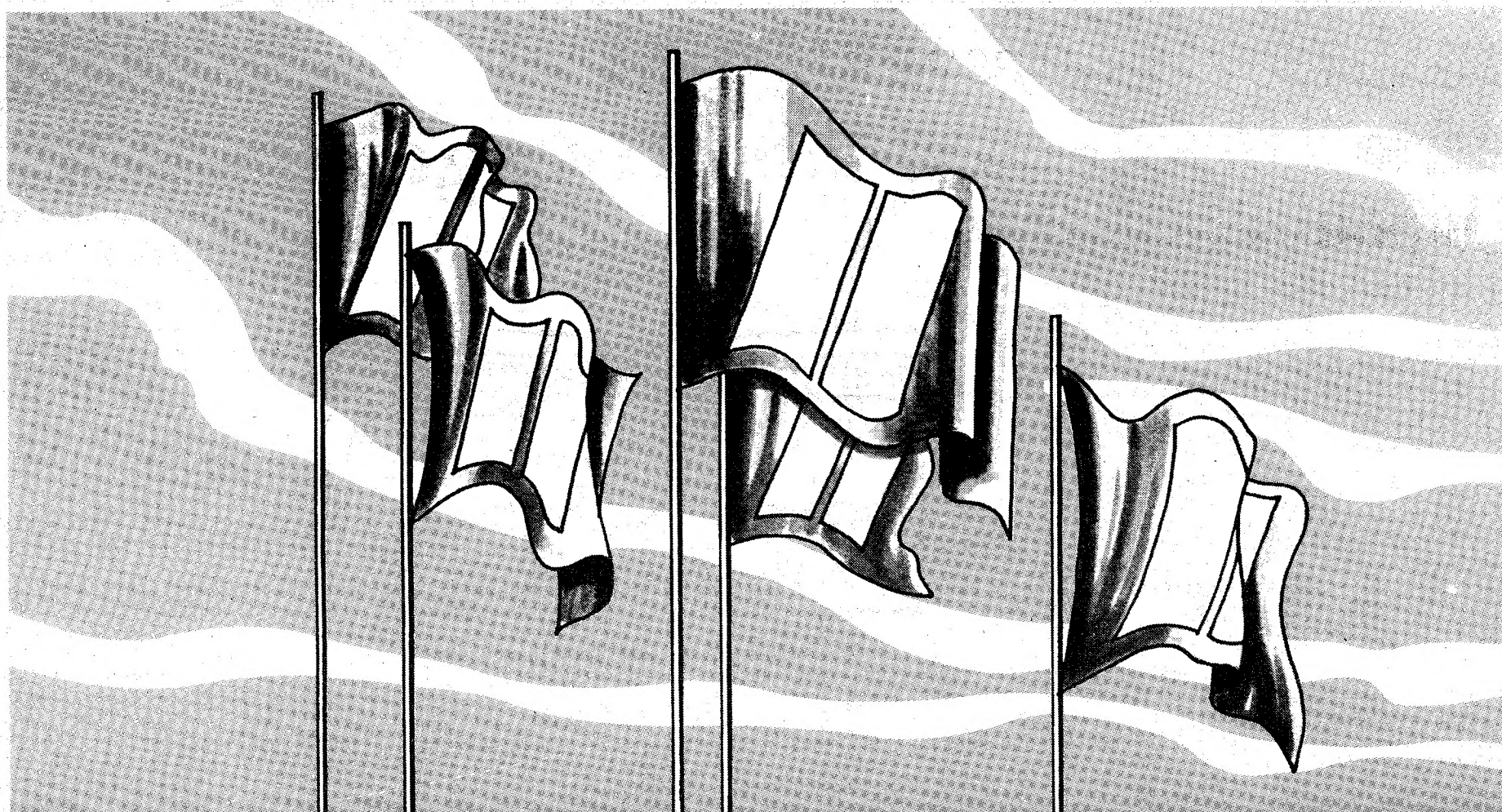
Sobre a proibição de programas, o PS limita-se a dizer que «não é permitida a transmissão de programas ou mensagens que incitem à prática de actos ilícitos ou sejam contrários à lei penal», embora prevendo a identificação obrigatória (tal como faz a proposta do Governo) dos programas eventualmente prejudiciais ao desenvolvimento mental ou moral dos menores.

O Governo vai muito mais longe nas proibições sublinhando não ser permitida a transmissão de programas «pornográficos ou obscenos», assim como os programas que «incitem à violência, à prática de crimes ou, genericamente, violem os direitos, liberdades e garantias fundamentais».

Daniel Reis



As propostas em debate fazem prever que hoje haverá no Parlamento mais uma «noite das facas-largas»



Sistema Usado Seguro

10 DE MARÇO

FESTA
EM

ALFRAGIDE

**Serviço
Permanente
de Autocarro**

Das 10 às 17 horas, entre a sede Fiat Amoreiras
e o local da Festa (Instalações Fiat em Alfragide).



**Sistema
Usado Seguro**

Fiat Auto Portuguesa, S.A.

Neste sábado, dia 10 de março, você tem um encontro
marcado com o **Sistema Usado Seguro**. Uma festa a não
perder para conhecer de perto as novas e modernas
instalações da marca **S.U.S.** em Alfragide.

Banda de música, cocktail e muita descontração, para além
de uma excelente oportunidade de comprovar as vantagens
e a qualidade dos carros usados do **S.U.S.**

Traga a família! Convide os amigos!

A nova marca **S.U.S.** espera por si!



FORUM

TELEVISÕES PRIVADAS: A LUTA PELAS INCOMPATIBILIDADES LEGAIS

Por Artur Castro Neves

Saíram os projectos para a autorização e regulamentação das televisões privadas em Portugal. Enfim!

Reacções: os homens políticos, relativamente satisfeitos, pelo menos não revoltados; os jornalistas, perfidamente, sublinham a vitória dos lobbies estatais, isto é, da RTP; os grupos audiovisuais privados manifestaram descontentamento. Ainda bem. Num país republicano, democrático, laico, jacobino, é assim que deve ser.

Antes, porém, de continuar, um parêntesis para arrumar o tema da Igreja e da sua «televisão».

Num país que já o dr. Salazar descrevia como de tradições anticlericais, parece uma incongruência, em 1990, falar de uma televisão para a Igreja. A Igreja quer envolver-se nos conflitos da sociedade civil, quer aceitar o desafio de maquilhar a sua mensagem com uma política de audiências e a uma contabilidade comercial.

O projecto de lei do Governo deflaciona terrivelmente estas ambições. Justiça seja feita: com o conjunto de promessas sucessivas que herdou, não podia fazer melhor, nem menos.

Quotas

Finalmente o Governo abordou o problema das quotas, que são os limites mínimos de produção nacional, e europeia, de produção original, de produção própria e alheia, a que os operadores, privados como públicos, têm de se submeter.

Os mínimos propostos são uma boa notícia, embora faltem definições e regulamentações que poderão desvirtuar a promessa.

Produção independente

A reserva de 10% para a produção europeia independente, parecendo uma das propostas mais aliantes e animadoras do projecto do Governo, não tanto pelo número, que nos parece muito pequeno, mas pelo princípio que estabelece. Esta norma assegura indirectamente uma outra que gostaríamos de ver explicitada na Lei: a incompatibilidade (ou o grau de incompatibilidade) entre o operador e o produtor.

Trata-se de uma condição para evitar o enfeudamento dos produtores aos operadores; assim como o aparecimento de sociedades de produção audiovisual filiais dos operadores, organizando a evasão fiscal e o «racket» dos fundos de ajuda à produção, desvirtuando-lhes a função em benefício do operador.

Os mínimos de produção própria e exigidos parecem-nos

pequenos, se tivermos em conta que «noticiários» e «reportagens» podem preenchê-los facilmente. O que nos parece urgente é definir uma exigência de recurso a produção alheia.

Uma norma que repartisse os mínimos de produção nacional em «própria» e «alheia» teria o efeito de proteger os produtores independentes portugueses, em especial.

Os argumentos que convenceram o Governo da necessidade de proteger a indústria audiovisual europeia, perante a americana e a japonesa, aplicam-se por maioria de razão à indústria portuguesa perante a europeia.

Produção original

O projecto de lei do PS propõe um mínimo de produção «menos de 5 anos». Pensamos que o conceito de produção original seria mais justo, e o período de 5 anos é demasiado grande para a circunscrever.

Até ao aparecimento de um novo aparelho ideológico não teremos outra oportunidade para impulsionar a produção audiovisual. É preciso estar enredado numa vivência lisboeta, obnubilado pela compreensão dos regulamentos de assistência financeira do Instituto Português de cinema e pelas oportunidades escassas (embora extraordinárias) do fundo de Programas da RTP/SEC, para não ver e conhecer a proliferação de iniciativas regionais e locais de jovens cineastas do filme ou do vídeo.

A produção original deveria ser definida de modo a abarcar não só a produção de noticiários e reportagens, mas também o «documentário de criação» e a ficção.

Isto sem qualquer menosprezo pela produção jornalística: esta é fundamental para que o operador seja independente.

Publicidade

A proposta do Governo (assim como a do PS) propõe um aumento do tempo médio de publicidade autorizada: 9 minutos/hora em vez de 8.

Mais do que um exagero, ou de um erro tático, esta proposta apenas sublinha o peso do sector publicitário no audiovisual português, que os produtores ainda recusam encarar. Que fazer? Encolher os ombros?

Sugestão

Já que são estas as intenções do governo em termos de Caderno de Encargos para o sector audiovisual, porque não, desde já, começar a aplicá-lo no actual serviço público? Seria uma maneira de a produção portuguesa começar a adaptar-se aos novos tempos.

AUTO-RETRATO

O auto-retrato é um desafio que o DL continua a lançar às mais diversas personalidades da vida pública portuguesa. Duas vezes por semana está nestas páginas. Hoje é a vez de Fernando Dacosta

O

s espelhos podem ser, sobretudo na variante de auto-retratos, autobiografias, auto-entrevistas, territórios volúptuosos para a imaginação.

Sob alibis deslizantes exultamos ou devastamos-nos em vertigem — se os outros só vêem em nós o pouco que somos, por que não havemos nós de ver o muito que não somos?

A um editor que recentemente lhe solicitara a autobiografia, Agostinho da Silva respondeu que sim senhor, fá-la-ia com o máximo gosto, mas com a máxima invenção.

Aceite o jogo, este, eis-me ao espelho fingindo que a imagem reflectida não é para ser levada a sério, maneira de o ser.

Como gosto razoavelmente dela (imagem) e de mim, gosto razoavelmente dos outros, por vezes eles fascinam-me mesmo, exceptuando, claro, os que não vão com a minha cara nem com a minha escrita. São poucos, mas empenhados nisso.

Se não me fizessem falta (os inimigos de que nos falta tempero) carregava, como o Mandarim, num botão e mandava-os, não sou nada de dar a outra face, com grande deleite para o Mafarrico — não passam de uns trastes, uns invejosos que não suportam camisa lavada em pobre.

Bom, esta imagem é um pouco miserabilista para o meu estilo, detesto sê-lo tanto como ser vítima, não gosto de rebocadores nem de rebocados.

Tudo o que tenho tenho-o por opção; é por opção que, por exemplo, vivo em Portugal (se ele me enojasse ia-me embora), é por opção que escrevo jornais e livros, me coloco em periferias, me escuso a modas, a traficâncias, me assumo, com custos que não conto, selectivo, perfeccionista, heteronómico e outras coisas que a prudência aconselha a preservar.

Viver com gentileza, com generosidade (para com os outros e para comigo) é-me suficiente. Em termos literários um romance de cinco em cinco anos bastame, mas pode ser, para as minhas energias e para a paciência dos leitores de mais.

Se o senhor ministro das Finanças, se o senhor director-geral dos Impostos, se os senhores deputados que os votam precisam de livros para sugar, que os escrevam. É inacreditável que afirmem (e fizeram-no há dias) que os escritores o são por prazer, pelo que não merecem qualquer disposição tributária (aliás, a profissão de escritor não é sequer reconhecida oficialmente); é inacreditável que eles taxem como rendimento do ano da publicação um livro que leva três, cinco ou mais anos a preparar.

Nada disto é, porém, muito grave; no tempo de Camões era pior, havia tença, é certo, mas havia 94 por cento de analfabetos. Há muito que Portugal se tornou um país singular para os escritores: dá-lhes estatuto social de *vip* e económico de *pedinte*.

Padre António Vieira queixava-se que tendo um palácio para viver (a «História do Futuro») via-se obrigado, por subsistência, a habitar choupanas (os sermões).

Se um dia fossem dadas condições aos criadores portugueses, e bastava que o fisco respeitasse a especificidade do seu trabalho, a cultura dava um salto. A inquisição, a mesquinhez, a maldade, a arrogância continuam, porém, a habitar o País, em cima e em baixo, na esquerda e na direita, no Poder e na oposição. Tenho, como todos os que se metem à chuva, apanhado com isso; o humor tornou-me, no entanto, isso um jogo, um divertimento incentivado pelos impagáveis bobos da República.

Pessoalmente as coisas chegaram-me sempre tarde, fracassos e êxitos, golpes e generosidades, quando crescera já, felizmente, o lastro do despendimento.

Entre nós a qualidade é muito lenta, muito difusa,

tanto que só alguns a percebem, daí o continuar mal retribuída, mal tolerada; o trabalho criativo é ainda avaliado e pago a metro, a relógio, a balança — uma decepção!

Se ser português é não ligar ao dinheiro, então sou-o de quatro costados, embora me chateie sinceramente ver tecnocratas de terceira ganhar três vezes mais do que eu.

Como nunca tive grandes ilusões (ideológicas, políticas, sociais, monetárias) não tenho grandes desilusões.

Surpreende-me mesmo ver os da minha «geração» (com aspas) a fungar, nas horas vagas, em bares, colóquios, jornais pela revolução perdida/traída enquanto nas outras horas se desunham a conceber dinheiro e rebentos, a subir de carro e de casa, a pôr-se em bicos de pés, com as esposas, nos «jet-sets» caseirinhos.

O que me vale é que não acredito nelas, gerações, nunca me pareceu que as houvesse enquanto tal; as épocas, os acontecimentos, os sonhos, as memórias, os afectos são vividos por pessoas de todas as idades, em todas as idades.

Acho patético o afã com que alguns insistem em encafiar-nos nas suas minúsculas prateleiras. O ter passado a existência a não me deixar reter nelas foi-me importante pois preservou-me a irreverência do não compromisso, a liberdade da não posse, a diferença do não-alinhamento, coisas fundamentais à qualidade da escrita.

Esta, por sua vez e sorte minha, não tendo hoje, em Portugal, escolas nem papas, permite todas as diversidades, todas as ousadias.

Como consequência está a recuperar as suas características peculiares, o lírico, o barroco, o religioso, o simbólico, o fantástico, o profético (Pascoaes diz que a grande literatura portuguesa é profética), águas que são (vejam-se Padre António Vieira, Camões, Bernardim, Garrett, Junqueiro, Camilo, Patrício, Pascoaes, Aquilino, Florbela, Brandão, Pessoa) visceralmente nossas.

Em termos pessoais retoco neste momento um romance que me dá uma enorme perturbação, como se fosse um planeta onde tivesse uma existência mágica. Retoco-o e dilato-o sem vontade de o terminar, é fascinante o poder desse poder, o poder alterar o tempo e o espaço, os conflitos e os sentimentos... se pudesse retinha-o só para mim, não o dava aos editores, nem aos leitores, nem aos amigos, nem aos inimigos, nem ao fisco, se pudesse torná-lo-ia o meu «Rolls Royce» privado e deixava-me embalar para sempre na ilusão de ele ser um grande, grande romance — para quê lançá-lo na água gelada dos escapates?

Só a disponibilidade nos solta, nos permite captar rumores, reminiscências. A escrita, o convívio, o lazer, o humor, o sonho são fiós para ela; quase ninguém o entende, no entanto, somos gente de biscate, somos terra onde a qualidade não tem reconhecimento, onde a cultura dominante é subcultura, na TV, no bar, no partido, na moda, nos «tops», nas cartilhas, na macaqueação. Só a disponibilidade nos permite olhar o horizonte e não enjorar.

Bibliografia: «Um jipe em segunda mão», 1982, teatro, esgotado (Grande Prémio RTP, Prémio da Associação Portuguesa dos Críticos de Teatro, Prémio Casa da Imprensa, Troféu Nova Gente); «A Súplica», 1982, teatro, esgotado; «Sequestraram o Senhor Presidente», 1983, teatro, segunda edição; «Os Retornados estão a mudar Portugal», 1984, narrativa, esgotada (Prémio Clube Português de Imprensa); «O Vívoro», 1986, romance, terceira edição (Prémio Literário Círculo de Leitores); «A nave adormecida», 1988, teatro, Teatro Aberto.

Nó prelo: «A Paixão de Marrocos», narrativa, e «Os Infieis», romance.



FORUM

público e privado

A PANTERA
NA ASSEMBLEIA,
ENQUANTO FORA
LHE PREPARAM
A JAULA

Todos os movimentos, mesmo o actual movimento estudantil — a Pantera — assim como os outros que no passado o precederam, têm duas almas. A primeira é a revolta contra uma instituição concreta, contra um obstáculo definido; como a Lei no movimento de 1968 e a Ruberti hoje. A segunda é universal, o aparecimento imprevisto de uma nova solidariedade, de uma fraternidade, de uma necessidade frenética de comunicar, de inventar. A impressionante intuição de que o mundo, a sociedade, não são dados rígidos mas que, pelo contrário, podem ser renovados, recriados, regenerados.

Falando com os estudantes universitários reunidos em Florença, Giuliano Zincone observa que «seria preciso partir do nada para inventar uma outra política, um outro jornalismo, uma outra vida». É isto exactamente que caracteriza o movimento, a sublime e louca tentativa de começar tudo do princípio. Estes jovens olham o mundo como ele é, com os seus compromissos, as suas hipocrisias, as suas estruturas consolidadas de poder; olham-no de fora, como se não fizessem parte dele, como se jamais devessem ser por ele contagiados. E, no entanto, o compromisso histórico com o mundo é inevitável. Cada movimento, para poder conservar a sua energia, a sua esperança, vê-se obrigado a criar estruturas, regras, instituições.

Neste momento, o movimento estudantil anda à procura de instituições democráticas. Na sua fase nascente, a democracia realizava-se directamente na assembleia, pelo contacto directo, todos a seu turno tomando a palavra. No cálido sentimento de fraternidade que nasce de se sentirem iguais, com os mesmos problemas, os mesmos adversários, os mesmos desejos, os mesmos ideais.



Francesco Alberoni

Mas não é possível constituírem-se assembleias de cem mil ou duzentas mil pessoas de cidades diversas. Acontece que algumas, os líderes, os membros mais activos, falam em nome de todos os outros. Mas os movimentos recusam a ideia de um líder, recusam ser representados. Por este motivo, os que partem fazendo a título de delegados ou de porta-vozes, obrigados portanto a manifestarem-se em assembleia.

Surge assim a primeira ficção, o primeiro sério afastamento do que se desejava sem intermediários. Porque, na realidade, formou-se já um grupo dirigente, uma classe política. Mas que afirma não existir. Fá-lo para realizar o sonho de uma democracia directa, fundamentada sob uma perene mobilização colectiva. Sonho que, frequentemente, esmorece porque as massas não vivem em continuação, dispersam-se.

E este é o problema da democracia. Inventar instituições que recolham a energia participativa do movimento, a mantenham viva, favoreçam a participação do maior número possível de pessoas, pelo menos em datas fixas, nas eleições.

Sobre este ponto, o movimento de 68 faliu totalmente. Recusando a democracia representativa em favor de uma de presença global, desencorajou a participação nas eleições universitárias, esvaziando-as de significado.

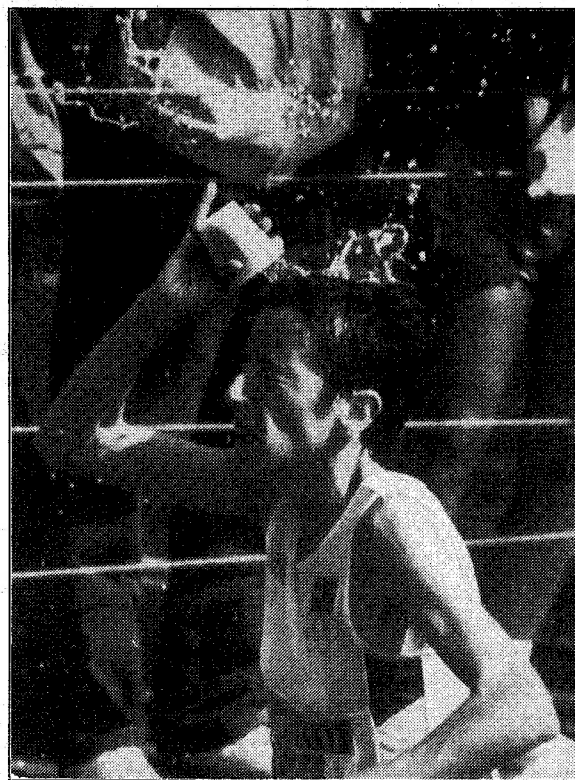
Veremos o que conseguirá fazer este novo movimento. Mas pelo que é dado saber, parece que o novo grupo dirigente não aprendeu muito com o passado. Provavelmente pensava poder passar ao lado. É pena, pois foram precisos diversos séculos para edificar os mecanismos democráticos

e não é fácil reinventá-los. Assim, o resultado mais provável é que, no fim, a liderança seja assumida por algum dos grupos políticos mais organizados, provavelmente os comunistas e os católicos.

O conflito que opõe a Federação Portuguesa de Atletismo a Rosa Mota excede, de há muito, os limites de um evento corporativo e torna-se, dia a dia, paradigmático. Não estranha, pois, que sobre ele se pronunciem também os que, nenhum vínculo mantendo com a modalidade, entendem emitir um juízo que pondere a relevância menos imediata do que está em causa.

A Rosa povoou, em sucessivos roubos de grandeza, alguns lugares dilectos da nossa memória comum. Vimo-la, nas metas das sete partidas, antes e depois de Seul, erguer os braços num êxtase de vitória que nos fez, de certo modo, ganhadores. O sorriso que nos chegava no pequeno ecrã não tangia a lusa corda plangente do fado quotidiano; nem exprimia o desdém pelas companheiras de longada, classificadas atrás de uma refrega em que participar era já em si bastante. Pelo contrário: desenhava o halo fraterno do que somos (ou devemos ser), no triunfo e na derrota, por muito que a esta nos habituássemos até à medula acidulada ou nevrótica. Vimo-la correr com a serenidade confiante no rosto, entre as timoneiras de um pelotão e, transposta a interminável distância, querer-se solitária nas passadas que a identificariam como campeã em nome de Portugal. Sabíamos, é claro, que, a preceder os êxitos, moravam os treinos, a centelha temerária, o método e a aventura, o rigor e a criatividade. Sem apoio adequado, fustigados por incompreensões e desacertos. Mas responsabilmente doseados. Vimo-la, no *podium*, uma e outra vez, de olhos orvalhados por um hino e uma bandeira alto erguidos ante a comunidade internacional. Nesse instante dobrávamos, no conforto das nossas casas, nos espaços públicos onde um televisor acordava magias e emoções, o reposto Cabo da Boa Esperança. E, fartos de vil tristeza, rejubilávamos. A margem de qualquer nacionalismo patriótico, por certo que rejubilávamos. Vimo-la, vê-la-emos.

No entanto, multiplicavam-se incidentes, no plano das relações entre o organismo federativo e a atleta, de que desaguvavam ecos soturnos na perplexidade de cada um. Ao redor da participação de Rosa Mota nos Jogos Olímpicos, nas competições de nomeada à escala mundial, perfilaram-se sombras minazes. Indiferentes a tudo, aos apelos à sensatez e ao sentido de justiça, elas teceram a intriguinha mansa, o ajuste de contas obsoleto, a instabilização psicológica de quem deveriam deixar, proficientemente, a preparar o imparável progresso de uma carreira que, com vibração, aplaudimos. Pior: forjaram retaliações e ameaças, engrossaram o tom, brandiram argumentos pífios em estado de quase apoplexia. E, afinal, tudo era simples e lano: em vez dos articulados de um regulamento perimido pela vida (espécie de RDM ou «Livro Sagrado» para

A RANGENTE
MELANCOLIA

«Os portugueses, ainda que revéis a juízos infalíveis, já deram razão a Rosa Mota»

fundamentalistas em transe) - o diálogo tranquilo, maturizador de consensos e soluções; contra a intolerância, a invidia, o varapau primário do procedimento administrativo à mão - uma lógica de tratamento diferenciado, pela via das discriminações positivas justificáveis e assegurando compromissos nacionais elementares, do que, ao olhar de um povo inteiro, é afirmação pletórica de uma singularidade; engenho e não estatuticismo anacrónico; lucidez e não estreiteza de vistas.

Um Setembro pretérito, a medalha de ouro que fulge na lembrança colectiva, os lances que prolongaram, em vários certames, a senda do sucesso. E, em Julho último, a mudança de dirigentes na FPA, a expectativa sã de uma pedra benfeza sobre a intemperança e o erro, o contencioso fomentador de excessos, a controvérsia estéril nos meios de comunicação social. Ao que observamos, frustraram-se as esperanças que animávamos: após Osaka e os desenvolvimentos das semanas transcorridas, não há, porventura, benefício da dúvida que resista...

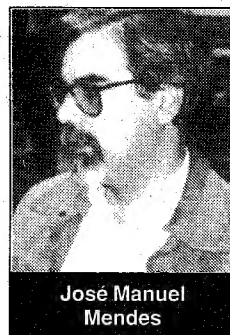
Ocorre-me, com as óbvias adaptações, a sorte dos júris que ignoraram, na hora precisa, Eça de Queirós e Fernando Pessoa (para não aludir a situações que se prevaleçam de uma desinência de actualidade). Diga o leitor, a quem reconheço o direito a fardos minutos de esforço para espezivar reminiscências, a crisma de um, um só, dos julgadores que, preterindo o romancista de *Os Maias* e o Poeta, cometeram a frioleira de acreditar na perdurabilidade do seu gesto... A história é, em

regra, implacável! Os portugueses, ainda que revéis a juízos infalíveis, já deram razão plena a Rosa Mota. Ou, então, de modo radical, compreensível, recusam-se a considerar sequer os arrazoados que amofinam o percurso de glória de uma mulher que, perante o País, abjura de condutas altaneiras ou sensacionalistas, exornando-se de uma afabilidade tocante nas maratonas de prestígio e rédito como nas ruas em que se efectivam as iniciativas populares, semente de futuro que se não menospreza.

Cabe ao Governo, na regulamentação da Lei de Bases do

Sistema Desportivo, estruturar critérios flexíveis para um regime da Alta Competição sintonizado com as alterações que urgem. Aí, conquanto através de normas gerais e abstractas, se poderá, ultrapassando os bloqueamentos e inépcias que nutrem o estulto diferendo com Rosa Mota, pôr termo a um caso que se revelou sintomático da grave moléstia que atinge, em larga escala, a autarquia do desporto: uma simbiose de intransigência e falta de rasgo, percutida pelo escalracho do espírito mediano e a rangente melancolia das decepções acumuladas. É preciso remover os estorvos formalistas, insuflar ânimo empreendedor nos que, alheios a brumas e vendavais, porfiam nas corridas, nas práticas de um velho ideal agregador. Com dignidade e competência. Acima das querelas periféricas, do fraseado de circunstância, das brigas político-partidárias ou de grupos, dos cantares de sereia da conjuntura.

Rosa Mota, a que concitou tantos painéis de euforia e, a par de Carlos Lopes, nos impôs ao respeito da opinião qualificada e do público de todas as latitudes, é um símbolo: junto dela, para lá dela, inúmeros praticantes nos honrarão com façanhas credoras de registo vivaz. Será imperdoável tolher-lhes o destino mediante evicções mesquinhas de uma pobreza de utopia contrabandeada na face do hiperlegalismo. E não se esqueça: a Rosa pertence, por brilho próprio, à abóbada das nossas estrelas afectuosas. Ninguém despromove, independentemente dos périplos racionais, os que o coração elege.



José Manuel Mendes

FORUM

GENEALOGIAS DA ACTUALIDADE

A RESERVA DA VIOLÊNCIA

Na manhã do dia 16 de Fevereiro, explodia no anfiteatro E da Faculdade de Medicina da Universidade de Louvain, em Woluwe, nos arredores de Bruxelas, uma terrível bomba de que resultariam 49 estudantes feridos, dos quais seis em estado muito grave. Em 1 de Dezembro de 1989 e em 6 de Dezembro de 1988, idênticos atentados haviam já ocorrido na Universidade Livre de Bruxelas. Há poucos meses, numa Universidade canadiana, um tresloucado atirava a matar sobre cerca de 50 raparigas antes de virar a arma contra si e de se suicidar. Ainda não se apagaram, entre nós, os ecos da selvajaria com que, em Lisboa, um punhado de «skinheads» espancou barbaramente e matou.

Casos como estes tornam-se cada vez mais frequentes no nosso mundo. É, no entanto, a sua forma aparentemente gratuita, sem finalidade ideológica nem reivindicações manifestas, que os torna sintomáticos. São a prova de que o nosso tempo, apesar do seu pragmatismo, do seu tão proclamado fim das ideologias, não é necessariamente menos violento do que as épocas em que as lutas ideológicas ensanguentaram e dilaceraram sociedades inteiras.

Estamos habituados a confundir a violência com a guerra e esperamos, ingenuamente, que ao estabelecermos a paz, ao acabarmos com a guerra, se desvanecem os pesadelos da destruição. A experiência destas novas formas de agressão que nos atingem hoje diariamente vem, no entanto, recordarnos que a violência não é apenas uma realidade bélica; é uma componente indissociável da própria sociabilidade.

O mundo actual deixou de poder contar com mecanismos institucionalizados de violência que, durante milénios, serviram de escape às energias explosivas indomáveis da sociabilidade, tais como os sacrifícios propiciatórios, os rituais catárticos, as formas carnavalescas, as guerras que periodicamente envolviam povos rivais. Perdidas as crenças na eficácia da violência ritual e dissuadidas as práticas institucionais do seu desencadeamento, estamos hoje a viver o retorno de modalidades livres e imprevisíveis de agressão para as quais a nossa sociedade não possui nem resposta nem explicação racional plausível. A estupefacção tornou-se assim o único recurso de que dispomos para fazer-mos face ao inexplicável e imprevisível, a única resposta possível à agressão gratuita. A violência tornou-se assim, no mundo actual, uma

forma quase perfeita e autónoma de um dos mecanismos da agressão, da sideração paralisante.

O convívio quotidiano com as manifestações mais sangrentas da violência aí está hoje a demonstrar, sem deixar margem para dúvidas, que os discursos tradicionais que associam os progressos da civilização como o termo da barbárie e da selvajaria não passa de uma ideologia edulcorada de camuflagem da natureza intrinsecamente violenta de toda e qualquer sociedade, independentemente da natureza e do grau da sua civilização.

A violência está intimamente associada à emergência da vida, ao facto de a vida ser por natureza, uma realidade diferenciada. Desde a divisão da primeira célula, o mundo está habitado pela violência entre as partes que o integram e que lutam ora pela defesa ora pelo alargamento do seu território, do seu espaço vital.

As civilizações distinguem-se umas das outras pela maneira como institucionalizam esta violência endémica que as habita. É por isso que René Girard insiste nas funções sociais que os sacrifícios exercem como catalisadores desta força endémica que se vai acumulando em qualquer sociedade humana:

«É toda a comunidade que o sacrifício protege da sua própria violência, é toda a comunidade que ele afasta para vítimas que lhe são exteriores. O sacrifício polariza na vítima germes de dissensão espalhados por toda a parte e dissipa-os ao propor-lhes uma saciedade parcial» (*La Violence et le Sacré*, p. 22).

A experiência do sagrado sempre esteve intimamente associada a esta função catártica, função exercida de maneira tanto mais eficaz quanto mais esquecida a legitimada por racionalizações de natureza religiosa, apresentando-se como imperativo de obediência a uma ordem transcendente, à vontade dos deuses.

Deste modo, o inocente cordeiro que se imola torna propício o rosto irado dos deuses, preserva o rival da agressão, difere o golpe fatal destinado ao adversário, sela o pacto entre inimigos. Ao revestirmos a sua pele, escondemo-nos dos olhos irados dos deuses e do inimigo, evitando tornarmos o alvo indefeso da sua cólera, tal como a pele do cabrito faz passar Jacob por Usau aos olhos cegos de Isaac ou como o dorso do carneiro esconde Ulisses e liberta-o assim do antro da caverna onde a ira do Cíclope, com o olho rebentado, o mantém prisioneiro.

O mundo moderno vive uma situação paradoxal. Apesar de ter desenvolvido até ao paroxismo a divisão social, paralisou por completo os mecanismos institucionais de desencadeamento da violência que as divisões acumulam. As sociedades ocidentais estão assim votadas a um devir dissuasor de uma violência cada vez mais exacerbada. A criogenização dos instrumentos de agressão converte a violência numa espécie de reserva disponível, tanto mais presente e ameaçadora quanto menos utilizável. Tornámo-nos de certo modo prisioneiros dos nossos próprios dispositivos bélicos. As energias indomáveis acumuladas deixaram de poder dispor de dispositivos de agressão apropriados, visto terem deixado de estar vinculadas às tradicionais modalidades institucionalizadas de solução. Estão doravante destinadas a um destino flutuante, livre e acidental, sem possibilidade de regulação.

No dia seguinte à explosão no anfiteatro da Universidade de Louvain, o Governo belga declarava a sua incapacidade para prevenir e responder a incidentes desta natureza, ao afirmar que só o poderia fazer colocando em permanência uma polícia ao lado de cada cidadão. A afirmação desta ordem policial generalizada traduz, de maneira clara, a generalização da violência numa sociedade que perdeu o controlo dos seus próprios dispositivos de resposta. Poder-se-ia até perguntar o que sucederá quando, uma vez convertidos todos os cidadãos em polícias, for à própria Polícia que competir o exercício das funções sociais da violência. Embora talvez não tenham pensado nisso, foi para evitar o espectro desta ordem policial generalizada que os reitores das universidades belgas recusaram o uso pelos estudantes de distintivos, como o Governo lhes sugeria. Deste modo, reconheciam implicitamente que a distinção entre estudantes e não estudantes deixou de ter pertinência perante uma sociedade que fez da distinção um valor absoluto e inquestionável.

Deste modo, ao cabo de um processo cada vez mais sofisticado de invenção dos dispositivos bélicos, assistimos hoje ao retorno das mais arcaicas modalidades de experiência da violência, destas modalidades naturais e espontâneas, livres e disseminadas, para as quais não existe de facto outra resposta a não ser a estupefacção paralisante ou a invenção de novas formas de sociabilidade.



Adriano Duarte Rodrigues

CARTAS NA MESA

Dentistas ou capitalistas apressados?

Após três anos de ausência no estrangeiro aproveitei as férias em Lisboa para uma revisão da boca (a revisão recomendada pelos Esculápios da broca) numa clínica dentária na linha do Estoril (Algés). Alegando a minha condição de profissional de saúde fui atendido de imediato por um dentista assaz simpático e loquaz, o qual me descobriu um pré-molar necessitando de cuidados embora sem sintomas e aparentemente normal.

Este encaminhou-me a outro dentista, no mesmo consultório, de sotaque brasileiro, provavelmente um «expert» em tratamento dos canais, que se meteu ao trabalho, aplicando-me dois *electrodes* sobre os *maseteres* para «relaxar» os músculos e uns auscultadores com música suave nos ouvidos. Aí fiquei embalado e de boca aberta sujeito às manipulações do carioca que duraram cerca de meia hora. Alguns «bochêchinhos» para eliminar o gosto amargo da anestesia de permeio, e o serviço estava «prontinho». Fui encaminhado à assistente para a «contchinha». Esta igualmente transbordante de simpatia, mas sobretudo muito eficiente na contabilidade, foi fazendo os cálculos em voz alta: anestesia tanto, três radiografias para um dentinho só — tanto, desvitalização — tanto, tratamento dos canais do dentinho — tanto, bochechinhos — gratuito. Somatório — vinte e dois mil escudos. Engoli em seco e tive de arrotar os vinte e dois mil paus.

Que nos valha Deus e nos livre de doenças, sobretudo da boca, caso contrário proliferarão os desbocados com a consequente degradação Sociolinguística (atente-se nos palavrões que cada vez mais se ouve nas ruas) e chegaremos ao ano 2000 não com «Saúde para todos», como preconiza a OMS, mas sem dentes.

Daniel de Pina, leitor em Algés

«JSD aliada à Nova Monarquia»

Um responsável da JSD veio à liça na vossa edição do passado dia 5 colocar as «cartas na mesa».

Afirma o jovem Miguel Rodrigues que não foi só a «Força Nacional/Nova Monarquia» que venceu as eleições para a Associação de Estudantes do Passos Manuel, reivindicando também para si e para a organização em que milita essa vitória, ou seja, reconhecendo uma aliança entre a JSD e a Nova Monarquia, como muito bem titula o «Diário de Lisboa».

A preocupação daquela carta parece ser tão-só reivindicar a quota-parte de uma vitória em aliança com uma organização de extrema-direita. Não perpassa no discurso do jovem «social-democrata» a mínima dúvida, a mínima interrogação quanto ao carácter *contranatura* daquela coligação. Esta afirmação do poder pelo poder (que poder?) deixa-nos perplexos. Numa altura em que quanto a nós se verifica entre os jovens uma ruptura com aquilo que os anos 80 em certa medida representaram — o sucesso individual a qualquer custo —, a carta do jovem Miguel é sintomática de que a grande maioria das organizações de políticas de juventude se divertem nestes pequenos jogos de aprendiz de feiticeiro de uma política velha, «autistas» em relação ao que se passa lá fora. E o que se passa lá fora é a redescoberta pelos jovens da força de ideias, da solidariedade, da igualdade de oportunidades.

E correndo o risco de ser juiz em causa própria, diria que temos de repensar modelos e atitudes. É preciso demonstrar que há outros modos de estar.

Adolfo Palma, Secretário Nacional da Educação da Juventude Socialista

«Elogio de um adversário político»

Uma gralha alterou por completo o sentido de uma parte do texto de Manuel Alegre, publicado no Forum da edição de ontem, quarta-feira, com o título «Elogio de um adversário político», que repetimos agora na sua versão correcta. Do facto pedimos desculpa ao deputado Manuel Alegre e aos nossos leitores.

«... Freitas do Amaral é um homem excessivamente civilizado para a direita que há em Portugal. É um aristocrata do comportamento e a direita portuguesa gosta de ser governada por feitores. Curiosamente, a aristocracia política está hoje mais na esquerda do que na direita: Mário Soares, Jorge Sampaio. Sem esquecer Álvaro Cunhal. Desaparecido Sá Carneiro, Freitas do Amaral é, na direita, a excepção a um novorriquismo político sem estilo nem História».

POLÍTICA

Cavaco não quer capelinhas no PSD

Cavaco Silva dirigiu uma carta aos autarcas do seu partido criticando as capelinhas que ali se movimentam e exortando dirigentes e militantes a mostrarem ao País que o PSD é um partido diferente do PS.

A carta, a que a agência Lusa teve acesso, chama a atenção para que o PSD "não pode ser um conjunto de capelinhas distanciadas da sociedade que o cerca, vivendo apenas e só para jogos de poder interno". Cavaco Silva repete, nesta matéria, alguns dos avisos que lançou, no fim de semana, na reunião do grupo parlamentar, em Lagos, nomeadamente quando afirma que "os discursos demagógicos de quem parece concordar com todas as reivindicações, mesmo sabendo (ou devendo saber) que dizem a tudo poria irremediavelmente em causa o progresso e estabilidade que, com tanto trabalho, foi possível conseguir".

Quanto à demarcação do PS, assunto que ultimamente muito tem preocupado o PSD, Cavaco Silva adianta que é importante assumir com toda a clareza "os nossos próprios valores, as nossas ideias, as nossas medidas, fazendo uma nítida distinção das posições oportunistas e hipócritas do PS, que em numerosos casos vem fazendo viragens de 180 graus em relação ao que ainda há pouco defendia

Teses para congresso combatem fraccionismo

«Comité Central não será parlamento do PCP»

As teses para o XIII Congresso (Extraordinário) do PCP, divulgadas na edição de hoje do «Avante!» inserem uma vigorosa denúncia de «actividades fraccionistas» e rejeitam liminarmente a hipótese de o Comité Central se transformar num «parlamento do partido».

O extenso documento de 70 páginas, cujas bases foram desenvolvidas por Álvaro Cunhal - conforme divulgou o «DL» - em conferência de Imprensa realizada na segunda-feira, assemelha as opiniões de militantes segundo as quais as características do partido são «ganga ideológica» às teses «divulgadas por ideólogos ao serviço do imperialismo».

Nesta perspectiva, é afastada, em nome da unidade na acção, a possibilidade de o Comité Central (CC) representar tendências internas, «com os chefes respectivos, como se fossem vários partidos disputando o poder no partido».

As teses estipulam, por outro lado, que o CC «deverá tomar e tornar públicas decisões relativas ao secretário-geral do partido, tendo em conta a idade já avançada». Não estabelecem, porém, qualquer prazo para a concretização da sucessão de Álvaro Cunhal.

Como referimos na nossa edição de terça-feira, as teses avançam uma autocritica do PCP, no que concerne ao conhecimento da situação a Leste. O documento assume a deficiente informação em relação ao andamento do processo e identifica um conjunto de causas que, no essencial, são consideradas meras «infracções ao ideal comunista». O Comité Central afirma que o partido colocou «reservas» aos «partidos irmãos», mas sempre em privado, para não pôr em causa o princípio da solidariedade internacionalista.

Paralelamente, o PCP é ilibado de compor-

tamentos semelhantes aos que causaram a agitação política nos países socialistas - de há muito - asseguram as teses - o partido aceitou a democracia efectiva, preservou o carácter democrático do centralismo e, entre outros princípios, rejeitou o culto da personalidade.

As teses analisam ainda as «repercussões contraditórias da perestroika». A médio-prazo, defende o órgão dirigente do PCP, constituirá «factor de atracção de trabalhadores». A curto, no entanto, provoca «desencanto», «abala a confiança», «anima o capitalismo». Em última instância, enfraquece o movimento comunista (também) porque diminui a força dos países socialistas e abre a possibilidade de «anexação da RDA pela RFA», no quadro da CEE e da NATO.

A divulgação das teses constitui o ponto de partida oficial para o congresso extraordinário, a realizar em Loures entre 18 e 20 de Maio. Na assembleia magna, cada delegado eleito representa 100 militantes. Como é tradicional, os membros do Comité Central e da direcção da JCP, terão assento por inerência. O CC poderá convidar directamente delegados, em atenção às suas tarefas partidárias, desde que o seu número não exceda um por cento do total. A eleição de delegados, cuja data limite é 13 de Maio, obedecerá à metodologia já seguida no anterior congresso, em 1988. Cada assembleia plenária poderá enviar ao Comité Central propostas de alteração às teses até 7 de Maio e decidirá se a escolha de representantes se fará através de braço no ar ou por voto secreto. No congresso, os documentos são aprovados com base na primeira fórmula.

Entretanto, Álvaro Cunhal participa este fim-de-semana em diversas sessões evocativas do 69º aniversário do PCP.

P.M.

B R E V E S

Mário Soares: presidência aberta em Coimbra

Até ao final do ano, o Presidente da República, Mário Soares vai efectuar uma «presidência aberta» na cidade de Coimbra e região centro cuja data definitiva depende unicamente da agenda do Chefe de Estado.

Severiano Falcão suspende mandato

O presidente da Câmara Municipal de Loures, Severiano Falcão apresentou ontem à vereação daquele município um pedido de suspensão de mandato, invocando motivos de saúde. Demétrio Alves, número dois da CDU será o seu substituto.

Estatuto da Madeira no Parlamento

O presidente da Assembleia Regional da Madeira entrega hoje ao presidente da Assembleia da República a proposta para o Estatuto Político Administrativo definitivo da região autónoma. Entretanto, o PS apresentou um projecto-lei no qual a publicidade ao tabaco é totalmente proibida. O documento pretende «reforçar a posição e o papel dos consumidores». No Parlamento reuniram-se também, para discutir a questão dos têxteis, o ministro Ferreira do Amaral e a Comissão dos Assuntos Europeus. Por seu turno, a delegação da AR que deveria dialogar com a Assembleia Legislativa de Macau o Estatuto Orgânico já não se desloca àquele território.

Américo Amorim é cônsul honorário

O empresário nortenho Américo Amorim foi ontem investido, no Porto, no cargo de cônsul honorário da Hungria pelo embaixador em Portugal daquele país.

Conselho de Ministros reunido

A hora de fecho desta edição ainda decorre a reunião semanal do Conselho de Ministros na qual se discute um projecto de decreto-lei que isenta do imposto sobre sucessões e doações as transmissões por morte dos valores acumulados afectos aos planos poupança-reforma.

Unificação alemã na ordem do dia

Deus Pinheiro conclui viagem ao Leste

«A unificação alemã não pode ser deixada para decisão exclusiva dos alemães», afirmou, ontem, em Estrasburgo, o ministro português dos Negócios Estrangeiros, no termo da digressão uma semana que fez com a secretária-geral do Conselho da Europa a oito capitais do Centro e Leste europeu.

A unificação alemã dominou as atenções na conferência de Imprensa que Deus Pinheiro e Catherine Lalumière promoveram na sede do Conselho da Europa, poucas horas depois da última escala deste périplo - Berlim. Na circunstância, o actual presidente do Comité de Ministros do Conselho da Europa fez o balanço das conversações que manteve com os dirigentes da República Democrática Alemã, nomeadamente o primeiro-ministro Hans Modrow, e alguns representantes das oposições.

Deus Pinheiro sustentou que a conferência de segurança e cooperação da Europa (CSCE) será palco fundamental para o debate da questão alemã, por via das implicações na estabilidade política e de segurança do continente. Segundo ele, o quadro da futura unificação deve ser desde já traçado para que sejam rapidamente conhecidas as «regras do jogo». «É preciso que todos os europeus discutam a unificação alemã, porque está em causa a própria construção da Europa e a sua futura estabilidade, na qual todos estamos empenhados», disse.

Deus Pinheiro mencionou as inquietações de alguns países da Europa Central e da União Soviética quanto às consequências da unificação alemã, salientando o caso da Polónia, por exemplo, que pretende ver reconhecida a sua fronteira ocidental, a linha Oder-Neiss.



Deus Pinheiro: especial atenção à unificação alemã

Espaço Económico Europeu traz Carlsson a Lisboa

As relações entre a CEE e a EFTA deverão constituir um dos principais temas da agenda dos encontros do primeiro-ministro sueco, que ontem chegou a Portugal para uma visita oficial de três dias.

Ingvar Carlsson reuniu-se esta manhã com o chefe do Executivo, em São Bento, e almoçou com Mário Soares. Embora não tenha sido possível, até à hora de fecho desta edição, recolher informações em relação às questões abordadas, é natural que Cavaco e Carlsson tenham discutido a questão do chamado «Espaço Económico Europeu».

Esta concepção, que faz escola no seio da CEE, foi proposta por Jacques Delors

no ano passado. Consiste na criação de um grande espaço envolvendo os 12 países da Comunidade e os seis da EFTA. A Suécia preside no presente semestre a esta organização, tendo já dois países membros, a Áustria e a Noruega, solicitado a adesão à CEE.

O primeiro-ministro sueco, que esta tarde visita Sintra e participa num jantar oferecido por Cavaco Silva, no Palácio de Queluz, terá um novo encontro de trabalho com o seu congénere português na tarde de amanhã.

Além das questões bilaterais, os dois estadistas poderão abordar os problemas resultantes das transformações no Leste europeu, tais como a hipótese de

reunificação alemã e, concomitantemente, o papel a desempenhar no processo pelo Conselho da Europa, uma vez que os dois países são membros desta organização, ocupando mesmo Portugal a presidência.

Cavaco e Carlsson poderão ainda abordar a problemática da cooperação com os países africanos.

O nosso País conhece bem a realidade das suas antigas colónias e mantém uma presença, ainda que discreta, no processo de paz em Angola e Moçambique.

Ora a Suécia, cuja política externa encerra uma forte vertente de cooperação, está instalada fortemente naqueles dois países.

«Política Internacional» lança primeiro número

Foi ontem apresentado ao público o primeiro número da revista «Política Internacional», única no seu género em Portugal. Lançada por um grupo de estudiosos destes assuntos, com o apoio do Centro Interdisciplinar de Estudos Económicos, a nova publicação, que será trimestral, pretende fornecer elementos de análise e percepção dos grandes acontecimentos mundiais.

De acordo com declarações feitas pelo seu director, João Ferreira de Sousa, ao DL, a esta revista tem o seu espaço no mercado português, na medida em que «os assuntos que trata interessam, actualmente, a uma larga faixa de pessoas». O primeiro número da «Política Internacional» é totalmente dedicado aos recentes acontecimentos do Leste.

Personalidades importantes como o antigo presidente da República francesa, Giscard d'Estaing e o ex-secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger, falam nas relações Leste/Oeste e sobre os problemas de mudança



nos regimes comunistas. A história diplomática sobre o papel dos Açores nas duas guerras, feita por Medeiros Ferreira, a evolução das políticas europeias dos partidos comunistas, da autoria de Vasco Rato e o estudo das políticas económicas de Angola, elaborado por Ennes Ferreira, são alguns dos artigos apresentados nesta edição.

João Ferreira de Sousa revelou, entretanto, ao DL que o próximo número terá como tema principal a política externa portuguesa.

Militares apostam em Fernando Nogueira e continuam a criticar Eugénio Ramos

As chefias estão a preparar a 2ª lei da programação militar. A modernização e o reequipamento das Forças Armadas tomam, assim, novo fôlego, mas a última palavra cabe ao ministro

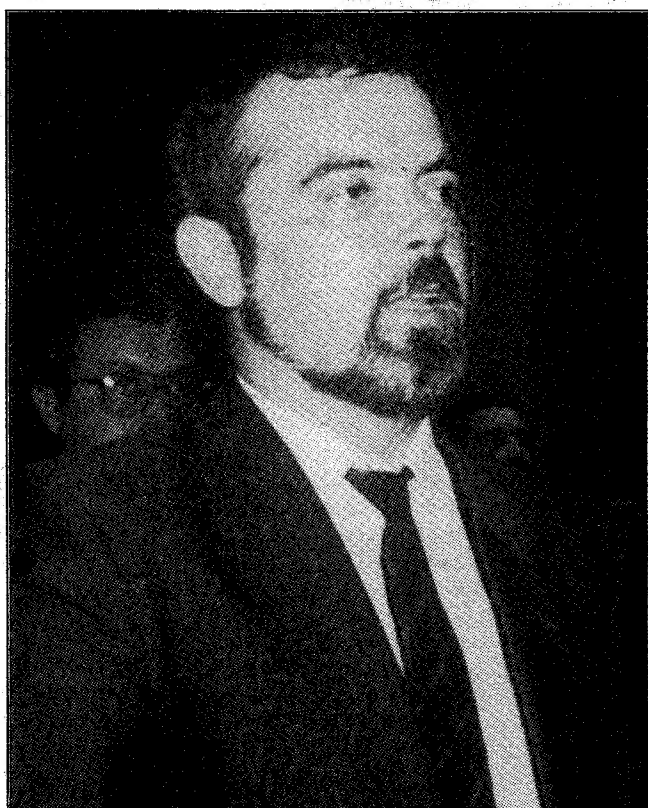
As chefias das Forças Armadas estão, neste momento, a preparar a 2ª Lei de Programação Militar, que vigorará durante o quinquénio de 1991-1995, e da qual irão apresentar, em breve, propostas concretas ao ministro da Defesa.

Naquele documento (que tem por objectivo a modernização e o reequipamento das Forças Armadas), prosseguir-se-ão alguns programas importantes iniciados na 1ª Lei de Programação Militar, elaborada para vigorar entre 1987 e 1991, mas cuja execução foi prejudicada pelo não cumprimento dos compromissos assumidos pelos EUA como contrapartida às facilidades cedidas para a utilização da base das Lages.

Entre os programas a prosseguir destacam-se a compra de 20 aviões F-16 para a Força Aérea Portuguesa e o das fragatas «MEKO».

A 2ª Lei de Programação Militar (LPM) promoverá, também, o desenvolvimento de novos programas no âmbito dos quais se pretende, nomeadamente, a compra de helicópteros para o Exército que permitam a formação de unidades ligeiras de forças especiais dotadas de elevado poder de fogo e de grande mobilidade. Visa, igualmente, tornar a brigada NATO, estacionada em Santa Margarida, completamente mecanizada e blindada, permitindo-se, assim, a sua maior eficácia e a redução de efectivos e encargos.

Devido à necessidade da elaboração e aprovação de matérias tão importantes como a nova LPM, o novo



Fernando Nogueira em «estado de graça». Eugénio Ramos é o «mau da fita»



dos, especialmente, com alterações feitas nos Estatutos das Forças Armadas), e que causaram grande mal estar junto das chefias militares», adiantou a entidade que contactámos.

De acordo com a mesma fonte, a nível interno, outros problemas a requererem a atenção do novo ministro são os resultantes da publicação das novas grelhas remuneratórias, do Estatuto das Forças Armadas (que necessitam agora de uma complexa tarefa de regulamentação) e da necessidade de pôr em prática a Lei Orgânica da Defesa que se encontra já elaborada.

No plano internacional a nomeação de Fernando Nogueira ocorre num momento de grande importância, decorrente da evolução da situação política e estratégica na Europa, nomeadamente no campo da redução das forças convencionais, salientou o nosso interlocutor.

«Para Portugal, as conversações que estão a ter lugar em Viena de Áustria, sobre a redução de armamentos, assumem um especial significado pois podem ter um papel importante na modernização das Forças Armadas, à custa dos excedentes de equipamento militar dos países mais desenvolvidos da NATO», referiu a fonte contactada, que acrescentou que a conjugação dos possíveis benefícios resultantes das conversações de Viena e da execução das LPM poderá dar às Forças Armadas uma configuração moderna que, a prazo permitirá economizar, nomeadamente na redução de efectivos.

Pilotos: aumento de 60 por cento

Aumentar a gratificação de serviço aéreo foi a solução acordada em Conselho de Chefes de Estado-Maior, como forma de tentar resolver o problema dos pilotos da Força Aérea Portuguesa que pretendem abandonar a instituição militar para ingressar em companhias aéreas comerciais.

O ponto de referência será o ordenado auferido pelos capitães, cerca de 172 contos mensais. O maior aumento, de 60 por cento, caberá aos postos de capitão, major e tenente-coronel, que são os que voam com maior assiduidade. A solução aguarda, agora, aprovação do ministro da Defesa.

ministro da Defesa surge num momento que as Forças Armadas consideram importante e, por isso, «as chefias militares acolheram de forma muito positiva a designação de Fernando Nogueira, uma

pessoa que pode ser considerada a segunda figura na hierarquia do Governo e do PSD.

Com esta nomeação, as Forças Armadas sentem que houve intenção de as prestigiar», afirmou ao «DL» uma fonte altamente colocada do Estado-Maior do Exército (EME).

«No entanto, é duvidosa e estranha a permanência do actual secretário de Estado da

Defesa, Eugénio Ramos, por motivo dos problemas que afectaram o relacionamento com Eurico de Melo, no período final da permanência deste à frente da pasta da Defesa (problemas relaciona-

Competências da Alta Autoridade

Parlamento ignorou CCS

Os cinco membros em funções no Conselho de Comunicação Social «forneceram sugestões» à Assembleia da República sobre pontos importantes para a definição de atribuições e competências da Alta Autoridade para a Comunicação Social. Não foram consideradas e, num documento agora divulgado - na altura em que a nova lei suscita tanta polémica - o CCS lembra as suas posições e, mais uma vez lamenta o vazio legal em que vive, por estar há três meses privado de quorum suficiente para poder ser deliberativo. «Foi criada uma situação de vazio legal», num sector sensível como a comunicação social, «necessário à vivência democrática» e que atravessa um período de profundas alterações, refere o CCS que, desde Janeiro, possui menos um membro do que o necessário para tomar deliberações. O comunicado é subscrito por Artur Portela, Margarida Ramos de Carvalho, Manuel Gusmão, Pedro Themudo de Castro e Augusto

Abelaira. «Ao arrepio do realismo político» não foram consideradas as sugestões de alteração legal apresentadas pelo CCS à Assembleia da República, para que fossem transferidas para a Alta Autoridade as competências que possuía sobre nomeações e exonerações dos directores de jornais e directores de informação da RTP e RDP; idênticas competências sobre nomeações dos conselhos de administração; capacidade de dar parecer acerca dos livros de estilo; possibilidade de requerer informações sobre procedimentos disciplinares, entre outros pontos.

Mesmo assim, o CCS manifestou a sua «posição crítica» em relação à Alta Autoridade, quer quando do acordo constitucional PS/PSD que a possibilitou, quer posteriormente. Criticou a composição - dominada por uma única força, sempre que a Assembleia da República tenha maioria; discordou também da forma de eleição de alguns

dos membros e da inexistência de representação de jornalistas. Criticada foi ainda a extinção do Conselho de Imprensa que, diz o CCS, «não decorre da revisão constitucional, nem em termos formais nem materiais, e possuía atribuições que excedem largamente as que agora estão previstas para a Alta Autoridade, sobretudo a nível deontológico. Nos últimos tempos o Governo assumiu uma atitude que «configura hostilidade sistemática» em relação ao CCS, refere ainda o comunicado, que destaca o facto de «deputados do partido maioritário» terem despendido, no Parlamento, uma campanha contra Artur Portela, baseada no facto de este redigir e publicar artigos de opinião. Os membros do conselho queixam-se ainda de falta de solidariedade institucional por parte do Executivo e da acção de alguns meios de Comunicação Social que, em seu entender, não divulgaram as posições tomadas ou mesmo as hostilizaram.

O PARAÍSO A DOIS PASSOS DE LISBOA

...O MEU REMÉDIO? SIMPLES!... ESTIVE UMA SEMANA NO **HOTEL VALE DE LOBOS**. UM BOM DESCANSO, E NATAÇÃO NAQUELA MARAVILHOSA PISCINA CLIMATIZADA, E A MINHA COLUNA ESTÁ BEM!

VOU JÁ RESERVAR LUGAR! SE RESULTOU CONTIGO, TAMBÉM RESULTARÁ COMIGO!...

HOTEL VALE DE LOBOS ★★★

SEMINÁRIOS • REUNIÕES • CONGRESSOS

VALE DE LOBOS • 2715 SABUGO 9273401 • 9274626

FAX: 9274656 • TELEX: 44564 - VALOBO • P

• 9273419

INTERNACIONAL

Os dirigentes de vários países africanos parecem ter concluído que a evolução política na URSS não é uma simples crise conjuntural e, desde logo, procuram integrar-se nos circuitos capitalistas ocidentais. O alibi marxista também já não lhes serve

Liberalização em África prenuncia abandono do comunismo

Do nosso correspondente
em Paris

O coronel Mengistu, chefe de Estado da Etiópia, acaba de anunciar uma série de reformas políticas e económicas de carácter liberalizante, incluindo uma abertura à iniciativa privada, nacional e estrangeira. Estas medidas, que intervêm quando o país está totalmente arruinado social e economicamente, dilacerado por uma interminável guerra civil, soam como o fim das ilusões do marxismo em África, mesmo para os seus mais ferrenhos defensores. Os dirigentes de vários países africanos como o Benim e os PALOP parecem ter concluído que a evolução política na União Soviética não é uma simples crise conjuntural e que, desde logo, é necessário procurar uma maior integração nos circuitos económicos mundiais, e apoios políticos consequentes nos países capitalistas ocidentais. A opção desses países por uma economia de mercado, mesmo se restrita, suscita no Ocidente aprovação unânime, mas coincide desastrosamente com uma ameaçadora vaga de instabilidade política e social nos países de língua oficial francesa da África Ocidental, no Gabão, e até no Senegal e Costa do Marfim que, até há poucos anos, eram citados como exemplo da política e

economia liberais em África.

Frente às reivindicações de mais democracia e justiça social por parte das populações desses países, o Governo socialista e a classe política franceses têm reagido de forma inequívoca. O ex-primeiro-ministro Jacques Chirac afirmou há dias, no decurso de uma visita à Costa do Marfim: «para os países em vias de desenvolvimento o pluripartidarismo é um erro e um luxo». O Governo francês, apesar do protesto do secretário de Estado para a Acção Humanitária, Bernard Kouchner, acaba de expulsar sumariamente, por via administrativa, um opositor ao regime do Gabão, invocando razões de «segurança de Estado», cujo verdadeiro significado é o de agradecer ao presidente local, Omar Bongo, conhecido por capitanear um dos mais descaradamente corruptos regimes africanos.

Clemência Ideológica

Aparentemente os escrúpulos democráticos que valem para os povos do Leste Europeu que, a exemplo da Roménia, são claramente também «países em vias de desenvolvimento», não valem para África, onde os interesses franceses, de carácter económico e militar, se instalaram há muito confortavelmente. Não esqueçamos que 80 por cento do petróleo extraído pela companhia Elf

provém de três países africanos, nomeadamente, Angola, Congo e Gabão onde enfrenta a concorrência crescente da Shell. Em 1988, devido à queda dos preços do petróleo, a filial local da Elf registou pesadas perdas que espera compensar este ano. Não esqueçamos também que no Gabão se encontram importantes minas de urânio.

É claro que a política francesa na África Ocidental não se limita a esse aspecto, que lembra curiosamente o das potências ocidentais no sudeste europeu e Cáucaso no começo do século, antes que fossem tragadas pelo comunismo soviético. Essa política abrange uma larga e custosa cooperação, que inclui medidas de clemência em relação às dívidas externas avassaladoras dos países mais pobres da região, e a compra a preço acima do mercado de matérias primas como o cacau, de que alguns desses países dependem quase exclusivamente.

Por outro lado, se a situação crítica desses países se deve em boa parte ao carácter errático, e ultimamente declinante, dos preços das matérias primas nos mercados internacionais - que nenhum país, por si só, tem capacidade para estabilizar - as raízes do mal mergulham mais fundo. Decorrem da própria estrutura das relações

étnicas e sociais que esses países herdaram, em boa parte derivadas da colonização. Em 30 anos de independência poucos foram os que conseguiram ir além de substituir os colonizadores por elites de privilegiados locais.

O caso da Costa do Marfim é exemplar. Dirigido desde a independência em 1960 por Félix Houphouët-Boigny, hoje com mais de 85 anos, e que antes da descolonização fora ministro francês durante 15 anos, o país tem vivido sob um regime de partido numa espécie de semi-liberdade vigiada, que lhe permitiu um certo desenvolvimento e uma paz social relativa. Mas, diante de um crescimento demográfico acentuado, da proliferação de uma burocracia ávida e corrupta e de uma plutocracia mercantil franco-libanesa aviltante, diante da queda dos preços das matérias primas que representam 60 por cento das fontes de divisas do país (o cacau, de que é o primeiro produtor mundial, e o café, de que é o quinto) Houphouët-Boigny não encontrou outra saída senão a do endividamento progressivo e asfixiante. As condições de rescalonamento da dívida e de concessão de novos empréstimos por parte do Banco Mundial e do FMI são drásticas: corte na dívida interna, isto é, nos salários dos funcionários, e nos preços míni-



Mengistu Mariam
o presidente etíope

mos garantidos aos produtores. A redução anunciada de 15 a 20 por cento nos salários dos funcionários públicos seria acompanhada por um imposto de solidariedade de um a 11 por cento sobre todos os salários do sector privado, e a reacção da população não demorou: sucederam-se greves e distúrbios, que levaram o Governo a recuar, diante dos gritos de «Houphouët ladrão, Houphouët corrupto, Houphouët demissão» que ecoaram nas ruas de Abidjan.

Na última terça-feira, no decorrer da sua primeira conferência de Imprensa desde há cinco anos, o presidente da Costa do Marfim negou que existissem fortunas exorbitantes no seu país, o que é natural da parte de um soberano que está a construir na sua cidade natal uma catedral maior que a de S. Pedro

do Vaticano, recorrendo para isso apenas à sua fortuna pessoal, e a cargo de empresas de construção francesas. Acusou ainda as multinacionais e o «muro do dinheiro» de levarem o seu país à bancarrota.

Repensar a estratégia

Resta saber até que ponto as gerações jovens e miseráveis da capital, que não conheceram a colonização, e deparam quotidianamente com os privilégios e a riqueza ostentatória das elites, aceitarão esses argumentos. A liberdade, para eles, assim como para os jovens de classe média que temem o desemprego, tem o gosto amargo dos grãos de café e de cacau, não se confunde com a causa da soberania, da independência, que é para eles um dado adquirido.

Os líderes africanos «liberais» já não podem doravante agitar o espantinho do comunismo: os governos ocidentais e os organismos internacionais não devem simultaneamente impôr medidas de austeridade talvez necessárias mas que atingem populações já quase desprovidas de tudo, e continuar a apoiar as elites que garantem os interesses das grandes companhias, e impedem que esses países evoluam para situações de maior justiça social e democracia.

Pedro de Souza

Com morte de Luís Carlos Prestes

Brasil perde figura mítica

Ontem, aos 92 anos, Luís Carlos Prestes morreu, vítima de leucemia. O Brasil perdeu não só uma das suas figuras míticas, mas também uma das mentes mais brilhantes da sua actualidade. Com a crise geral do comunismo, à qual o Partido Comunista Brasileiro (PCB) não escapa, é provável que a morte de Prestes encerre a história do movimento no Brasil. Entre 1945 e 1980 foi secretário-geral do partido, tendo participado em rebeliões, conhecido a prisão, o exílio e a clandestinidade, lutando sempre com coerência pelos seus ideais, capaz de enfrentar com altivez todos os golpes, incluindo a perda da sua mulher Olga Benário, denunciada aos

nazis e morta num campo de concentração durante a Segunda Guerra Mundial.

Quando em 1980 foi afastado da direcção do PCB e, posteriormente, expulso por divergências, formou uma tendência dentro do Partido Democrático Trabalhista (PDT) de Leonel Brizola. O seu prestígio era tal que Moscovo nunca se atreveu a intervir sobre a questão, evitando demonstrar quem é que seguia a sua linha no Brasil.

Em 1924, partindo do Rio Grande do Sul, de onde era originário, liderou uma coluna (hoje estudada nos livros de história) como a «Coluna Prestes» que durante três anos percorreu o Brasil, levando uma men-

sagem revolucionária aos camponeses das regiões mais esquecidas.

Três anos mais tarde, em 1930, Prestes recusou-se a liderar uma revolução que partindo do Rio Grande do Sul, marchou sobre a capital, então o Rio de Janeiro, colocando no Poder um outro gaúcho, Getúlio Vargas. Foi o início de uma ditadura de direita que durou até 1945.

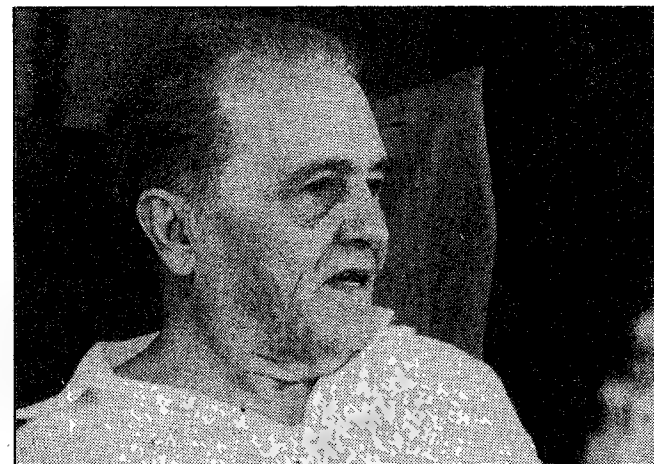
Em 1935, volta ao Brasil para dirigir no Rio de Janeiro uma intentona comunista armada. Após o fracasso do movimento é preso durante nove anos, só sendo libertado quando a vitória dos Aliados na Segunda Guerra Mundial se começava a desenharem, pondo em xeque o

regime de Getúlio Vargas.

Um ano depois, com a queda do ditador, o PCB é legalizado e Prestes torna-se secretário-geral. Em 1946, é eleito senador, cargo que ocupou somente durante dois anos porque o Governo tornou a declarar o partido ilegal, forçando-o a novo exílio.

Como o PCB permaneceu clandestino, até há poucos anos, Prestes permaneceu fora do Brasil durante um longo período, a maior parte do tempo em Moscovo, só regressando com a volta da democracia ao país.

Voltou como uma figura tutelar, respeitado pelas pessoas inteligentes de todos os quadrantes, mostrando-se de uma tolerância invulgar com



Luís Carlos Prestes: até ao fim um dos mais brilhantes analistas da realidade brasileira

os adversários num país em que a paixão política sobrepuja-se com frequência às regras mínimas do civismo. Depois da sua saída, o PCB perdeu (parece que definitivamente) o carisma e a aura rebelde que a sua longa história de perseguições justificava. Fora do partido, Luís

Carlos Prestes continuou a lutar pelas suas ideias, criticando a falta de coerência dos seus antigos camaradas. Até ao fim, foi um dos mais esclarecidos observadores de um país que, ninguém tem dúvidas, conheceu e amou como poucos.

Lusa

INTERNACIONAL

Governo afegão garante

Golpistas capturados serão exibidos na TV

Em Cabul, dois dias após a tentativa de golpe de Estado perpetrada pelo ministro da defesa afegão, Shah Nawaz Tanai, que fugiu para o Paquistão, uma calma relativa parece reinar e as pessoas já se atrevem a sair para a rua. A situação na capital afegã está a ser controlada pelo Governo que chegou a anunciar ontem pela emissora oficial, a Rádio Cabul, que os golpistas capturados serão exibidos hoje pela televisão. No entanto a base aérea em Baghrum, um dos principais focos do golpe, ainda se encontra nas mãos dos seus autores. Segundo disse um piloto de um avião-caça que aterrou em Cabul, os golpistas obrigam os pilotos a bombardear a capital, ameaçando as suas famílias.

Entretanto a caça ao líder da abortada tentativa prossegue e o presidente afegão, Najibullah, já instou o Paquistão a extraditá-lo para o país.

Em Islamabad, pouco depois da comunicação de Najibullah, o ministro paquistanês dos Negócios Estrangeiros, Tanvir, Ahmad Khan, disse aos jornalistas ter informações segundo as quais o líder rebelde, Shah Nawaz Tanai, continuava à frente das suas forças «algures em Parwan», província a norte de Cabul.

Numa comunicação ao país, de novo através da rádio Cabul, Najibullah reclamou a entrega de Tanai, dos «antigos criminosos» que com ele fugiram para o Paquistão e ainda a devolução do avião utilizado na fuga e do dinheiro - dólares norte-americanos - que com eles levaram.

Embora o número de vítimas do episódio ainda não tenha sido determinado - há quem aponte para centenas - o presidente afegão já disse que morreram nos combates um general e dois coroneis das forças leais a Tanai.

Pelo menos dois aviões afegãos aterraram ontem no Paquistão com desertores do exército do Afeganistão, entre os quais alguns oficiais superiores, informaram fontes oficiais paquistanesas. A identidade dos fugitivos ainda não foi divulgada.

Noutro passo da comunicação, Najibullah acrescentou que Tanai teve a colaboração dos serviços secretos paquistaneses para além do controverso líder da guerrilha islâmica, Guldubbin Hematyer. Foi a primeira vez que Cabul acusou o Paquistão de envolvimento na acção.

Em Islamabad, a primeira ministra paquistanesa, Benazir Bhutto, reuniu-se ontem com o vice-ministro da Defesa, Ghulam Sarwar, e o embaixador norte-americano para analisar a situação no país vizinho após a frustrada intentona de terça-feira.

Lusa/APA/Novosti

O chanceler da RFA encontra-se hoje com dirigentes da Aliança, em Bruxelas, seis dias antes da reunião em Bona dos seis países intervenientes no processo alemão

Kohl discute unificação na NATO

O chanceler alemão-federal, Helmut Kohl, chegou hoje a Bruxelas para contactos com dirigentes da Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO) e discutir a situação alemã. Kohl reúne-se com o secretário-geral da NATO, o alemão Manfred Woerner, e os embaixadores dos 16 países membros da Aliança Atlântica.

A visita de Kohl ocorre uma semana antes das eleições do próximo dia 18 na Alemanha Democrática, as quais poderão abrir caminho para a unificação alemã.

Entretanto o ministro dos Negócios Estrangeiros francês confirmou que as conversações para a unificação alemã, entre as duas Alemanhas e os quatro vencedores da II Guerra Mundial (Estados Unidos, União Soviética, França e Grã-Bretanha) decorrem no dia 14 em Bona.

Directores de departamentos políticos dos dois Estados e das quatro potências vencedoras da II Guerra, presentes em Berlim, preparam uma conferência de ministros dos Negócios Estrangeiros, a realizar em princípios de Abril, pouco depois das eleições do próximo dia 18 na República Democrática Alemã.

Funcionários da RFA e da RDA farão uma reunião preparatória amanhã, em Berlim-Leste.

No encontro do dia 14 participam, para além da RFA e da RDA, a França, Reino Unido, Estados Unidos e União Soviética.

O Ministério dos Negócios Estrangeiros de Bona disse que uma reunião formal dos quatro ministros dos Negócios Estrangeiros e os seus homólogos alemães, durante as cel-



O Presidente do Parlamento da RDA, Guenter Maleuda, cumprimenta o primeiro-ministro, Hans Modrow, que defende a assinatura de um tratado com a Polónia

ebrações da independência da Namíbia, em Windhoek, não se realizará.

Conversações governamentais serão provavelmente mantidas durante os festejos namibianos, disseram fontes governamentais.

Acordo insuficiente

Fontes em Paris disseram entretanto que a decisão do chanceler alemão-federal, Helmut Kohl, de reconhecer a fronteira ocidental da Polónia «não é satisfatória».

O acordo no sentido de os Parlamentos das duas Alemanhas aprovarem uma declaração, garantindo a actual fronteira, foi «um passo na direcção certa», mas é insuficiente no todo, disseram fontes governamentais.

Referiram uma proposta recente do Presidente francês, François Mitterrand, de que

as fronteiras deveriam ser definidas num «acordo internacional». Pormenores serão amanhã discutidos durante a visita a Paris do presidente polaco, Wojciech Jaruzelski, e o primeiro-ministro Tadeusz Mazowiecki.

O primeiro-ministro da RDA, Hans Modrow, disse que as duas Alemanhas deveriam negociar um tratado fronteiriço com a Polónia, a ratificar depois da unificação alemã.

Modrow acusou Helmut Kohl de ser «evasivo e ambíguo» acerca do reconhecimento formal da fronteira ocidental da Polónia ao longo dos rios Oder e Neisse e pediu que seja dada a classe respeito que se espera a esse território alemão depois da II Guerra Mundial.

Kohl, que está sob crescente

pressão nacional e internacional, cedeu na terça-feira na sua insistência em relacionar o reconhecimento das actuais fronteiras com a Polónia à renúncia polaca das reivindicações a reparações de guerra pela Alemanha.

As eleições da RDA

A comissão eleitoral da RDA anunciou entretanto, em conferência de Imprensa realizada em Berlim, que estão já escolhidos cerca de metade dos membros das mesas eleitorais.

Para constituir as mesas são necessárias 154 mil pessoas. Depois de verificar os atrasos que se registavam, a comissão apelou na segunda-feira à sua superação. Ontem considerou que o seu pedido foi correspondido.

Redacção «DL»/Lusa/Reuter

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA



T·E·X·T·O·S ESSENCIAIS·DA PSICANÁLISE

SIGMUND FREUD

«...a tradução portuguesa que vai servir, para o futuro, de referência...»
EXPRESSO

Em três volumes, um guia coerente, manejável e pleno de autoridade sobre os principais temas e conceitos da psicanálise.



Rev. técnica e introdução do Dr. José Gabriel Pereira Bastos, (Univ. Nova de Lisboa)

Polícia sul-africana mata 14 no bantustão de Bofutatswana

A polícia disparou, ontem, sobre 50 mil manifestantes em Bofutatswana, um bantustão sul-africano, causando a morte de 14 pessoas e ferimentos em outras 500.

Os manifestantes amotinaram-se nas cidades de Mabopane e Garankuwa, incendiando estabelecimentos, escritórios, exigindo o fim do regime de Lucas Mangope, e a integração daquele território na África do Sul.

Os distúrbios prendem-se em parte à difícil situação económica do bantustão, nomeadamente os pesados impostos que pesam sobre a população. Mas observadores consideram que o golpe de estado no Ciskei, outro dos bantustões sul-africanos, e a libertação de Nelson Mandela

são alguns elementos que poderão ter motivado as reivindicações dos manifestantes contra o presidente Lucas Mangope.

Mangope, que pediu de imediato a intervenção das forças militares sul-africanas para conter os manifestantes, declarou o estado de emergência no território.

O ministro dos Negócios Estrangeiros sul-africano, Roelof «Pik» Botha, justificou a presença de tropas de Pretória como uma medida destinada a proteger os habitantes e os bens, devendo ser utilizadas para guardar instalações contra «elementos criminosos», entre os manifestantes.

Redacção «DL»/Reuter/AFP

Lituânia pode declarar independência

O Parlamento da Lituânia reúne-se no sábado e pode aprovar uma declaração no sentido de voltar à independência anterior a 1940, disseram fontes lituanas.

Um porta-voz do Presidium do recentemente eleito Soviete Supremo da Lituânia disse que o Parlamento discutirá numa sessão, sábado à noite, questões processuais e, domingo, debaterá outras questões. «É 95 por cento certo que haverá uma declaração sobre a independência, domingo», disse um jornalista de um periódico dirigido pelo movimento Sajudis, pró-independência.

O presidente soviético, Mikhail Gorbachev, lembrou à Lituânia quanto ela deve a Moscovo e sugeriu que o pagamento de oito mil milhões de rublos (cerca de 1.950 milhões de contos) poderá ser o preço da independência, noticiou uma agência noticiosa local.

A mesma fonte adiantou que Gorbachev manteve na terça-feira, em Moscovo, conversações com o chefe do Parlamento da república, Algirdas Brazauskas, advertindo-o de que se tornar independente a Lituânia, terá que fazer o seu comércio com a União Soviética em divisas.

Lusa

INTERNACIONAL

CARTA DE WASHINGTON

A lição da Nicarágua

As eleições nicaraguenses proporcionaram à Esquerda americana a sua derrota mais estrondosa desde há anos, e as consequências a longo prazo da esmagadora vitória de Violeta Chamorro sobre os sandinistas serão sentidas, por muitos anos, na vida política e cultural dos Estados Unidos.

Mesmo perante a dissolução do império soviético a que assistimos, muitos dirigentes políticos e culturais americanos adoptaram os sandinistas como representando a sua própria versão do «socialismo de face humana», uma reacção romântica à ditadura, apoiada por Washington, de Anastasio Somoza, e um símbolo de resistência perante o embargo e os ataques dos «Contras» que os EUA promoviam. Num fenómeno psicoanalítico de projecção, os apoiantes dos sandinistas, neste país, utilizaram-nos como uma encarnação quase mitológica do próprio ódio dos americanos pelas administrações de Reagan e Bush, assim como pelo tipo de capitalismo liberal que estes dois presidentes têm advogado. Perante isto, a mera noção de que Daniel Ortega pudesse ser rejeitado pelos eleitores do seu próprio país era inadmissível, nos sofisticados salões frequentados pela Esquerda de Washington, Nova Iorque, Boston e Hollywood, onde os Ortegas eram prodigamente elogiados e recebidos. De Jane Fonda e Bianca Jagger a Oliver Stone e Robert Redford, de Harvard às universidades da Califórnia, os sandinistas eram proclamados os governantes legítimos da Nicarágua, e os esforços do Executivo norte-americano, desde há uma década, para denunciar o domínio sandinista eram considerados como uma ingerência injustificada nos assuntos internos de um país vizinho.

No âmago destes louvores aos sandinistas, jazia a convicção - expressa por, virtualmente, todos os principais órgãos de Comunicação americanos, e até por alguns especialistas do Departamento de Estado e da CIA - de que, quaisquer que fossem as deficiências da economia nacional, e qualquer que fosse o grau de impopularidade de uma prolongada guerra civil, o povo nicaraguense estava, na sua esmagadora maioria, a favor do género de governo que os sandinistas tinham implantado em

Manágua. Quando Ortega foi derrotado, por uma margem convincente de 15 pontos percentuais, a ilusão já não podia manter-se. Durante alguns dias, procurou-se, em desespero, uma explicação que pudesse, de algum modo, atribuir as «culpas» da derrota exclusivamente aos Estados Unidos: o embargo americano teria tornado a vida tão difícil que os nicaraguenses tiveram que optar pela «candidata americana»; ou os americanos tinham, de uma maneira ou de outra, «comprado» as eleições (quando foram os sandinistas que, efectivamente, bloquearam as remessas de dinheiro destinadas a apoiar Violeta Chamorro, ou, mais simplesmente, a garantir que o sufrágio fosse justo). Porém, passada uma semana das eleições, tornou-se evidente para todos, excepto para os adeptos mais fanáticos do sandinismo, de que estas explicações não se aguentavam de pé. Os que acabavam de prever, desocupadamente, uma vitória dos sandinistas, também se tinham esquecido de algumas das lições básicas da História recente:

1. Não se deve esperar que as vítimas de uma ditadura digam a verdade. As sondagens de opinião pública que previam uma grande vitória de Ortega baseavam-se na presunção de que as pessoas diziam a verdade quanto à sua intenção de voto. Mas as pessoas interrogadas suspeitavam, indubitavelmente, de que os inquiridores transmitiriam ao regime que planeavam votar contra ele. Deste modo, mentiram na sondagem, mas confiaram o suficiente no escrutínio secreto para votarem segundo as suas verdadeiras convicções. (De facto, devemos assumir que alguns dos eleitores foram intimidados a votar em Ortega, e, se todos estivessem convencidos de que poderiam votar livremente, a margem de derrota teria sido ainda maior);

2. Quando o império comunista entra em declínio, em todo o Mundo, nenhum dos seus postos avançados está a salvo. Não havia razão para supor que os nicaraguenses seriam o primeiro povo deste século a elegere livremente um regime comunista. E explicações que se baseiem, apenas,

na miséria económica de um país são aviltantes para o povo da Nicarágua, que não só quer maior riqueza como a liberdade política. Os sandinistas foram rejeitados pelas mesmas razões que os comunistas estão a ser derubados na Europa de Leste, e na própria União Soviética;

3. A capacidade de auto-ilusão por parte dos ditadores é ilimitada. Daniel Ortega conseguiu, de algum modo, convencer-se de que o povo o amava, e decidiu, pois, arriscar o futuro do regime sandinista no resultado de eleições livres. Esqueceu a regra: os comunistas não ganham eleições livres.

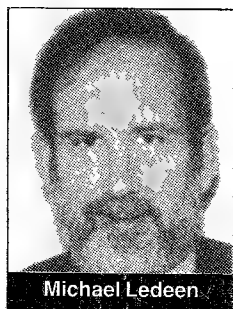
Se a Esquerda americana se sente embaraçada, só podemos esperar que esse «embaraço» consiga chegar aos «círculos progressistas» da Europa Ocidental, que, voluntariamente, deram tanto dinheiro e apoio moral, ao longo dos últimos anos, à Nicarágua. Desde a sra. Mitterrand, em França, aos socialistas suecos, espanhóis e holandeses, e até ao Friedrich Ebert Stiftung do SPD alemão, muitos, na Europa Ocidental, convenceram-se de que os sandinistas eram uma versão mais civilizada de Fidel Castro. Deveriam, agora, interrogar-se sobre como puderam ser levados a dar tanto apoio a um regime tão esmagadoramente impopular perante o seu próprio povo.

Quaisquer que sejam as lições que os europeus possam, eventualmente, retirar deste acontecimento decisivo, o certo é que representou um revés dramático para a credibilidade da Esquerda americana.

Será necessário passar muito tempo antes que os apoiantes de Daniel Ortega possam ser tomados a sério como profetas políticos. E, também, levará muito tempo para que o público norte-americano volte a apoiar um movimento como o sandinista. Quando o regime tenebroso de Fidel Castro, em Cuba, seguir o percurso dos sandinistas nas páginas da História, poucos lamentarão o seu desaparecimento. Em

vez disso, o público americano irá celebrar um novo triunfo da Segunda Revolução Democrática: o da era dos anos 90.

(Tradução de Isabel Joyce)



Michael Ledeen

CARTA DE MOSCOVO

PCUS: ortodoxos, reformistas e radicais

Depois das eleições deste fim-de-semana na Rússia, na Ucrânia e na Bielo-Rússia, cujos resultados ainda não são conhecidos, o próximo passo da luta política na URSS será, muito provavelmente, a escolha de delegados ao 28.º Congresso Comunista Soviético, que terá lugar no final de Junho, começos de Julho próximo.

Embora o PCUS tenha renunciado ao monopólio do poder, vai ainda durante muito tempo ser o seu fulcro, mesmo que Gorbachev, como presidente, venha a deixar a sua direcção.

Um projecto de regulamento para a escolha dos delegados ao Congresso foi divulgado a semana passada. Não estabelecendo um sistema único para a eleição dos delegados, abre caminho a que os militantes de base venham a ter uma palavra decisiva. O projecto deverá ainda ser aprovado numa sessão do CC do PCUS, talvez já no próximo fim-de-semana.

Os militantes do Partido vão ter que escolher entre as três correntes que hoje se digladiam no seu interior: os «ortodoxos», os «reformistas» e os «radicais».

A plataforma dos ortodoxos remonta ao artigo publicado há já dois anos no «Sovetskaia Rossia», pela célebre professora de Química de Leninegrado, Nina Andreeva. A reacção então havida, tanto nos jornais como na própria democratização trazida pela *perestroika*, permitiu que os ortodoxos voltassem à superfície e hoje se manifestem de forma mais ou menos aberta.

Têm os seus chefes e as suas organizações «informais». Uma manifestação realizada em Novembro passado, em Leninegrado, em que discursou Boris Guidaspov, 1.º secretário do Comité Regional, traduziu-se na maior mobilização popular que conseguiram até agora. Chegaram então a pedir a demissão de Gorbachev.

Nos dois últimos plenários do CC do PCUS, esta corrente deu sinal de si, criticando duramente o curso da *perestroika*, tanto no plano interno (dificuldades económicas, ameaça de desemprego), como externo (desabar dos regimes de Leste).

Os ortodoxos, bem implantados no aparelho do partido e dos sindicatos, estabeleceram uma aliança com os nacionalistas russos e querem, com a eventual criação de um Partido Comunista Russo, construir um «cavalo de batalha» para fazer frente à derrocada do sistema totalitário. Pensam que as eleições no interior do partido lhes podem ser favoráveis. No entanto, aquilo que já é conhecido como «as revoluções regionais», em que militantes de base e população têm derrubado, nos últimos meses, direcções regionais do partido, parecem demonstrar o contrário. Do outro lado, em oposição aos conserva-

dores, estão os «radicais». É difícil avaliar a sua implantação no partido. As suas posições no aparelho são fracas, para não dizer nulas. Estão bem representados entre os intelectuais. Há quem pense que a permanência no partido de, pelo menos, uma parte destes radicais é meramente táctica. O seu objectivo seria a constituição de um outro partido, de pendor social-democrata, já que no PCUS actual praticamente tudo lhes desagrade.

Os «radicais» gostariam que o Partido Comunista evoluísse para um partido de tipo parlamentar. Com esse objectivo, constituíram, em Janeiro passado, uma «plataforma democrática», numa reunião realizada em Moscovo. Participaram delegados de clubes e organizações partidárias de 102 cidades de 13 Repúblicas Federais, representando cerca de 31 mil comunistas. É pouco para um partido de 19 milhões de membros.

No plano ideológico, vêm o leninismo, com a sua teoria do partido de vanguarda, o responsável, em última análise, pelo estalinismo. A sua principal divergência com Gorbachev parece residir no ritmo das reformas. Para eles, a procura de consensos para avançar apenas pode comprometer o sucesso das reformas. Muitas das suas ideias, com o multipartidarismo, têm vindo a ser adoptadas pela terceira corrente, a «reformista» ou «centrista».

Esta corrente, a de Gorbachev, tem, com efeito, evoluído para a esquerda, desde o já longínquo plenário do CC de Abril de 1985, que lançou as bases da *perestroika*. Os seus contornos são indefinidos, porque é ela que dirige hoje o partido. A sua principal base de apoio é o próprio aparelho central do CC, onde todas as grandes decisões são preparadas. É por isso que se fala de um «reformismo iluminista», vindo de cima.

Como corrente centrista, procura sempre o compromisso. Se por um lado considera esgotado o modelo «administrativo-autoritário» de socialismo, pretende que o socialismo democrático tem futuro. Marxista-leninista, revê sem peias os seus dogmas e faz do «património intelectual da Humanidade» - Estado de direito, pluripartidarismo, economia de mercado, etc. - fonte da sua inspiração ideológica. Gosta de marxistas ocidentais e a social-democracia merece-lhe respeito.

Teme que as reformas, se introduzidas como os «radicais» querem, de forma abrupta, provoquem roturas dramáticas na sociedade soviética. São, pois, gradualistas e têm esperado que os problemas cheguem à sua maturação para serem resolvidos. Acusam-nos de, com essa posição algo expectante, deixarem acumular mais problemas do que aqueles que são capazes de resolver.



Guennadi Petrov

ECONOMIA

B R E V E S

Cosec indemniza

Ultrapassaram um milhão de contos as indemnizações pagas pela Companhia de Seguros de Créditos (Cosec) em 1989. Cerca de 300 mil contos são relativos ao seguro de créditos à exportação (riscos comerciais), o que representa um acréscimo de 31,7 por cento relativamente a 1988. A falência e a insuficiência de meios dos devedores foram as principais causas das indemnizações.

Cabo óptico Europa-África do Sul

Envolve um investimento de 280 milhões de dólares a construção de um cabo óptico que vai ligar a Europa à África do Sul, projecto em que participa a Companhia Portuguesa Rádio Marconi. Designado por SAT-2, o novo cabo deverá entrar em serviço em 1994. Possuirá dois pares de fibras ópticas com uma capacidade técnica equivalente a 15 mil circuitos bidireccionais.

Um telefax a cores

A Sharp, empresa japonesa de electrónica, desenhou e construiu um telefax que transmite imagens a cores com grande qualidade e à maior velocidade até agora alcançada por produtos similares (uma folha A-4 em três minutos). Integrando tecnologia digital, o novo aparelho será lançado no mercado no próximo Outono. O seu preço rondará os 3500 contos.

Seguro de Renda / Habitação

A Companhia de Seguros Tranquilidade lançou o «Seguro de Renda Habitação», que cobre riscos de desemprego, morte, invalidez ou incapacidade total em caso de acidente e de responsabilidade civil familiar. Especificamente garante a cobertura máxima de um ano de renda da habitação principal do segurado que seja vítima de acidente, desemprego involuntário por um período superior a 30 dias, cessação por falência da actividade da empresa de que o contratante seja proprietário único ou de sociedade em que participe com um mínimo de 50 por cento.

Ministro moçambicano defende mais cooperação

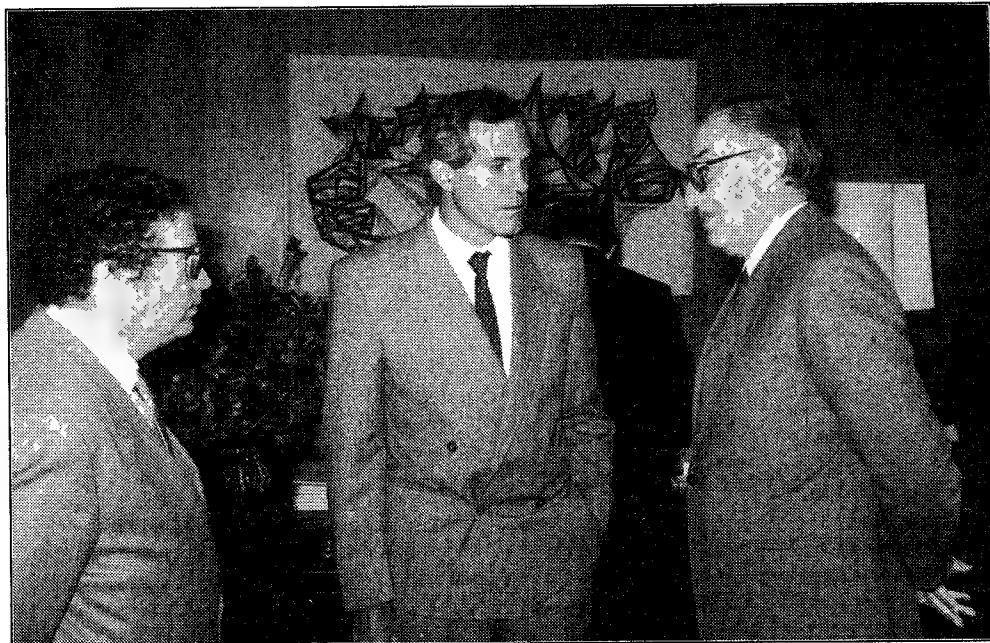
António Branco saúda empresários que não esquecem o seu país

A intensificação das relações bilaterais económicas e empresariais, com o objectivo de contribuir para o desenvolvimento de Moçambique, foi defendida por António Branco, ministro moçambicano da Indústria e Energia, que saudou «os industriais portugueses que, no desafio da Europa, não esqueceram o meu país».

A afirmação foi feita durante a deslocação do ministro às instalações da Associação Industrial Portuguesa, altura em que disse ser «uma honra e um prazer regressar à AIP para proceder, uma vez mais, com os empresários portugueses, a uma avaliação das relações empresariais com Moçambique».

O dirigente moçambicano foi recebido, nesta deslocação, pelo vice-presidente da AIP, Vístulo de Abreu, na altura acompanhado por outros elementos directivos, entre os quais Ivo Cruz, responsável pelas relações internacionais.

Depois de ter visitado algumas instalações, como o Centro de Congressos, a Coprai e o Eurogabinete, o ministro participou numa



O ministro António Branco, com Vístulo de Abreu, à direita, e Ivo Cruz

reunião entre as delegações, a que se seguiu um debate entre empresários portugueses e os visitantes, aqueles interessados em saber em que moldes se processa a actividade empresarial em Moçambique. O ministro António Branco afirmou que

a sua deslocação se destina, também, a que «quando o Presidente Chissano visitar Portugal estejam criadas as condições favoráveis para que a cooperação se desenvolva ainda mais».

Ivo Cruz, ao referir a diversificação das relações

económicas da AIP para além da CEE, definiu Moçambique como um «pivot» no que se refere à política económica para a África Austral, para além das existentes relações de tradição histórica, cultural e empresarial que sempre existiram entre os dois países.

Suíça lava dinheiro sujo

Jean Ziegler ataca sistema bancário do seu país

Jean Ziegler, sociólogo, deputado, escritor e suíço, volta à ribalta. Desta vez com a pedrada no charco da calma tradição bancária do seu país. Num livro que em breve estará à venda em Portugal (Editorial Inquérito), diz que «A Suíça Lava Mais Branco».

Na forma e no fundo, ultrapassa de longe os ataques desencadeados anteriormente contra a Confederação Helvética.

Em França já deu polémica, na Suíça nem se fala. Diz Ziegler que o seu país se especializou no «branqueamento» do dinheiro da droga e que o sistema bancário é o principal depositário dos rendimentos dos narcotraficantes. É, em suma, mais um passo na campanha que desencadeou para a abolição do sistema suíço do segredo bancário e das contas numeradas.

Em entrevistas concedidas em França garante ter provas que o sistema bancário suíço tem participado, com conhecimento pleno, no «branqueamento» do dinheiro sujo. E avança com nomes: Crédit Suisse, Union des Banques Suisses e Société des Banques Suisses. Depois de «A Suíça Acima de Qualquer Suspeita», este livro poderá ser um safanão na tradição helvética.

O que não será de espantar, dado partir de um homem que diz, citando Alain Touraine, que «a droga é o verdadeiro estádio superior do capitalismo» e «significa o máximo aproveitamento, a máxima velocidade de circulação de capitais, o maior rendimento dos investimentos e o anonimato total dos intervenientes», no que se refere a razões ideológicas.

Puritanismo suíço? Jean Ziegler recorda

Jean Ziegler

**A SUÍÇA
LAVA MAIS
BRANCO**



que o seu país tem 4.323 bancos e é a segunda nação mais rica do mundo, mesmo sem recursos naturais. E essa riqueza, afirma, passa pela descoberta que os narcotraficantes fizeram de ali encontrarem terreno fácil para a «lavagem» de dinheiro.

O autor avança com nomes, elementos sobre as redes da morte. Na sua palavra a presença de uma «potência» que se alarga de Zurique a Medellín e entrou em concorrência com os poderes constituídos.

Investimento americano aumentou na CEE

Compras de empresas, projectos comuns, novas implantações e expansão de unidades já existentes, durante 1989, mostram, segundo um estudo feito nos Estados Unidos, que este país investiu em força na CEE no decurso daquele ano.

O documento, elaborado pelo «Conference Board», organismo de análise ligado ao patronato norte-americano, foi feito a partir do estudo de 217 operações, 116 das quais foram efectuadas nos países da Comunidade, traduzindo um aumento de 20 por cento nos investimentos.

O balanço aponta para o facto das empresas norte-americanas terem comprado 27 sociedades, realizado 24 projectos de parceria com firmas comunitárias, implantado 14 novas unidades de produção e aumentado seis fábricas existentes. Segundo o «Conference Board», que acompanha permanentemente a actividade de mil empresas dos Estados Unidos cotadas na Bolsa, o montante de investimentos das sociedades norte-americanas no estrangeiro só é conhecido no que se refere a 63 projectos que, no conjunto, ascenderam a cerca de 14 mil milhões de dólares.



Companhia Geral de
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	49\$15	55\$15
ALEMANHA FED. (marco)	87\$05	88\$25
ÁUSTRIA (xelim)	12\$35	12\$55
BÉLGICA (franco)	4\$000	4\$250
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	12\$510	127\$60
(notas de 5 a 1000)	12\$560	128\$10
DINAMARCA (coroa)	22\$70	23\$10
ESPAÑA (peseta)	14\$322	14\$442
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	149\$35	151\$85
(notas de 5 a 1000)	148\$85	152\$35
FINLÂNDIA (marka)	36\$95	37\$55
FRANÇA (franco)	25\$75	26\$45
HOLANDA (florim)	77\$30	78\$40
IRLÂNDIA (libra)	233\$00	237\$00
ITÁLIA (lira)	\$107	\$122
JAPÃO (iene)	\$941	\$996
NORUEGA (coroa)	22\$55	23\$05
REINO UNIDO (libra)	244\$65	249\$15
SUÉCIA (coroa)	24\$05	24\$55
SUÍÇA (franco)	98\$70	100\$20
VENEZUELA (bolívar)	3\$207	4\$007

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

QUOTIDIANO

Quatro sindicatos da CP discutem hoje a criação de uma federação do sector. Mas antes mesmo da reunião, a discórdia entre tendências já estalou

UGT tenta federação de ferroviários

Os sindicatos dos trabalhadores ferroviários da UGT com maior representatividade na CP estão hoje reunidos para debater a criação de uma federação do sector, no âmbito da central. No entanto os problemas começaram já com uma «luta» entre as tendências social democrata e a socialista, segundo apurou o DL.

A ideia partiu de três sindicatos de maioria social democrata - Trens e Revisão, Ferroviários de Estação e Ferroviários de Serviços - tendo cabido ao último o papel de elaborar uma proposta de estatutos.

O Sindefer (estrutura maioritariamente socialista), segundo afirma, foi convidado a juntar-se a referida federação à posteriori e não participou na elaboração dos estatutos que hoje estão a ser votados.

Tendo uma posição «absolutamente contra» os estatutos apresentados pelos restantes sindicatos, como disseram ao DL os dirigentes

Francisco Fortunato e Serpa, o Sindefer apresenta o seu próprio projecto.

A maior crítica que o sindicato socialista apresenta é o facto dos estatutos que lhe foram apresentados «serem uma cópia das Federações dos Enfermeiros e dos Professores, duas estruturas controladas pela tendência sindical social democrata de Pereira Lopes», afirmou Francisco Fortunato, acrescentando: «Consideramos o projecto de estatutos mais de índole partidária do que sindical e achamos que os objectivos que estão por detrás da criação da federação é a diluição do Sindefer, o único sindicato socialista».

Aquela estrutura não admite igualmente o facto de não estar consagrada a paridade entre os sindicatos, o que qualifica como «inaceitável».

Para Francisco Fortunato é difícil explicar a «pressa com que querem constituir a federação, quando nem à mesa

de negociações conseguem manter uma posição comum».

«Não há partidarismos»

João Amoroso, do Sindicato Nacional dos Ferroviários de Serviços (Sinfese), nega as acusações de partidarismo que são feitas ao projecto de estatuto que elaborou.

«A criação da federação e a elaboração dos seus estatutos surgiu porque três sindicatos falaram entre si e se entenderam sobre a matéria. São três estruturas maioritariamente da tendência sindical social democrata, representativas das classes que representam.

Não há aqui nenhum carácter partidário, mas apenas sindical».

A iniciativa, segundo João Amoroso, tem o apoio expresso do presidente da UGT, Pereira Lopes, e o próprio Torres Couto, na última reunião do Secretariado Executivo, «achou muito bem que se avançasse com a ideia». Mas, acrescentou, «mesmo

que fossem contra, isso era secundário, pois o que conta é a vontade dos sindicatos».

«Não tem defesa a argumentação do Sindefer. Calhou que o caso tenha sido falado numa reunião da tendência sindical social democrata dos sindicatos da CP, e informalmente com Pereira Lopes», explicou João Amoroso.

Federação no papel

O projecto de estatutos elaborado pelo Sinfese, segundo o seu dirigente, «é normal, como o de qualquer federação sindical, e em tudo idêntico aos que têm as federações de Enfermeiros e Professores».

A explicação, para o dirigente, é simples: «Pedi ao gabinete técnico da central que me facultasse o que existia nesse âmbito para que me pudesse orientar. E aquelas são únicas federações existentes na UGT».

E. A.

Julgamento do caso Taveira

Sousa Tavares alega proteccionismo

O julgamento do processo movido por Tomás Taveira a André Neves decorreu ontem à porta fechada, facto que para Sousa Tavares, advogado de defesa, «configura uma situação de protecção a alguém que está próximo do poder ou a ele ligado», tanto mais que, para o advogado, o caso foi já «largamente» publicitado junto da opinião pública para que o queixoso alegue a «invasão de privacidade e as grandes repercussões que poderia ter junto da sua família». A decisão de que o processo decorresse à porta fechada foi da juíza presidente

do colectivo, Maria Margarida Belo Redondo.

O processo 569/89 foi movido por Tomás Taveira contra o director da revista, com o fundamento de que a divulgação das fotografias retiradas de uma vídeo-cassete sobre a sua vida sexual extra-conjugal visou a obtenção de um alegado lucro ilícito, tendo ainda causado à sua pessoa danos e perdas. Tomás Taveira pretende ser reembolsado em 50 mil contos por perdas e danos e em 150 mil contos pela eventual comercialização indevida das fotografias.

Perante o «não» por escrito



André Neves (à direita), director da revista «Semana Ilustrada», acompanhado pelos seus advogados

de Cavaco Silva às perguntas «Quando da sua comunicação ao país, referiu-se a boatos; tinha alguma relação com o 'caso Taveira'»?; «Exerceu alguma da sua autoridade junto da Embaixada de Portugal em Madrid na mesma altura e

por via desses boatos?»; «Tem algo a acrescentar ao que foi afirmado na aludida comunicação ao país?», Francisco Sousa Tavares, advogado de Defesa de André Neves, comentou: «O Primeiro-Ministro falou sobre coisa nenhuma».

B R E V E S

Sampaio soluciona caso do auto-silo

O proprietário do terreno e construtor do auto-silo da Avenida dos Estados Unidos da América vai doar à Câmara Municipal de Lisboa o seu direito de superfície sobre aquela zona, sem restrições de tempo e não exigirá qualquer indemnização «na hipótese de vir a ser julgado procedente qualquer recurso contencioso» interposto pelo moradores do prédio contíguo. Foi esta a solução de consenso encontrada por Jorge Sampaio, na reunião de vereadores ontem realizada, para o problema que se arrasta há cerca de ano e meio.

Sinistro tráfico de diamantes e droga

Uma rede de tráfico de diamantes e droga, que utilizaria cadáveres de crianças raptadas nas maternidades de Luanda, teria sido detectada pelas autoridades angolanas - noticiou, esta manhã, a TSF.

O correspondente daquela estação emissora afirma que foram feitas várias prisões relacionadas com o caso e assegura que o destino de um dos sinistros «correios» seria Lisboa.

O DL não conseguiu nenhum comentário da Guarda Fiscal até ao fim da manhã.

Progressismo de fachada

Os especialistas das Nações Unidas consideram que Portugal é o país do mundo com o mais completo ordenamento jurídico no domínio da igualdade entre sexos, bem como o mais progressista no direito à diferença. Não temos dados suficientes para apoiar ou refutar esta opinião, mas de certeza ela tem cabimento no que respeita aos países da CEE, mais os da EFTA e mais os da OCDE. Em termos sociais (família incluída), laborais e económicos. Mas a realidade diz-nos que, apesar desse incontestável facto, a mulher portuguesa continua a debater-se com vários problemas tanto como trabalhadora como empresária.

Na realidade, em Portugal, o salário médio da mulher é inferior ao do homem, ela é manifestamente discriminada em termos de carreira profissional, com os lugares de direcção e gestão praticamente reservados aos homens, no domínio da formação profissional, com as dificuldades que tem em poder frequentar as aulas depois do horário de trabalho, em particular se for casada e pior ainda se tiver filhos. E deixemos de parte as perseguições sexuais no local de trabalho.

Como empresária, a mulher portuguesa também encontra sérias dificuldades, em especial no acesso ao crédito, pois que, pasme-se, ainda há bancos (até parece que são mesmo todos) que exigem a assinatura do marido para efectuar as transacções financeiras. Mas também ao nível de outros negócios esta situação se verifica, como seja a aquisição de edifícios ou equipamentos a crédito.

Mas se esta situação contraria frontalmente a Constituição da República e toda a legislação complementar existente, porque é que ela se mantém? Essencialmente porque a mulher, tal como homem, está culturalmente condicionada para uma forma de estar em sociedade e na vida que fica muito aquém do progressismo dos legisladores. Por outras palavras, o ordenamento jurídico português é essencialmente fruto da luta de uma vanguarda restrita, que não é acompanhada nos seus anseios por uma acção formadora que devia começar nos bancos da escola e prolongar-se numa educação permanente e no esclarecimento sistemático.

Vítor Leitão

Um dia por ano

Um dia por ano, precisamente hoje, o mundo inteiro olha para as mulheres com um sorriso nos lábios. Em Portugal, temos honras até nas instituições, como na Assembleia da República, concertiza com pelo menos uma intervenção alusiva... no período de antes da ordem do dia. É bonito.

Os maridos, companheiros ou namorados mais progressistas dirão: «Querida, hoje faço eu o jantar». É comovente.

É só uma vez por ano, não custa nada, e elas (nós) ficarão muito contentes e sentir-se-ão especiais... se conseguissem esquecer os restantes 364 longos dias do ano.

Nesses, nós fazemos a terrível ginástica de conciliar todos os papéis sociais: mães, esposas, profissionais, pessoas. É querer ter tempo para chegar ao fim do trabalho em que estamos empenhadas e nos realiza, fazer compras com calma, chegar a casa e deliciarmo-nos com as brincadeiras dos filhos, sentarmo-nos calmamente a ler o jornal ou ir ao cinema. Chegar à cama e não começar logo a risonar.

Mas faltam infantários com a qualidade (e preço) que nos aliviem da preocupação de nos interrogarmos sobre como estarão os nossos filhos; falta o cumprimento (nos locais de trabalho e não só) das leis que nos protegem; e falta, também, que os homens compreendam que quando nos ajudam não fazem um favor, cumprem uma obrigação.

Elsa Andrade

Cerca de 60 por cento das crianças cabo-verdianas que frequentam o ensino primário em Portugal nunca chegam a concluir a 4ª classe. A língua constitui o maior impedimento a uma aprendizagem bem sucedida. As diferenças culturais dificultam a relação com os professores que, por sua vez, não estão preparados para compreenderem estas crianças. As degradantes condições sociais em que vivem agravam toda a situação

Mas as crian

Fale-se crioulo

A região da Grande Lisboa acolhe 73 por cento da comunidade cabo-verdiana residente em Portugal. Com uma população calculada em cerca de 50 mil pessoas (embora apenas 20 mil estejam em situação legal), esta comunidade manda diariamente às escolas primárias uma média de 7 mil crianças, o que em Lisboa representa 6 por cento do total da população estudantil da capital.

Confrontados com estes números e com os problemas que os alunos oriundos daquela antiga colónia portuguesa enfrentam diariamente, os responsáveis pela educação viram-se obrigados a agir. A tarefa coube à Divisão de Orientação Educativa da Direcção-Geral do Ensino Básico e Secundário (DGEBS), e mais concretamente a Luísa Duarte e Margarida Navarro.

«Face às taxas de insucesso apresentadas por estas crianças resolvemos, no ano passado, lançar um inquérito a nível nacional que servisse para fazer um levantamento dos maiores problemas das minorias», explica Luísa Duarte. Os resultados desse inquérito estiveram na base da organização, em 1989, do primeiro curso de formação, em língua e cultura crioula, de 53 professores dos concelhos de Oeiras e Cascais, onde a concentração de cabo-verdianos é maior.

Embora o problema mais preocupante seja o da língua, existe toda uma diferença de culturas que gera muitas vezes conflitos e desentendimentos por falta de conhecimento dos professores. «Muitas vezes os professores têm atitudes para com os alunos que os ofendem muito porque, na sua cultura, são ofensivos mas os professores não sabem», afirma Margarida Navarro.

Um dos grandes objectivos desta acção de formação foi o de sensibilizar os professores para a necessidade de admitir que o português é a segunda língua destas crianças e para pôr em prática uma política de ensino intercultural. Este curso foi complementado por um outro, organizado com o apoio do Fundo Social Europeu, e no qual participaram 82 professores.

No entanto, Luísa Duarte e Margarida Navarro estão conscientes do facto de que este tipo de acções, por si só, não são suficientes para a resolução dos graves problemas de insucesso das crianças cabo-verdianas.

Em seu entender, um dos passos fundamentais para a sua resolução prende-se com o alargamento do ensino pré-escolar, onde os alunos tivessem um primeiro contacto com o idioma português.

Outro dos grandes problemas a necessitar de solução urgente é o da grande circulação dos professores, pois docentes preparados para lidar com determinados problemas são, no ano seguinte, deslocados para outra escola totalmente diferente, sendo substituídos por outros sem preparação específica.

Zita Magalhães, por seu turno, põe um pouco em dúvida a eficácia destes cursos de formação de professores. Para esta responsável da Comissão dos Direitos Humanos, o problema passa pela educação de toda a comunidade. «Recuperando o bairro, está-se automaticamente a recuperar as crianças e a escola».

A sua experiência neste campo foi desenvolvida na Escola Preparatória de Miraflores, para onde vão muitos dos alunos da Primária nº 2 de Algés. A grande conquista, em seu entender, foi conseguir a colocação, naquela escola, de uma professora cabo-verdiana, que tem naturalmente uma sensibilidade muito diferente para lidar com aquelas crianças.

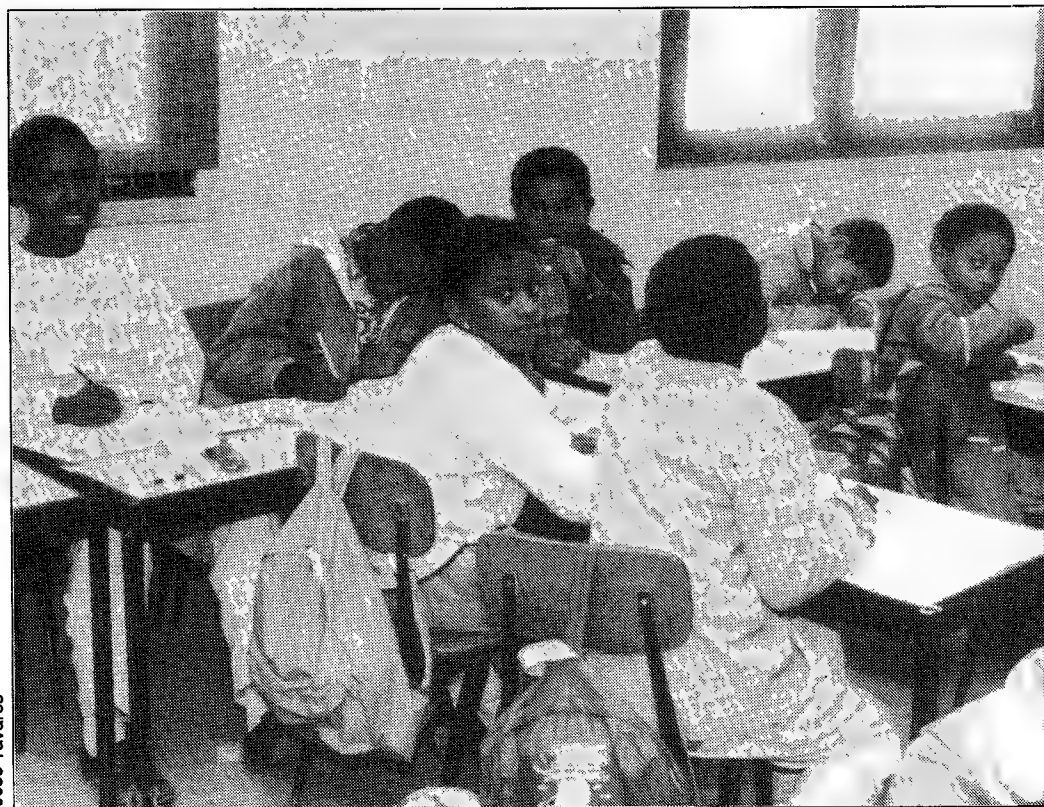
A ligação da escola à comunidade, com a participação de entidades tão diferentes quanto a Comissão de Moradores, a paróquia e a Junta de Freguesia, que proporcione também uma educação cívica e linguística aos pais é, assim, a solução defendida por Zita Magalhães.

D. S.

O Felismino tem 12 anos. A vivacidade do seu olhar deixa adivinhar uma criança esperta e com grande capacidade de aprendizagem. No entanto, há seis anos que o Felismino não passa de classe. «Então já chumbaste seis vezes, Felismino?» - perguntamos-lhe. Ele emenda-nos: «Só chumbei cinco. No ano passado fui expulso da escola por ter amandado uma pedrada à professora».

O caso do Felismino é apenas mais um dos que se vivem diariamente na Escola primária nº 2 de Algés. Com 478 alunos, 87 por cento dos quais cabo-verdianos, e 90 por cento oriundos dos bairros degradados da Pedreira dos Húngaros e da Circunvalação, esta escola luta todos os dias com problemas muito graves.

O maior de todos prende-se com a língua. A maioria das crianças, que entra para a primeira classe, ou apenas fala crioulo, ou tem conhecimentos muito rudimentares do português. Sendo a língua a base de toda a expressão, os miúdos não conseguem progredir em nenhuma matéria, tornando-se casos crónicos de insucesso escolar.



José Tavares

O Pedro é a única criança desta turma que não é caboverdiana. O dia a dia já chegou mesmo a chorar por lhe chamarem branco

Na verdade, segundo dados da Direcção-Geral do Ensino Básico e Secundário, as taxas de repetência entre as crianças oriundas de Cabo Verde atingem os 41 por cento na primeira fase (a nova designação para a primeira e segunda classes) e os 60 por cento na segunda fase,

o correspondente às terceira e quarta classes, quando a média nacional não ultrapassa os 24 por cento, já por si escandalosa.

Uma professora da primeira fase conta-nos que chega a ter alunos com quem só consegue comunicar através de intérpretes. «Nós

na escola fazemos todos os esforços para que eles falem português, mas como a família e os vizinhos quase só falam crioulo, eles não têm com quem praticar», afirma.

Estes miúdos não possuem, porém, menos capacidade do que quaisquer

Eles não mira

Dois rapazinhos de 4 ou 5 anos batem-se. Mais fraco, um deles acaba por abandonar a luta, chorando. O pai agarra-o e obriga-o a voltar à briga, gritando-lhe em crioulo. Ele tem que se habituar a defender-se, a lutar, pois de luta será toda a sua vida.

É assim o dia a dia na Pedreira dos Húngaros, em Miraflores. Com cerca de cinco mil famílias (quantas sejam, ao certo, ninguém sabe pois a maioria dos habitantes não têm a sua situação legalizada) aquele bairro agrega uma das maiores comunidades cabo-verdianas da capital e, consequentemente, do país.

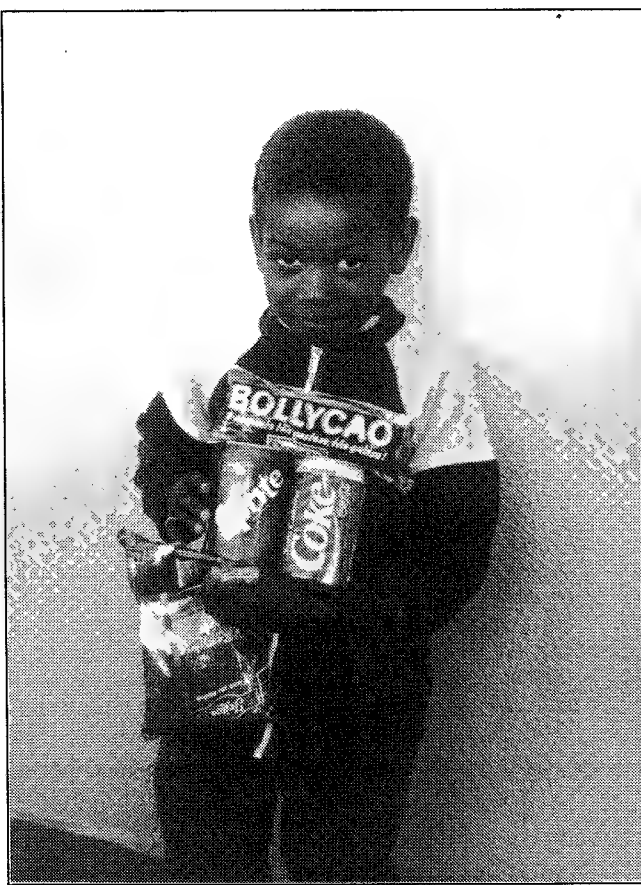
O aspecto da Pedreira dos Húngaros não difere muito do de qualquer outro bairro degradado: casas de tijolo misturam-se com as de lata, madeira e cartão, separadas por estreitas ruas de lama cheias de galinhas e de cães.

Durante o dia, os adultos são muito poucos. Os hom-

ens trabalham nas obras, enquanto as mulheres fazem serviço doméstico e vendem peixe. Nas ruas apenas se vêem crianças, muitas, um ou outro velho - poucos, pois poucos chegam a velhos com tais condições de vida - e alguns bandos de jovens com ar pouco recomendável, que subimos mais tarde serem geralmente consumidores e vendedores de droga.

Embora dê ideia de que aquela gente está completamente abandonada à sua sorte, há quem pense que vale a pena fazer qualquer coisa por ela. Um sacerdote holandês, o padre Henrique, é um dos que não desiste de ajudar aquela comunidade.

Quando falamos com ele, mostra-se afável mas um pouco desconfiado: «A comunicação social só fala dos cabo-verdianos quando algum deles comete um crime, dando sempre a ideia de que cabo-verdiano é



José Tavares

Debaixo do ar traquina, esta criança apenas pede que lhe adocem a vida

TOITORRES



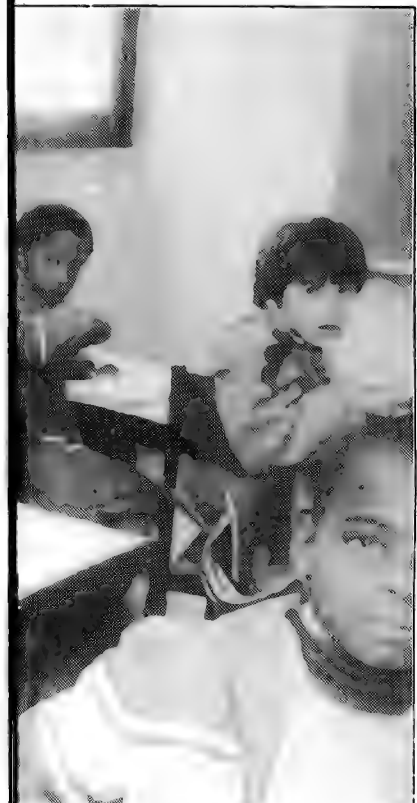
TOYOTA

Edifício Toitorres E.N. 8 — Km 43,9 — Telef. 25171/2/3/4 — 2560 TORRES VEDRAS

CONCESSIONÁRIOS

crianças (cabo-verdianas) senhores, por que padecem assim?

relação
crianças.



Rui Pacheco



No ghetto, nem sempre é fácil criar um espaço de diversão

dia a dia dele é difícil.
nco

os os
falem
no a
quase
não
icar»,
pos-
ca-
quer

outros. «Quando se fala em cabo-verdianos, as pessoas pensam logo em duas coisas: pouca inteligência e delinquência.» - afirma Manuela Carvalho, directora da escola há treze anos - «Ora estes garotos são tão espertos quanto os outros e a grande maioria vem de famílias tra-

balhadoras e honestas».

Estas crianças convivem diariamente com a criminalidade. A droga, o alcoolismo, os roubos fazem parte do seu dia a dia e do seu imaginário. «Mesmo que os pais não se dediquem a estas actividades, o ambiente é muito propício à tentação do

dinheiro fácil proveniente da venda de estupefacientes ou do roubo e alguns miúdos acabam por abandonar a escola para se juntar aos bandos», afirma uma professora.

Um bom exemplo é o facto de a escola, desde o passado mês de Setembro, já ter sido

assaltada dez vezes. «Levam dinheiro e tudo o que possa ser vendido», explica a directora. A falta de segurança é uma constante: a vedação do recreio está derrubada, muitas janelas partidas, os portões arrombados.

A nº2 de Algés goza de classificação de escola de

intervenção prioritária. Manuela Carvalho explica-nos em que consiste este estatuto. «As turmas são mais pequenas do que o normal, de forma a permitir um maior contacto entre professores e alunos, e recebemos subsídios especiais para livros e alimentação».

Tal ajuda permite às crianças almoçarem na escola, tendo assim aquilo que muitas vezes é a sua única refeição quente do dia. A confecção da refeição só é possível graças à boa vontade das funcionárias da escola, tornando-se impossível quando mais do que uma adoece ao mesmo tempo.

A fome não é a carência mais grave com que se debatem estas crianças. A alimentação desequilibrada e a grande falta de higiene em que quase todas vivem acarretam grandes problemas de saúde. A tinea, a sarna, os piolhos e parasitas de toda a espécie grassam entre os alunos da nº2 de Algés.

«Neste momento estamos a envidar todos os esforços para construir um duche onde os garotos possam tomar banho pelo menos depois da aula de ginástica», afirma Manuela Carvalho.

De lar, de hospital, de centro de assistência social, de tudo serve esta escola. «Além dos problemas disciplinares, uma constante mesmos nas melhores classes, temos ainda que resolver os problemas das crianças alcoólicas e de algumas, embora muito poucas, que consomem drogas», afirma outra das professoras.

Como exemplo, cita-nos o caso de uma garota de 12 anos, internada no ano passado no centro de recuperação de São Domingos de Benfica que, além de se drogar, se prostituía e participava em assaltos. «Temos outras crianças que necessitam de atenção especial, mas a assistência social demora muito e muitas vezes quando chega já é tarde».

Não obstante todos estes problemas, as crianças da Escola Primária nº2 de Algés têm planos, têm esperança. O Felismino sonha ser mecânico de automóveis e trabalhar diariamente com os bóides que vê passar na rua, enquanto o seu colega de carteira, o Paulo Jorge, prefere a carpintaria.

Dina Soares

ram flores

obras,
azem
ndem
as se
um
pois
com
a - e
ovens
com-
mais
con-
es de
que
plet-
sua
que
quer
dote
que,
de de
ade.
n ele,
um
«A
fala
ando
um
ideia
no é

sinónimo de delinquente». A conversa não o prende, pois os afazeres são muitos, e mais importantes do que a publicidade que se possa fazer da sua obra.

Margarida, uma assistente social que desde há um ano trabalha com o padre, é quem nos leva a ver aquilo que é o ponto nevralgico da obra: a creche e o centro de ocupação dos tempos livres. Com cerca de oitenta crianças - uma minoria se atendermos aos milhares que ali vivem - o centro desenvolve uma acção notável.

«Temos duas classes de creche, a dos 2/3 anos e a dos 4/5 anos, e outras duas de ocupação dos tempos livres, para crianças da primeira e da segunda fase.» - explica-nos - «Assim, em vez de andarem ao abandono na rua, os garotos são encaminhados para actividades úteis e produtivas, o que os afasta da tentação da droga e do roubo».

Quase sem apoios financeiros, a obra sobrevive apenas com o pequeno subsídio do Centro Regional de Segurança Social e às mensalidades pagas pelos alunos: 500 ou 750 escudos, conforme as possibilidades de cada um. A nível técnico o apoio é nulo. «Na classe dos mais pequenos nem sequer temos educadoras diplomadas pois nenhuma quer vir para cá. Têm medo», afirma a assistente social.

«E a Embaixada de Cabo Verde, não ajuda?» - perguntamos. Margarida responde que, os seus responsáveis consideram que este problema tem que ser resolvido pelo Estado português, lavando daí as suas mãos.

As classes infantis tornam-se muito úteis para o futuro sucesso escolar daquelas crianças, na medida em que constitui, muitas vezes, o seu primeiro contacto com a língua portuguesa. As re-

sponsáveis do centro de ocupação dos tempos livres funcionam em grande coordenação com a Escola Primária nº 2 de Algés. São elas que supervisionam os trabalhos de casa e que ajudam nas matérias mais difíceis. O Paulo Jorge é um dos frequentadores dos tempos livres. Conhecemo-lo na escola, na aula da segunda classe da escola primária da zona. Tem onze anos, e já chumbou cinco vezes. Quando lhe perguntamos porquê, responde que uma doença nas mãos o impediu de ir à escola e mostra as numerosas cicatrizes ainda visíveis. Paulo Jorge é uma criança dócil, vive com a avó e uma quantidade de irmãs e primos. É um dos que ainda não desistiu da escola, embora um dos seus primos já o tenha feito, para se juntar a um bando. O seu português é muito deficiente, o que dificulta toda a aprendizagem.

D.S.



Rui Pacheco

Da janela das barracas mais degradadas, os habitantes da Pedreira dos Húngaros vêem os luxuosos apartamentos de Miraflores

CONCESSIONÁRIOS



AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

Depois de séculos de ausência, as mulheres portuguesas ocupam hoje uma posição maioritária nos bancos das universidades

Universitárias: um «gineceu» à procura da maioridade

Há alguns anos atrás, e ironizando sobre a imagem de um certo «mundo feminino» vendido por revistas ditas da «especialidade», Roland Barthes escrevia: «fechem à chave o gineceu e só depois disso ponham lá dentro a mulher... em liberdade».

Procurava retratar esse domínio «libertado» - ou «libertador» - em que a mulher, que apenas tem por instrumento uma linguagem masculina - ou a Linguagem, o poder da palavra, de nomear, de dar sentido, o Logos - é por si mesma descrita como irreversivelmente amarrada a uma condição que se resume - porque lá principia e aí retorna - ao seu sexo e a um imaginário tipificado.

Esta é, segundo Barthes, a própria «ideologia» de uma certa «igualdade» (?) estabelecida pelas revistas femininas que, segundo as palavras do autor das «Mitologias», afirmam descaradamente às mulheres: «amai, trabalhai, escrevei, sede mulheres de negócios ou de letras... mas lembrai-vos sempre de que o homem existe e de que vós não sois feitas como ele: a vossa ordem é livre, com a condição de depender da sua; a vossa liberdade é um luxo, ela não é possível se não reconhecerdes, antes disso, as obrigações que decorrem da vossa natureza. Escrevei, se quiserdes, todos nós teremos muito orgulho nisso, mas não vos esqueçais também de fazer filhos, já que esse é o vosso destino».

A ironia de R. Barthes da prosopopeia de «feminino» das revistas femininas podia bem ser transcrito e reproduzido para uma outra realidade, nacional, sem perder nem deixar por mãos alheias a adequação que se pretende em qualquer escrita, mesmo quando implicitamente remete para um mundo de valorizações.

Não se trata, aqui, de enquadrar a imagem da mulher portuguesa surgida nas - e das - revistas femininas nacionais; antes de um outro domínio, menos vasto, mas também de certo modo concordante e «materializador» dessa tipificação: a situação da mulher no ensino (universitário) e a sua incomensurabilidade com o tipo de actividades que desempenha enquanto cidadã activa num país real, nomeadamente ao nível dos cargos a que tem acesso numa hierarquia de funções.

Afastadas das bancadas das universidades durante séculos, as mulheres romperam muito recentemente a sua ancestral condição de «fadas



Recentemente, o número de estudantes do sexo feminino que ingressam cada ano lectivo nas universidades passou a ser superior ao do sexo masculino

do lar» e passaram a ter um lugar maioritário na frequência das nossas universidades.

Processo de continuado e regular crescimento, a representação da mulher portuguesa no ensino superior tem registado um acréscimo médio anual, nas duas últimas décadas, da ordem do 1%, valor que, por si só, pouco traduz a realidade da sua frequência maioritária como discente no mais alto grau de ensino. De acordo com as estatísticas disponíveis relativas às maiores e/ou mais antigas universidades do país - as de Lisboa (ex-Clássica), Nova de Lisboa, Técnica de Lisboa, Porto e Coimbra - as taxas de feminização de alunas admitidas nestes estabelecimentos de ensino passaram de 43,5% (em 1970/71) para 57,4% (1984/85).

É assim que, quando em 1970/71 e dum total de 9241 alunos admitidos no primeiro ano do ensino universitário, 4094 eram mulheres, em 1984/85 ingressaram nas universidades - não se consideram aqui as mais recentemente criadas e os diversos institutos superiores já integrados na rede do ensino público - 7028 alunas, num total de 12243 estudantes colocados.

De acordo com um estudo sobre a situação, em Portu-

gal, da mulher no ensino superior e em actividades de investigação científica - da autoria de Beatriz Ruivo e realizado em 1985 - as estudantes universitárias fazem-se representar com um peso mais significativo em cursos de Ciências Exactas e Naturais (67,3%), de Ciências Sociais e Humanas (66,9%) e de Ciências da Saúde (65,7%). O valor mais baixo da taxa de feminização no ensino superior em 1984/85 era referente, segundo Beatriz Ruivo, aos cursos de engenharia e tecnologia (30,6% de frequência feminina), índice heterogéneo quando considerados os diferentes ramos de estudos - mais elevado nas engenharias textil e do papel (72%), mais baixo na engenharia mecânica (16,4%) e em sectores tão importantes como a electrónica (13,4%) e as telecomunicações e electrotecnia (13,1%).

Mais significativo ainda que o crescimento da frequência feminina nas universidades portuguesas são as taxas de diplomados pelo ensino universitário.

Tomando aqui o exemplo da maior universidade do país, a de Lisboa (UL), e de acordo com os dados fornecidos ao DL pela respectiva Assessoria do Planeamento, em 1987/88 foram diplomados, com licenciatura, por este

estabelecimento de ensino 618 homens e... 1452 mulheres, em maioria em todas as faculdades que integram a UL (Farmácia, Ciências, Direito, Medicina, Psicologia e Letras).

De igual modo, também na Universidade de Coimbra e no mesmo ano lectivo, concluíram as suas licenciaturas 863 mulheres, número que corresponde a 62% do total de diplomados conferidos por esta instituição.

Recorde-se que, em matéria de participação feminina no mundo universitário, foi Coimbra que passou a acolher, diariamente, uma mulher nas suas bancadas: Domitília Hormizinda de Carvalho, natural de Vila da Feira, que ingressou no ano lectivo de 1891/92 no curso de Matemática.

Também na docência universitária feminina, a UC foi a primeira instituição de ensino superior que contou com uma docente nas suas fileiras: Carolina Michaelis de Vasconcelos que exerceu estas funções a partir de 1911, tendo mais tarde sido designada professora catedrática pelos titulares do regime vigente, em reconhecimento dos seus méritos académicos.

Uma docência à «margem da lei»
As taxas de feminização

da docência universitária em Portugal não deixam de retratar a situação mais alargada do posicionamento das mulheres no mercado de trabalho e do seu respectivo (pouco) poder profissional nas profissões liberais, não coincidentes com o académico.

Mesmo num domínio a que seria de exigir, pela sua própria natureza, a inexistência de constrangimentos sexistas, a realidade dos números disponíveis dá bem conta do desnível existente entre os índices de frequência universitária e os de carreira docente ou de postos de gestão e decisão académica.

Encaminhadas para outros níveis de ensino ou outras actividades «menos criativas ou inovadoras», segundo Beatriz Ruivo, as mulheres têm, neste domínio, uma representação muito pouco significativa, com um crescimento relativo de menos de metade do respectivo crescimento de diplomadas.

Dados relativos a 1980/81 referem que, dum total de 5618 docentes do ensino superior, apenas 1693 eram mulheres, ou seja, uma taxa de feminização global de 30,1%.

Estes valores traduzem também a realidade dos cursos de pós-graduação que, ainda hoje e mesmo em domínios para que, tradicionalmente, concorrem mais diplomadas, têm uma frequência masculina muito mais acentuada.

É na área das Ciências da Saúde onde se verifica a maior discrepância entre as taxas de feminização de doutoramentos e de diplomados - 15,6% e 65,7%, respectivamente.

Ainda ao nível da docência universitária, e de acordo com

o trabalho de Beatriz Ruivo, a maior representação feminina relativa situa-se entre os assistentes (40,6%). Quando considerados os professores catedráticos, o topo da hierarquia académica, as mulheres somam apenas uma representatividade de 8,2%.

Em 1887/88, na Universidade de Lisboa, dos 1449 docentes - independentemente do seu nível - com funções a tempo inteiro, somente 666 eram mulheres.

Ao nível da presidência feminina na gestão de estabelecimentos de ensino universitário - conselhos científicos, pedagógicos e directivos - a sua representação resumia-se a 12% dos cargos (dados disponíveis para 1984/85).

O balanço a realizar, apesar de tudo positivo para as actividades da mulher na vida universitária portuguesa, particularmente ao nível da docência, não deixa de vincar que o enquadramento cultural, social e económico da mulher esbarra com um «tecto» por excelência masculino.

Num mundo (supostamente) de ponta aos níveis referidos - o universitário - e ultrapassadas que possam estar situações como o abandono da vida activa pelo casamento ou pelo nascimento de crianças, ao «empenhamento da mulher e aos bons resultados escolares e de qualidade de trabalho que ela revela», continuam a não ter correspondência, na mesma dimensão e como sustenta Beatriz Ruivo, «medidas que obviem às dificuldades ainda existentes de entrada e progressão nas carreiras».

Maria Antónia Martinho

Longo caminho para a igualdade

Dez anos depois de assinada pela Assembleia Geral das Nações Unidas e já ratificada por 101 países, a Convenção para eliminação de todas as formas de discriminação da mulher permanece actual. Perez de Cuellar, secretário-geral da ONU, referiu-o na mensagem com que assinalou, hoje, o Dia Internacional da Mulher.

«As mulheres estão cada vez mais na vanguarda da abordagem de questões de preocupação nacional e internacional e os problemas a que temos de fazer face não podem ser resolvidos apenas por metade da população do mundo», afirmou o secretário-geral da ONU.

A falta de instrução (2/3 do analfabetismo é feminino), a desigualdade de oportunidades e a precariedade do emprego, a discriminação salarial (2/3 do masculino) ou mesmo a ausência de estruturas de apoio à família penalizam as mulheres e traçam um «quadro negro» que não impede a comemoração deste dia.

Em Portugal, centrais sindicais, movimentos e associações femininas, partidos políticos e as próprias autarquias não querem deixar esquecido o Dia Internacional da Mulher e desdobram-se hoje, em actividades. Entre as múltiplas iniciativas, o Movimento Democrático de Mulheres recorda «a memória e a voz feminina» na sociedade Nacional de Belas Artes e a Associação de Mulheres Juristas debate «o direito à felicidade» e os sindicatos apelam a uma maior consciencialização dos direitos que efective a mudança.

QUOTIDIANO

O Supremo Tribunal de Justiça exarou um assento sobre transmissão de arrendamento urbano que discrimina os filhos de uniões de facto. A Associação Portuguesa das Mulheres Juristas reagiu

Provedor de Justiça recorre a Tribunal Constitucional

Os filhos menores das uniões de facto podem ser despejados das casas que habitam com os seus pais, por morte do titular do arrendamento ou por separação de pessoas, desde que, neste último caso, o arrendatário abandone a casa. Assim o determina um assento do Supremo Tribunal de Justiça, que no entanto salvaguarda os casos de união matrimonial. Tal assento não é assim extensivo, por analogia, à união de facto.

O mesmo assento impede a transferência do direito de arrendamento, nas uniões de facto, do titular ou contituais para os filhos. Situações dessas têm vindo a multiplicar-se um pouco por todo o País, razão pela qual o provedor de Justiça solicitou ao Tribunal Constitucional que declare a inconstitucionalidade formal desse assento, para que não haja filhos e enteado face à lei.

Exemplos dessa segregação não faltam. Que o digam Ermelinda José Fernandes e Fausto da Luz. Chamado a pronunciar-se sobre a transferência de arrendamento — na regulação do exercício do poder paternal — para o filho de ambos, o Supremo Tribunal lavrou assento taxativo que nega tal diligência,

sob alegação de que os requerentes não estavam unidos pelo matrimónio.

O Tribunal Constitucional pode pronunciar-se sobre a questão «dentro de meses», provavelmente «antes das férias de Verão», disse Almeida Ribeiro ao DL.

Mulheres juristas tomam iniciativa

Para a Associação Portuguesa das Mulheres Juristas, esse assento «encontra-se em directa oposição a princípios fundamentais consagrados na Constituição Portuguesa». A associação pretende que o assento seja declarado inconstitucional, razão pela qual solicitou ao provedor de Justiça que intervenha dentro das suas competências, por forma a que seja reposta a sua constitucionalidade. Ou, por outras palavras, para que seja, pelo Tribunal Constitucional, declarada a inconstitucionalidade material do referido assento.

Diz a lei que, seja qual for o regime matrimonial, a posição do arrendatário não se comunica — no caso de arrendamento urbano — ao cônjuge e cada um por sua morte, sem prejuízo do disposto no artigo seguinte.

Este, por seu turno, estabelece que «obtido o



O provedor de Justiça, Ângelo Almeida Ribeiro, tem esperança que o Tribunal de Justiça se pronuncie sobre a sua solicitação antes das férias de Verão

divórcio, ou separação judicial de pessoas e bens, podem os cônjuges acordar em que posição o arrendatário fique pertencendo a qualquer deles». Na falta de acordo, a legislação estabelece que «cabe ao tribunal decidir, tendo em conta a situação patrimonial dos cônjuges, as circunstâncias de facto relativas à ocupação da casa, o interesse dos filhos, a culpa imputada ao arrendatário na separação ou divórcio, o facto de ser o arrendamento anterior ou posterior ao casa-

mento, e quaisquer outras razões atendíveis».

No caso em que o processo esteja pendente no tribunal de menores, é a este que cabe a decisão.

Filiação não deve ser discriminatória

Por outro lado, a transferência do direito do arrendamento para o cônjuge do arrendatário, por efeito do acordo ou decisão judicial, deve ser notificada oficiosamente ao senhorio.

Os casos acima referidos

respeitam os filhos de uniões matrimoniais, estabelecendo desde logo, segundo a Associação Portuguesa das Mulheres Juristas, uma distinção que o texto fundamental alija. Com efeito, prescreve-se num normativo constitucional que «os filhos nascidos fora do casamento não podem ser objecto de qualquer discriminação e a lei ou as repartições oficiais não podem usar designações discriminatórias relativas à filiação».

Tal disposição, consagrando o princípio da não discriminação dos filhos em função de os seus progenitores serem ou não casados, insere-se no capítulo referente aos direitos, liberdades e garantias, pelo que, por força de outro articulado da lei fundamental — artigo número 18º —, é directamente aplicável, vinculando entidades públicas e privadas, inclusivamente os tribunais.

A obediência dos tribunais a essa norma ficou algo prejudicada com a emanção do assento em causa que a Associação Portuguesa das Mulheres Juristas quer ver revogado, razão por que recorreu ao provedor de Justiça. Estão assim em questão uma norma constitucional e sua prevalência sobre um

assento supra-judicial e os conceitos de excepcionalidade e analogia. O acórdão do STJ parte de uma regra geral, sobre a qual abre uma excepção. Tal disposição — defende o Supremo Tribunal — não pode ser aplicada por analogia às uniões de facto, mesmo que destas haja filhos menores.

É uma questão aparentemente simples que os tribunais tornaram complexa, reflectindo-se em vários domínios, de que ressalta este facto liminar: há filhos e enteado, perante a lei, quando se trata da sucessão de arrendamento urbano. Ser ou não ser casado na conservatória: eis a questão.

Questão que, no caso de divórcio ou separação judicial de pessoas e bens, em que os cônjuges não acordem sobre a transferência entre eles da posição do arrendatário, a obrigação de decidir sobre esse ponto (tendo em atenção, entre outros factores, o interesse dos filhos) é imposta aos tribunais. Mas não sendo esse regime aplicado por analogia quando se trate de uniões de facto, mesmo que haja filhos menores, ficam assim os tribunais impedidos de atender ao interesse dos filhos dessas uniões.

J.R.

Açorianos queixam-se das ajudas do Estado

O Governo açoriano queixa-se que as ajudas do Estado e os financiamentos estrangeiros nos Açores não têm acompanhado a inflação. O ano passado foi aquele em que as receitas menos significaram, apenas 24,2 por cento da cobertura do Plano regional. Esta situação poderá comprometer o acesso da região autónoma aos fundos estruturais da CEE.

Em 1985, os 5,7 milhões de contos atribuídos pelo Estado à Administração Regional representavam metade das despesas do Plano. Em 1986, os 7,9 milhões recebidos equivaleram a 24 por cento.

O mesmo aconteceu com as contrapartidas do acordo Luso-Americano das Lajes. Em 1985, asseguravam 29 por cento das despesas regionais, o ano passado corresponderam a 10 por cento dos encargos anuais da região autónoma.

O problema, argumentam os representantes açorianos, é que não se pode restringir as despesas correntes da Administração Regional. Pelo contrário, com os aumentos salariais na Função Pública, estas serão agravadas em quatro milhões de contos. A saúde e a educação são os principais sectores afectados, uma vez que absorvem cerca de 70 por cento dos gastos.

Com base nestes dados, o Governo Regional dos Açores elaborou um projecto financeiro para as relações com Lisboa. Este documento está a ser objecto de análise por parte dos partidos da oposição parlamentar da ilha. Posteriormente será submetido ao Governo de Cavaco Silva.

As soluções apontadas pelos representantes açorianos consistem no aumento das dotações por conta dos chamados «custos de insularidade» e a transferência de impostos para o arquipélago assente numa «perspectiva mais correcta».

nétel

PRONTO A VESTIR

HOMEM

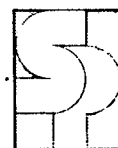
SENHORA

JUVENIL

Informa os seus exmos clientes, amigos e público em geral, que a *nétel* reabriu com uma **espectacular redução de preços** em todos os seus artigos.

PRAÇA DA FIGUEIRA, 8-D — TEL. 32 76 60 — LISBOA

Aceita-se cartões de crédito



SINDICATO DOS PROFESSORES ZONA SUL

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DESCENTRALIZADA

CONVOCATÓRIA

Convoca-se a ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DESCENTRALIZADA ao abrigo dos pontos 4.2 e 4.2.2 do artigo III dos Estatutos do SPZS, a realizar no dia 26/03/90, com início às 18h, nos locais abaixo indicados:

BEJA — Delegação do SPZS — Rua D. Manuel I, n.º 3
ÉVORA — Sede Velha do SPZS — Rua Romão Ramalho, 28

PORTALEGRE — Delegação do SPZS — Rua da Amargura, 6-2.º

FARO — Delegação do SPZS — Rua Ascensão Guimarães, 38-1.º

PORTIMÃO — Escola Secundária António Aleixo sendo a ordem de trabalhos a seguinte:

O.T.
§ — DISCUSSÃO E VOTAÇÃO DO RELATÓRIO E CONTAS 89

E
ORÇAMENTO PARA 1990

Évora, 5 de Março de 1990

Pel' A Mesa da Assembleia Geral Henrique Santos — 1.º Secretário

CULTURA

Crítica de teatro

Os comediantes dançam mal

REIGEN - DANÇA DE RODA, de Arthur Schnitzler. Tradução/Dramaturgia: Isabel Alves. Encenação: João Paulo Costa. Cenografia: José Manuel Melo. Figurinos: Cristina Costa. Música: João Loio. Interpretação: Teresa Nunes, João Cardoso, Teresa Chaves, Jorge Vasques, Rosa Quiroga, João Paulo Costa, Alberto Elísio e José Relhas. Grupo Os Comediantes. Estreia: Auditório Carlos Alberto/22-02-1990).

Em qualquer trabalho artístico, o falhanço é não só compreensível como praticamente inevitável. E tanto mais inevitável quanto depende de condições especiais de produção que têm a ver com os apoios de que dispõe e com os elementos que nesse trabalho participam. Os Comediantes são responsáveis por criações recentes de indiscutível qualidade. Foi o caso de «Possessos de Amor», de Sam Shepard («DL»/16-03-89) e de *O Pássaro Verde* («DL»/25-03-1988), os mais interessantes, embora pudéssemos citar outros espectáculos com textos de Shakespeare, Copi,

Marivaux, etc. O falhanço aconteceu, sem apelo nem agravo, com este último espectáculo que veio estreiar a Lisboa mas só agora estreou no Porto. Embora seja de considerar para o entendimento desse desacerto o facto do grupo, como os outros grupos portuenses,

viver em estado de tensão provocado pela política da SEC que o deixou sem uma base de trabalho minimamente estável.

A meu ver, no entanto, este insucesso de Os Comediantes tem sobretudo a ver com a escolha de um texto que exige um tratamento que só está ao alcance de poucos grupos. A peça de Arthur Schnitzler, de que Max Ophuls fez o belo filme que sabe quem viu, não é mais do que uma circulação de sentidos que implica um jogo cénico, ao mesmo tempo, subtil e aberto, franco sem grosseria, marcado por um ritmo mozartiano que, salvo erro, tem pouco a ver com uma atmosfera que passa do apagamento à nota revisteira, sem acertar num ou noutro caso.

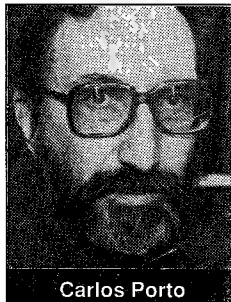
Procura-se uma ideia de

encenação e encontra-se um par que, ao longo do espectáculo, reaparece de cena em cena, ao fundo do espaço a dançar, símbolo dessa circulação de sentidos, dessa ronda, desse jogo sexual que a peça implica. Mas, precisamente, porque é simbólico esse par, não devia ser representado por duas personagens concretas mas por duas personagens abstractas cuja composição respeitasse esse carácter simbólico. Por outro lado, a encenação não conseguiu ultrapassar o problema das constantes mudanças de cena, utilizando para isso a entrada de auxiliares de cena que transportam móveis e adereços num movimento excessivo que prejudica sem remédio o próprio movimento das personagens. Teria sido preferível, a meu ver, evitar as mudanças de cena, optando pela abstractização do espaço (o espectador é perfeitamente

capaz de fazer a leitura dessas mudanças de cena). A isto é de acrescentar uma surpreendente desastrosa direcção de actores (talvez agravada por uma distribuição errada),

o que resulta na incapacidade dos intérpretes em fazer chegar o texto ao público (o que é flagrante nas cenas de cama porque não se viu que a marcação devia ser feita junto do proscénio e não no fundo da cena). O texto fica assim numa vaguidade que impede o espectador de os ouvir e por isso de se interessar pelo que se passa no palco. Como contraprova veja-se como a melhor cena é aquela em que Rosa Quiroga e João Paulo Costa interpretam, respectivamente, a actriz e o conde. É a única cena forte do espectáculo. O resto, francamente, não existe. Dir-se-ia que estes comediantes não são Os Comediantes, tão sem intensidade, sem chama, sem tempo dramático, sem ritmo, surgiram, pelo menos na noite em que os vi. Dir-se-ia que não estavam a acreditar no que estavam a fazer. No entanto, tenha-se em conta que o espectáculo pode ter sido prejudicado também pelo facto de ter sido apresentado num espaço grande, ao qual o grupo não está habituado, embora tenha sido concebido para esse espaço.

Uma palavra para a música agradável de João Loio, mais próxima do tom schnitzleriano.



Carlos Porto

A MARGEM

Este dia por ano

Dia Internacional da Mulher? - E por que não o Dia Internacional do Homem, o Dia Internacional das Pessoas na Casa dos 50, o Dia Internacional dos Africanos em África ou o Dia Internacional das Crianças de Olhos Castanhos?

Só há uma coisa mais insuportável do que discriminação hostil: é a discriminação amigável. Do estilo "toma lá um osso e vê lá se ainda dizes que não jantaste". O paternalismo quotidiano de que as mulheres são alvo podia ao menos poupar o mundo ao seu dia mais piroso de todos: o dia em que se celebra metade da população. E a outra metade? - Bom, dir-me-á o leitor, a outra metade celebra-se todos os dias. Sim, porque, sem se dar esta mão à palmatória, não existe qualquer expli-

cação plausível. Reconhecer um erro é o melhor modo de afastar a má consciência.

Parece que nem as feministas, em épocas mais recentes e furiosas, conseguiram o prodígio de hostilizar este dia. Vá lá saber-se porquê. É um bocado como a história do "Ó Micas, vais presa? - Não, vou dormir com o subchefe!": Se o tratamento é supostamente melhor, estou em crer que tal juízo não coube à Micas.

Ficamos, então, assim: além das leis que supostamente nos protegem contra quaisquer discriminações, temos ainda o supremo privilégio deste legado democrático: o Dia Internacional da Mulher que, como todos os dias internacionais, nunca serviu para nada.

Talvez se pretenda que

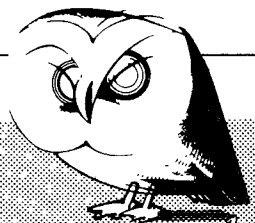
ele sirva para nos regalar-mos com direitos que não são de facto. E mais: para nos lembrarmos que, em Portugal, as mesmas mulheres que celebram alegremente este dia continuam em práticas ancestrais condizentes com tal disparate. Por exemplo: apesar de o Código Civil estipular, no artigo 1677, a igualdade jurídica dos sexos, a prática deu outra coisa. Aqui fica apontamento, recolhido por Vilhena de Carvalho, de como foram as coisas no concelho de Pinhel, na década de 80: em 1082 casamentos, 914 mulheres adoptaram o nome do marido, cinco cônjuges adoptaram nomes semelhantes, 163 mantiveram o nome de solteiros e nenhum homem ficou com o nome da mulher.

Não admira, pois, que Almeida Santos, em tem-

pos ministro da Justiça, fizesse uma brilhante e progressista dedução: esta possibilidade de o marido poder utilizar os apelidos da mulher não é "muito do nosso agrado". Tinha razão: não é. O nosso agrado é celebrar dias internacionais dos pobrezinhos discriminados e sem hipóteses de recuperação. O nosso agrado é ter paciência, como diz Agustina, porque os outros têm sorte. Por muito menos do que isto se pode ouvir, ao homem português, uma das suas frases favoritas: Não há pachorra!

A pachorra é, contudo, o traço feminino mais imprescindível. Penso que deviam mudar o nome ao dia. Devia ser o Dia Internacional da Pachorra.

Marina Tavares Dias



olhar de mocho

Questões históricas

Agora que a questão de uma nova guerra parece irremediavelmente resolvida no pequeno apartamento que a Europa ocupa no vasto complexo urbanístico mundial, regressar à guerra do Hitler pode significar trilhar vários caminhos distintos: superar um complexo de culpa; ir apenas buscar às cenas guerreiras manancial de imagens para divertir, poupando o dinheiro que se teria de pagar a um ficcionista; ou simplesmente tentar ensinar história na sala de aula que o pequeno ecrã oferece.

O Canal 2 regressou ontem à Segunda Guerra Mundial, e a escolha dos dois filmes exibidos mostra bem que o assunto nem está nem deve ser arquivado. O «Submarino», sendo produção germânica, leva-nos mais para a questão de superar culpas. Por mais que o actual chanceler Kohl da RFA proclame ter o «estado de graça original de ter nascido tardiamente» em relação ao nazismo, o facto é que as estruturas e as instituições que geraram a guerra hitleriana não são giz que qualquer esponja faça desaparecer em duas penadas. Um Picasso, ou um Brecht ou os irmãos Sofia e Hans Scholl poderão reivindicar nada terem a ver com a culpa colectiva do nazismo porque o combateram - os espíritos livres não têm problemas de superar complexos de culpa. Os antigos, sobretudo os das regiões helénicas, resolviam estes problemas de alijar a culpa com o recurso aos mitos. Criavam deuses para tudo: guerra e paz, negócios e ladões, felicidade e tragédias, amor e loucuras. Mas o crepúsculo dos deuses, embora anunciado, tem-se mantido persistente. Nós, os modernos, já não vamos em mitos gregos mas ainda teremos de aguentar o crepúsculo por mais uns tempos. O «Submarino» surge nesta perspectiva de mitos e deuses que já não existem mas ainda não desapareceram de todo, carregado de ideologia: as cenas guerreiras como que estão metidas dentro do submarino e adivinha-se logo que é tudo para ir a pique. Oxalá assim seja, oxalá tudo esteja mesmo nas profundezas do mar avarento que nada restitui.

Mas há um aspecto importante a realçar nesta produção cinematográfica: a palavra escrita, a do livro, torna-se demasiado impotente para analisar e condenar o nazismo ou os fascismos puros anteriores e satélites da «ideologia» hitleriana. Quando se trata de uma bestialidade, a imagem torna-se mais adequada que o discurso escrito. Um cenário de Brecht, um quadro de Picasso convencem mais que um ensaio de Böll. Por isso é que o filme pode ser instrumento privilegiado para a análise de fenómenos históricos. Neste caso concreto da questão do nazismo, o «Submarino» foi: quando os diagnósticos clínicos precisam de radiografia, é a imagem que salva.

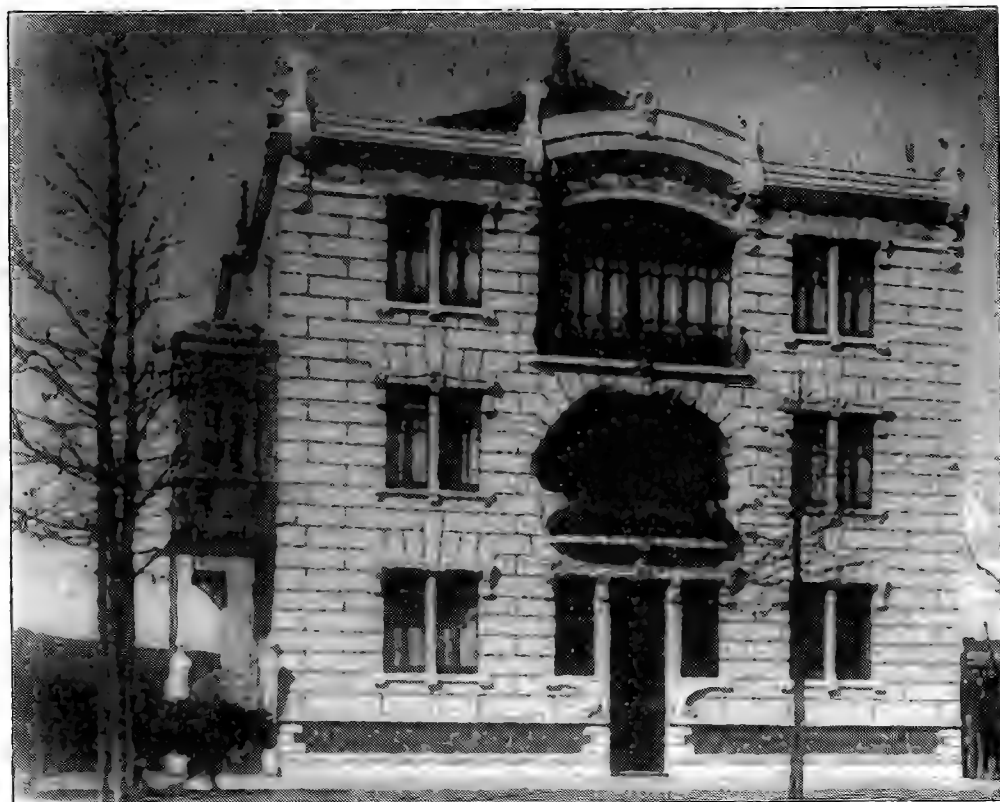


José Sousa Monteiro

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Finalmente, a CML salva dois prédios históricos da Avenida da República

Arte-nova nas avenidas 1900



O número 87 da Avenida da República (agora em recuperação): em 1907, acabado de construir, e em 1989, quase em ruínas. Entretanto, desapareceu o friso de azulejos que encimava a varanda do segundo andar

Às vezes, a gestão autárquica lisboeta surpreende-nos com belos e inesperados gestos. E nessas alturas nos prova que a ineficácia habitual das sucessivas vereações foi mais voluntária do que parece. Faz hoje quatro anos que publiquei, pela primeira vez, algumas das fotografias que ilustram esta notícia. No dia 8 de Março de 1986, as casinhas arte-nova com os números 87 e 89 da Avenida da República estavam quase em ruínas. Hoje, mercê da intervenção coersiva levada a cabo pela CML, estão em vias de

formar outra vez um pequeno conjunto harmónico e sólido nas Avenidas Novas. Do cenário circundante pode dizer-se tudo menos que merece estas preciosas jóias. Mas isso é outra história.

Classificados como Imóveis de Interesse Público desde 29 de Setembro de 1977, estes dois edifícios de J. Rodrigues Prieto estiveram durante anos ocupados, enquanto iam desaparecendo pormenores da decoração interior, azulejos da fachada e estuques dos tectos. Chovia abundantemente em quase todos os

andares e mesmo a deslumbrante escadaria de entrada do número 87 ficou, talvez, irre recuperável.

Durante longo processo, com recurso a tribunais, a Câmara intercedeu pela preservação dos edifícios. Já em 1989, foi um deles inteiramente recuperado, estando hoje praticamente pronto. O exemplar mais interessante continuou, contudo, em degradação. Após contacto com os novos proprietários, o vereador Vasco Franco assegurou ainda o início dos trabalhos para a nova recu-

peração, finalmente em curso, já na vigência do novo executivo. O orçamento relativamente reduzido das obras no número 89 (cerca de 16 mil contos) desmistifica a ideia segundo a qual quaisquer reabilitações de antigos imóveis são incompensáveis pelos proprietários, em preferência à pura e simples substituição.

Os números 87 e 89 da Avenida da República constituem um raro exemplo da arquitectura arte-nova lisboeta. Quase sempre, os palacetes seus contem-

porâneos ostentam, nesse estilo, apenas pormenores dispersos: varandas de ferro forjado, talha de madeira ou azulejos. Estas duas casas, concebidas e desenhadas pelo construtor Prieto, vão mais longe na proposta de estilo: desde às sacadas embutidas, passando pela cantaria, até aos últimos adornos. Os interiores, também eles harmónicos, são ainda mais representativos.

Rodrigues Prieto, fabricante de bilhares e desenhador de interiores, foi um dos poucos defensores lisboetas da arte-nova. O estilo, chegado a Portugal com algum atraso, conquistou imediatamente os azulejos de patamar e as vinhetas da "Ilustração Portuguesa". Arquitectonicamente, resistiu-se-lhe até ao fim. Hoje, do pouco que se construiu, menos ainda subsiste.

Estes dois edifícios resumem, assim, uma dupla simbologia: as antigas (hoje arrasadas) Avenidas Novas e a escassa arte-nova portuguesa. Rodrigues Prieto desenhava-os quase "por catálogo". Viajava muito. Conhecia o trabalho de Gaudí e de Horta. Recolheu exemplos, referências, estudos. E, em 1905, projectou para o número 87 da então Avenida Ressano Garcia, a primeira casa inteiramente arte-nova de Lisboa. Solicitada a autorização camarária a 13 de setembro de 1906, o edifício estava pronto por meados do ano seguinte. O primeiro proprietário, Abel José da Cruz fazia parte da burguesia ascendente que ditou a primeira fase dourada às agora irreconhecíveis avenidas.

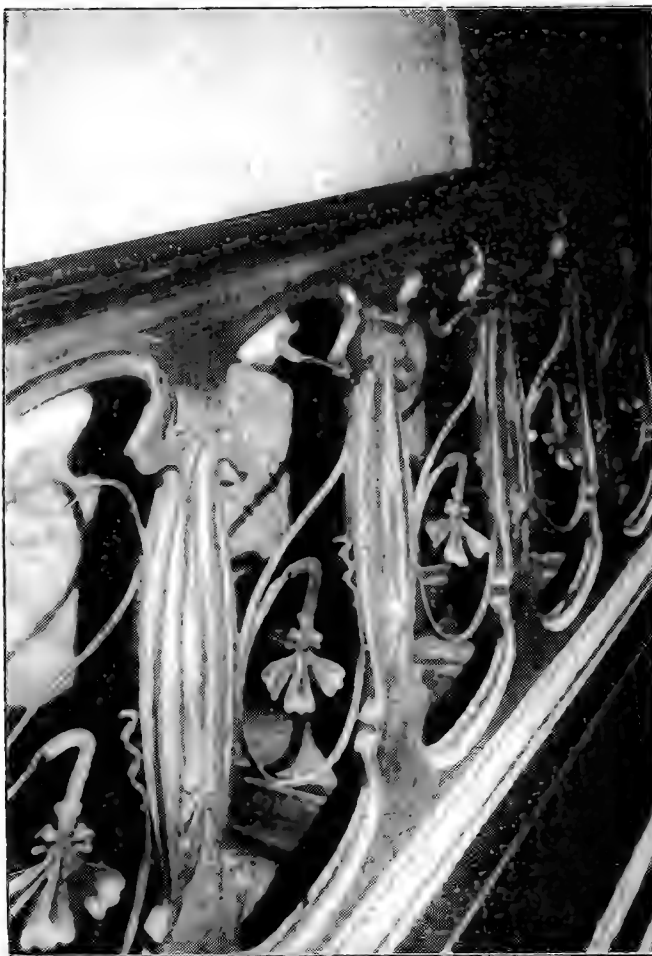
Dois anos depois, em 1909, desenhou Prieto outro edifício semelhante, desta vez com

três andares. Menos interessante exteriormente, este último possui contudo importantes adornos interiores, na escada principal e no primeiro patamar. Também no seu congénere, é a escadaria de entrada que constitui um dos principais tesouros: meia dúzia de degraus cuidadosamente contornados pelo corrimão de ferro forjado e encimados por uma bela porta de madeira lavrada em gomos. Nos últimos dois anos, entretanto, desaparecera já uma parte destas portadas. Provavelmente, serão irre recuperáveis.

Alguns tectos do primeiro andar estavam ainda, muito recentemente, quase intactos. Tal como as molduras de parede (quer da escada, quer do interior do andar), são estucados ao estilo. O chão embutido, muito degradado, completa o conjunto no andar nobre. A escada principal é decorada com vários elementos de ferro forjado, alguns dos quais tinham sido, entretanto, retirados. Ambos os edifícios foram, até há pouco tempo, um cenário de bairro de lata em plena Avenida da República e eram poucos aqueles que se aventuravam nos preciosos interiores. As fotografias identificam aquele que fica sendo o nosso principal conjunto arte-nova: agora devolvido à cidade.

A Câmara não revelou ainda quais serão os futuros habitantes dos imóveis (a escolha do aluguer deverá caber ao senhorio). Mas se um dia se fizesse um museu evocativo das Avenidas Novas ou da arte-nova portuguesa, seriam eles as instalações condignas.

Marina Tavares Dias



Interiores integralmente arte-nova: porta do átrio e escadas de acesso aos andares

Homenagem europeia a António Ramos Rosa

«Sou um poeta, mas...»

- Sou um poeta, mas...

António Ramos Rosa, ontem à noite homenageado na Galeria do Centro de Arte Sotcip, por ocasião do lançamento da revista belga «Le Courrier du Centre International d'Études Poétiques», número especial que lhe é inteiramente consagrado, ficou-se pelas reticências durante longo tempo.

Estantes peçadas de livros (os mais diversos títulos de Poesia, Ficção, Ensaio) pareciam aguardar pela afirmação completa do Poeta. Lá fora - era a Avenida Barbosa do Bocage, o sol a entrar pelas janelas, um ruído vago a esvair-se pelas ruas circunvizinhas. E Ramos Rosa, por fim, tímido o som da voz, peremptório, contudo, nas palavras:

- ... mas não mereço o Prémio Nobel.

Estamos a poucas horas da sessão de homenagem (que hoje prossegue, às 18 e 30, com uma mesa redonda, no Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian), há uma certa inquietação no entrevistado - e nós vamos acrescentando que nos constara no Porto, na Casa de Serralves, que...

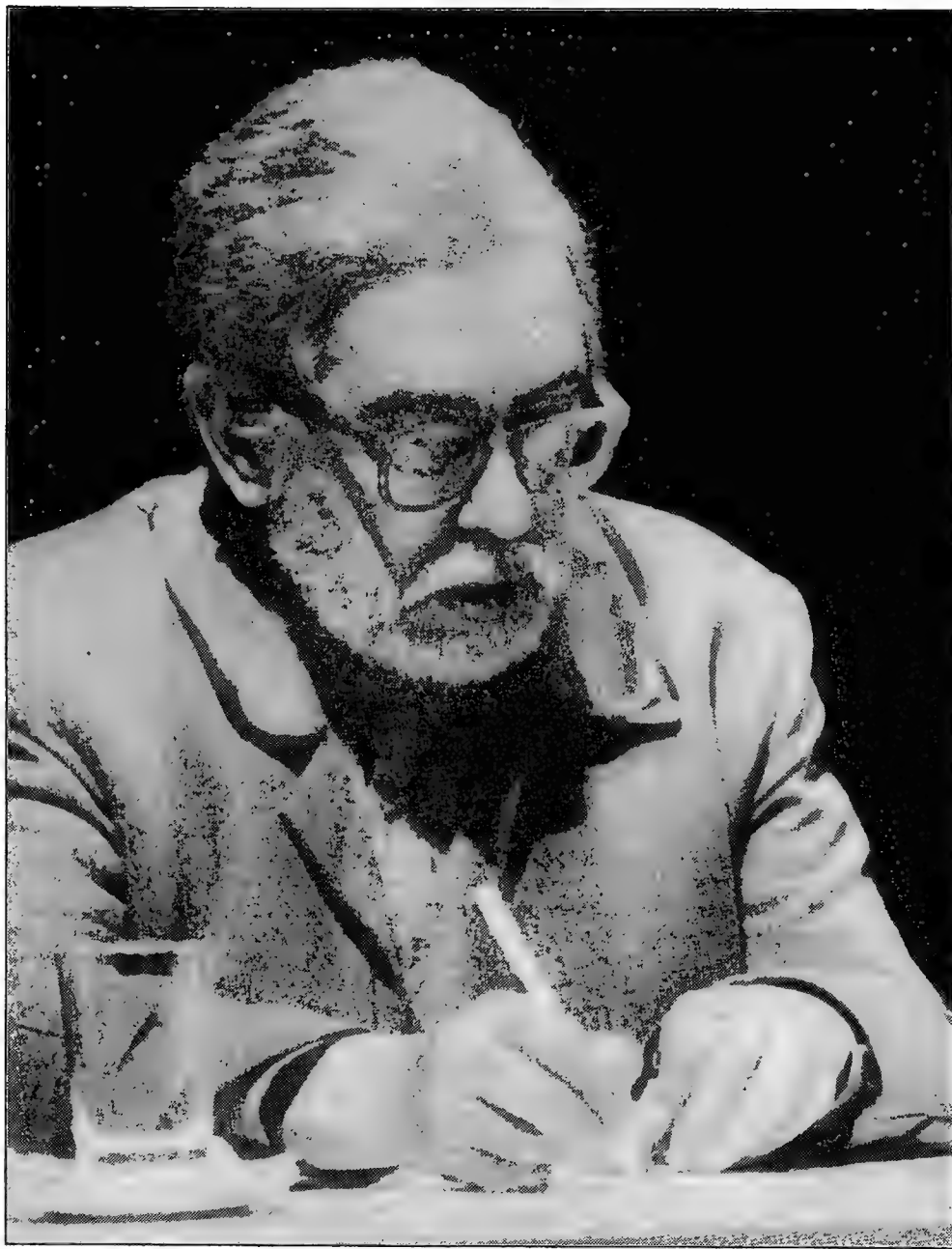
- São opiniões apressadas - diz o poeta. - Opiniões de pessoas que, por esta ou aquela via, souberam da publicação da revista belga a mim inteiramente dedicada. É verdade que a minha poesia (cujo nível literário reconheço, sem petulância, sem qualquer espécie de vaidade...), perspectiva um novo modo de ser entre os homens. É uma contribuição para o nosso mútuo entendimento, mas... Uma coisa, no entanto, lhe posso dizer: Pascal Fleury, e outros amigos, propuseram a minha candidatura ao Nobel. É tudo quanto posso dizer...

Sabor, sabores

Mas quem se debruçar sobre «Le Courrier...», a mencionada revista literária belga que enaltece António Ramos Rosa, não pode, de maneira nenhuma, aceitar a modéstia do Poeta.

E porquê...?

Tão simples! Basta atentar, por exemplo, nos nomes que, em «Le Courrier...», subscrevem artigos sobre Ramos Rosa, como, a título de exemplo, Jean Starobinski, membro do júri do Prémio Nobel. «No itinerário do crítico ou do filósofo - escreve Starobinski - que persegue uma reflexão sobre a condição presente do homem, bem como os testemunhos mais significativos que a expresse, acontece que certos textos poéticos podem servir de referência. Desejaria falar aqui de um poema de António Ramos Rosa, e tornar claras as razões que me prendem a esse texto...»



António Ramos Rosa

Aludindo ao poema «O Sabor Único», Starobinski considera-o como um daqueles escritos que «ajudam a compreender e a viver». E explicitando a sua ideia: «Perguntar-se-á: o gosto, a percepção do sabor, não são - de acordo com a classificação tradicional - idênticos aos sentidos da vista e do ouvido? Só que o sabor faz-nos conhecer um objecto exterior - o fruto preso à árvore. Leva-nos a conhecer esse fruto (...) - e é a intimidade do fruto que, dessa maneira, vem ao encontro da nossa intimidade. Então, o gosto desse fruto assemelha-se, à superfície dos nossos sentidos externos, àquele gosto (ou sabor) que mais próximo se encontra do "tacto interno" de que falavam os filósofos. Ocorre, em tais circunstâncias, a transição entre o sentido externo e o sentido interno.» E num parêntesis: («Sartre, para definir a imediata percepção do nosso corpo, fala do "gosto da existência"»). E de maneira clara: «Nessas profundidades, raramente os corpos nos falam da felicidade de existir. Tal acontece, isto é, anuncia-se à consciência, quando a sua ordem é perturbada, seja na

dor, seja na doença. Ora o registo do sabor, mesmo que em si nos traga uma parte amarga, é rico de uma infinidade de virtualidades felizes.» E é precisamente esse aspecto fundo (segundo Starobinski) que nos oferece o poema de António Ramos Rosa. Melhor: a poesia de um nome claríssimo da nossa literatura.

O grande índice

«Le Courrier...», reconhecimento europeu da poesia de António Ramos Rosa, oferece-nos (agora noticiosamente), o seguinte índice (por nós traduzido):

«António Ramos Rosa, nosso amigo», Fernand Verhesen (que há trinta e cinco anos se corresponde com o poeta homenageado, quer na qualidade de amigo, quer na qualidade de Museu da Literatura, verdadeira memória colectiva oferecida aos pesquisadores); «Da aventura à navegação», Pascal Fleury; «António Ramos Rosa, poeta do presente absoluto», Urbano Tavares Rodrigues; «O caminho de palavras de António Ramos Rosa», Robert Bréchon; «Quando o poema fala», Fernando Guimarães; «Três breves leituras de

LE COURRIER DU CENTRE INTERNATIONAL D'ÉTUDES POÉTIQUES

Numéros 185-186

Janvier • Juin 1990.

Hommage à António Ramos Rosa

Textes et Etudes

«Le Courrier...»: homenagem europeia

António Ramos Rosa», Gilbert Durand (considerado o pai da «Mitocrítica»); «O sabor primeiro», Jean Starobinski (já acima referido); «Poesia vertical», Roberto Juarroz (um dos maiores poetas argentinos do nosso tempo); «Um livro-chave para aceder ao mundo: "O Incêndio dos Aspectos"», Laura Cerrato; «A vida errante», Yves Bonnefoy (um dos "grandes" da poesia francesa); «As palavras do poema», André Frénaud (poeta da geração de Éluard, Aragon, dos Surrealistas, etc.); «Quando o Messias vier...», Elie Wiesel (Prémio Nobel da Paz); «Que não se atormente aquele que não pode corresponder ao apelo», Edmond Jabés (epígono, no

bom sentido da palavra, de Maurice Blanchot); «Variações a partir de uma frase de António Ramos Rosa», Jean-Louis Giovannoni (responsável pelas primeiras traduções em França de António Ramos Rosa); «A Mitografia poética de António Ramos Rosa», José Augusto Seabra; «Da linguagem necessária em António Ramos Rosa», Alfredo Silva Estrada; «Visão inicial do centro da terra», José Saramago; «O livro do mundo na poesia de António Ramos Rosa», Maria João Fernandes; e «O aspecto visionário em "O deus nu(lo)"», Alberto de Lacerda (livro agora publicado em francês com o título literal de «Le Dieu Nu(l)», em tradução de Michel Chandeigne e com prefácio do filósofo Roger Munier).

Um índice, enfim, que indica, que aponta, que diz "sim" a uma vertente funda da poesia portuguesa...

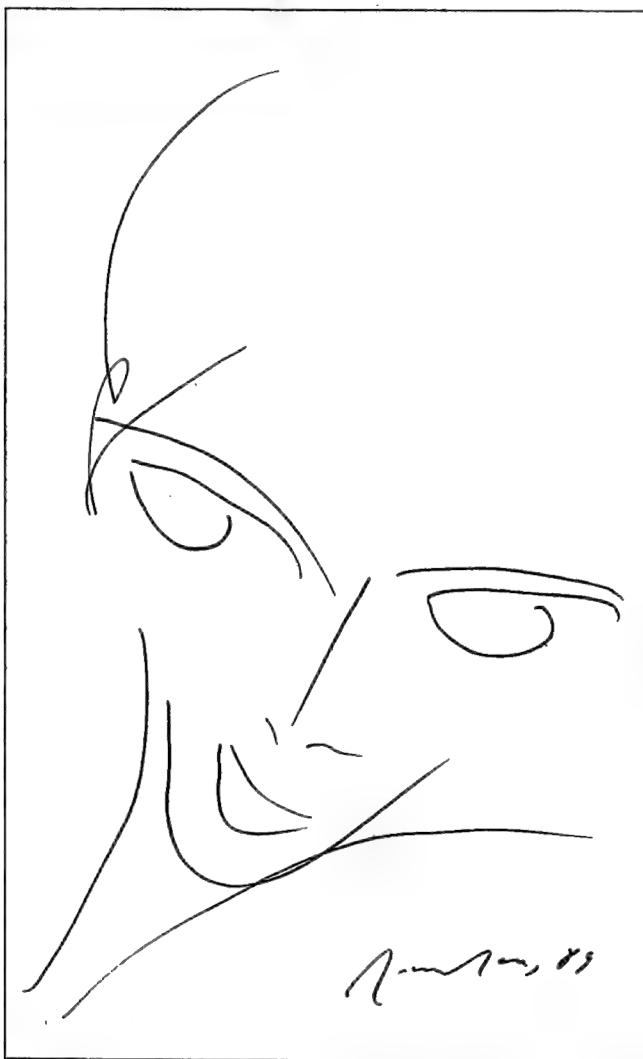
«O Livro da...»

- Starobinski - diz-nos, em despedida, Ramos Rosa - receberá uma tradução inglesa de «O Livro da Ignorância... Amanhã à tarde... Bem, amanhã à tarde é a mesa-redonda no Centro da Arte Moderna...

Como acima dissemos, hoje, às 18 e 30, efectua-se uma mesa-redonda na Fundação Gulbenkian sobre a obra de António Ramos Rosa. Participação: António Guerreiro, Eduardo Lourenço, Fernando Pinto do Amaral, Frans de Haes (co-director de «Le Courrier...») e Pascal Fleury. Moderador (como ontem dissemos) Pedro Tamen, presidente do Pen Club). Também uma exposição de desenhos de Ramos Rosa - e lá no Porto, em outras sessões, evocação também do poeta...

Poeta que nos oferece, já à porta, um desenho seu, dito de «traço minimal», e que esta prosa acompanha para a amenizar de todas as suas arestas.

Pedro Alvim



Desenho «minimal» do poeta

DESPORTO

Rali de Portugal

Instabilidade do tempo baralhou os dados

O espanhol Carlos Sainz surpreendeu tudo e todos ao chegar ontem à Póvoa de Varzim na posição de líder do Rali de Portugal, com uma vantagem de 39 segundos sobre o campeão do Mundo, Massimo Biasion. Logo a seguir, no terceiro e quarto lugares, aparecem os Mitsubishi de Eriksson e Vatanen, separados por escassos segundos. Não era já novidade para ninguém que a Lancia teria, pela primeira vez desde há alguns anos, adversários à altura, e que o Campeonato do Mundo de 1990 não teria as facilidades das edições anteriores. A Toyota e a Mitsubishi encarregaram-se ontem de o provar.

É cedo, no entanto, para tirar conclusões definitivas. A prova está ainda no seu começo, toda esta primeira etapa era disputada em pisos de asfalto, bastante favoráveis aos carros japoneses mas, para além disso, o grande árbitro acabou por ser o tempo. No final da etapa, os pilotos estrangeiros conheciam já o velho provérbio popular que atribui ao mês de Março, chuva de manhã e inverno de tarde.

Não há razões para negar mérito ao piloto espanhol e aos seus companheiros da Toyota e da Mitsubishi, mas a história da etapa foi profundamente influenciada pelas condições meteorológicas inconstantes que se fizeram sentir, e pelas escolhas de pneus a que isso obrigou.

Por diversas vezes, as assistências montavam pneus para piso seco e quando os concorrentes chegavam a meio da classificativa chovia torrencialmente.

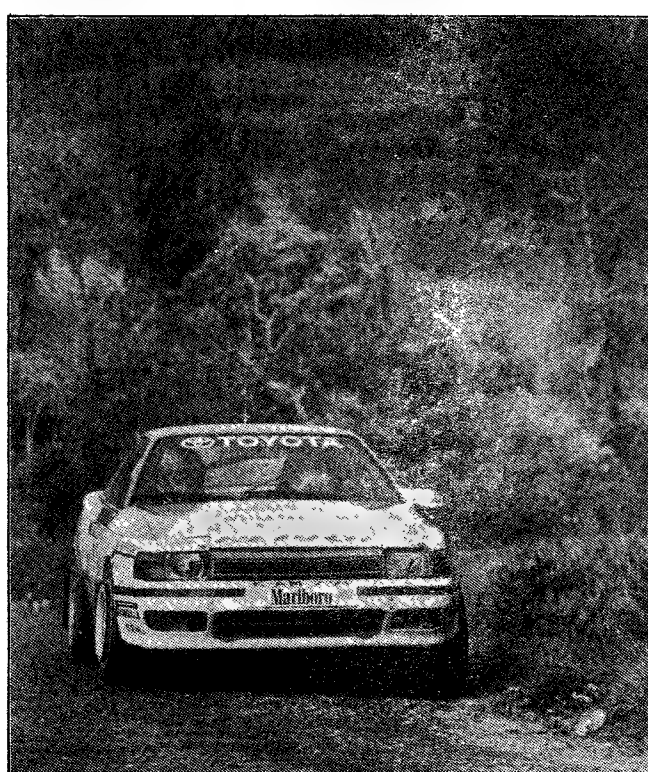
Neste jogo, a Lancia nunca

conseguiu acertar. Não por ter feito más escolhas, mas porque o tempo mudava tão bruscamente que não havia nada a fazer. Acabou por ser fortemente penalizada, enquanto as equipas japonesas, neste aspecto, tiveram mais sorte.

Exageradamente, ontem à noite, à chegada à Póvoa de Varzim, havia já quem falasse de derrocada da Lancia. Parece, no entanto, prematuro tirar desde já conclusões.

Nino Russo, director desportivo da marca italiana, manifestou-nos alguma decepção por todos estes incidentes, a que se juntou ainda um furo e Auriol no Gradil, e um amortecedor partido no carro de Biasion, mas não se mostrava excessivamente preocupado e confia na etapa de hoje, toda disputada em pisos de terra, para acertar as contas. Sublinha, no entanto, que a sua equipa nunca afirmara que esta iria ser uma prova fácil.

Embora chegando ao final da etapa no comando, a Toyota viu-se reduzida apenas a um carro, devido à desistência do alemão Schwartz, que teve um aparatoso despiste na classificativa da Freita. Schwartz estava a fazer uma prova-espectacular e a entusiasmar o público, mas deve ter levado longe demais o seu fulgor. A desistência do piloto alemão não vem facilitar nem prejudicar a tarefa de Carlos Sainz. Ambos fazem parte de uma equipa, é certo, mas o espanhol, que tem a acompanhá-lo, por todo o lado, numerosos compatriotas, considera que, em prova a sua posição é ele que a tem que defender



Carlos Sainz sozinho a defender as cores da Toyota

e ninguém mais. O terceiro e quarto lugar dos Mitsubishi, por intermédio de Eriksson e Vatanen, respectivamente a 45 e 59 segundos do líder são bons indícios para a etapa de hoje mas é ainda difícil estabelecer referências com alguma segurança, especialmente neste caso pois, na sorte da escolha dos pneus, as vantagens foram para a Mitsubishi.

O Rali está ainda no começo, é longo e desgastante. Muitas coisas podem acontecer. Equipa experiente e superamente organizada, a Lancia tem agora os seus adversários sob vigilância e não vai permitir mais facilidades. Por outro lado, nos pisos de

terra, já não são possíveis os enganos e as dificuldades na escolha de pneus.

Carlos Bica foi o melhor português na décima posição, mas a 10 minutos e 24 segundos do líder e com uma vantagem de 5 segundos sobre Joaquim Santos, que foi décimo primeiro.

A partir de hoje o desnível entre os dois melhores portugueses deverá, em princípio, acentuar-se, com desvantagem para Joaquim Santos que dispõe de um carro apenas de duas rodas motrizes. Em teoria pouco poderá fazer, nos pisos de terra, contra o Lancia Delta de Carlos Bica que, apesar de ser o carro de treinos de Kankkunen, tem clara superioridade naqueles pisos em relação ao Ford Sierra Cosworth do piloto da Diabolique. Esta etapa foi marcada por dois acidentes. O primeiro ocorreu no Gradil, com o concorrente n.º 92, Pedro Santana. Este acidente obrigou a uma interrupção que provocou, com efeito a partir de Figueiró dos Vinhos, um atraso de 19 minutos.

O segundo foi na classificativa de Figueiró dos Vinhos. O condutor do veículo, Louis Aitken-Walker, foi transportado de helicóptero para o Hospital de Coimbra, por suspeita de luxação do maxilar, mas já teve alta, tendo regressado a Lisboa.

Por toda a parte o público ocorre a ver a prova portuguesa do Campeonato do Mundo. São enormes multidões, nas montanhas, nas bermas das estradas e em todos os locais de passagem do Rali. Infelizmente a precaução não abunda e o civismo muito menos, o que, mais dia menos dia, acabará por dar novos problemas à organização.

Augusto Vilela

Troféu Renault Galp: a vitória para Bento Amaral

Perseguido por alguma infelicidade nas duas primeiras provas, Bento Amaral «vingou-se» da melhor forma no Rali de Portugal/Vinho do Porto, terceira prova do Troféu Renault Galp de Ralis. Comandando desde início, Bento Amaral acabou por ver a sua tarefa facilitada quando o seu principal opositor, José Carlos Macedo, furo no troço de Montejunto, perdendo cerca de um minuto e meio para os mais rápidos, limitando assim as pretensões do piloto bracarense.

Bento Amaral fez uma excelente prova, rubricando alguns tempos de inegável qualidade e batendo-se directamente com adversários que dispunham de carros mais potentes, exibindo o perfeito à vontade do pequeno mas ágil Renault 5 GT Turbo nas condições mais difíceis de piso.

Com este seu triunfo, Bento Amaral aproximou-se mais dos pilotos do topo da classificação do Troféu Renault Galp, mantendo intactas as suas esperanças na corrida para a vitória. O grande infeliz do dia foi, desta feita, José Carlos Macedo, que furo em Montejunto e acabou por partir um triângulo de suspensão na Freita, sendo obrigado a abandonar.

Confirmando as boas indicações já anteriormente fornecidas, Pedro Azeredo fez uma prova muito rápida, mas ao mesmo tempo segura, voltando a pontuar de forma elevada, o que lhe permitiu ascender ao segundo posto do Troféu, com dois pontos de avanço sobre Amaral.

Dos 10 concorrentes que alinharam à partida, seis chegaram à Póvoa de Varzim: pelo caminho ficaram António Cardeano, com um tubo de gasolina estrangulado, Américo Antunes, com o depósito

roto, Paulo Costa, por saída de estrada no troço da Lousã e o já referido José Carlos Macedo.

A próxima prova do Troféu Renault Galp será a primeira etapa da Volta Galp a Portugal.

Classificação do Troféu no Rali de Portugal

1 - Bento Amaral-Mário Feio	2h 08m 35s
2 - Pedro Azeredo-Carlos Fundo	2h 13m 34s
3 - Vasco Campos-Pedro Ramos	2h 14m 50s
4 - Jorge Cunha-Joaquim Capelo	2h 15m 22s
5 - J. Ahrens Teixeira-Manuel Teixeira	2h 24m 23s
6 - Helder Valente-Paulo	2h 25m 40s

Classificação actual do Troféu

1 - José Carlos Macedo	82 pontos
2 - Pedro Azeredo	71 pontos
3 - Bento Amaral	69 pontos
4 - Jorge Cunha	49 pontos
5 - Vasco Campos	41 pontos
6 - António Cardeano	40 pontos
7 - Helder Valente	28 pontos
8 - Manuel Rolo	23 pontos
9 - Rui Chagas	20 pontos
10 - Ahrens Teixeira	18 pontos
11 - Américo Antunes	13 pontos

Classificação no final da 1.ª etapa

Classificação			Nr	Gp	Cl	Condutores	Carro	Etapa	Total	Diferenças	
Ger	Gp	Cl								Geral	Grupo
1	1	1	2	TU	8	C. Sainz/L. Moya	Toyota Celica T.	1 53,54	1 53,54		
2	2	2	1	TU	8	Biasion/T. Siviero	Lancia Delta Int.	1 54,33	1 54,33	0,39	0,39
3	3	3	7	TU	8	K. Eriksson/S. Parnander	Mitsubishi G VR4	1 54,39	1 54,39	0,45	0,45
4	4	4	3	TU	8	Ari Vatanen/B. Berglund	Mitsubishi G VR4	1 54,53	1 54,53	0,59	0,59
5	5	5	4	TU	8	D. Auriol/B. Occelli	Lancia Delta Int.	1 55,24	1 55,24	1,30	1,30
6	6	6	6	TU	8	J. Kankkunen/J. Piironen	Lancia Delta Int.	1 56,06	1 56,06	2,12	2,12
7	7	7	8	TU	8	M. Nikkila/A. Hertz	Mazda 323 4WD	1 59,09	1 59,09	5,15	5,15
8	8	8	9	TU	8	D. Cerrato/G. Cerri	Lancia Delta Int.	2 01,41	2 01,41	7,47	7,47
9	9	9	16	TU	8	M. Duez/Alain Lopes	Ford Sierra Cosw.	2 03,01	2 03,01	9,07	9,07
10	10	10	19	TU	8	Carlos Bica/F. Prata	Lancia Delta Int.	2 04,18	2 04,18	10,24	10,24
11	11	11	17	TU	8	J. Santos/M. Oliveira	Ford Sierra Cosw.	2 05,08	2 05,08	11,14	11,14
12	1	1	14	PR	4	G. Trelles/D. Musio	Lancia Delta Int.	2 06,09	2 06,09	12,15	
13	2	2	12	PR	4	J. Recalde/M. Christie	Lancia Delta Int.	2 07,00	2 07,00	13,06	0,51
14	3	3	11	PR	4	A. Oreille/M. Roissard	Renault 5 GT T.	2 07,32	2 07,32	13,38	1,23
15	12	12	31	TU	8	E. Harrach/J. Pattermann	Lancia Delta Int.	2 08,08	2 08,08	14,14	14,14
16	4	4	27	PR	4	Bento Amaral/Mário Feio	Renault 5 GT T.	2 08,35	2 08,35	14,41	2,26



SUPERPEÇAS
comércio de peças, lda.

IMPORTADORES E DISTRIBUIDORES

Av. D. José I, lote 52-loja A
REBOLEIRA- 2700 AMADORA
☎ 97 90 06 - 97 10 87



COMPRA A PREÇOS DE 1989

PNEUS DE OCASIÃO 1750\$00

O MELHOR CLIENTE

VAMOS SORTEAR EM SETEMBRO UMA VIAGEM AO MÉXICO COM ESTADIA PAGA

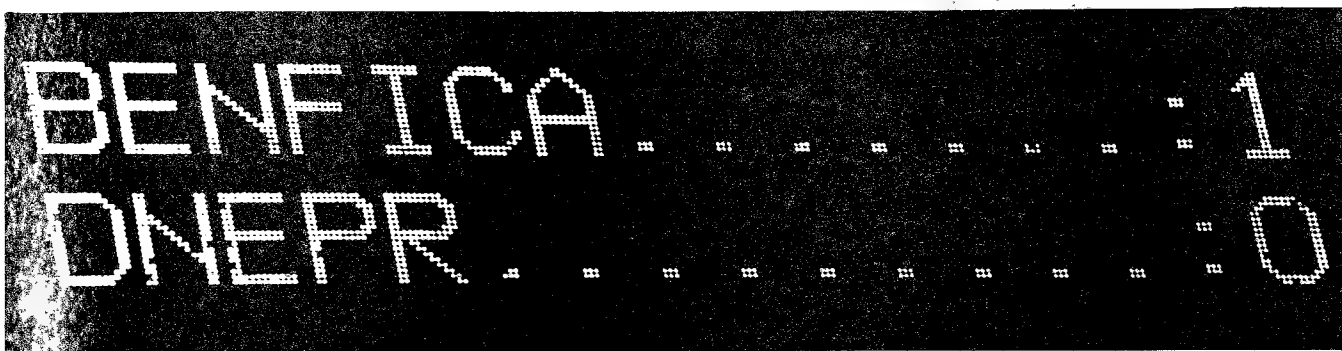
PNEUS NOVOS NACIONAIS		RECONSTRUÍDOS INTERNACIONAL	
145x10	3 900\$00	145x10	3 000\$00
155x12	4 600\$00	155x12	3 500\$00
175x70x12	5 800\$00	175x70x12	4 000\$00
135x13	3 900\$00	135x13	2 800\$00
145x13	4 500\$00	145x13	3 000\$00
155x13	5 000\$00	155x13	3 400\$00
165x13	5 500\$00	165x13	3 600\$00
145x70x13	5 000\$00	145x70x13	3 500\$00
155x70x13	5 600\$00	155x70x13	4 000\$00
165x70x13	5 900\$00	165x70x13	4 100\$00
175x70x13	6 400\$00	175x70x13	4 200\$00
185x70x13	6 700\$00	185x70x13	4 500\$00
145x14	5 000\$00	145x14	3 600\$00
165x14	6 000\$00	165x14	4 000\$00
175x14	6 500\$00	175x14	4 400\$00
185x14	7 300\$00	185x14	5 000\$00
185x14c	8 500\$00	185x14c	5 000\$00
195x14c	8 500\$00	195x14c	6 800\$00
195x70x14	11 000\$00	195x70x14	6 600\$00
205x70x14	12 000\$00	205x70x14	7 000\$00
650x16 10PR	10 298\$00		
700x16 10PR	11 594\$00		
750x16 10PR	13 313\$00		

MONTAGEM GRÁTIS

SOMOS PNEU REMODELADO Tel. 947 28 72
Rua Cidade S. Salvador, ALSF, Bairro de Angola — CAMARATE
FILIAL 1 — BARRO — LOURES — Tel. 983 60 87
Fica à saída de Loures na Estrada para MALVEIRA
FILIAL 2 — TRAJOUCE — S. DOMINGOS DE RANA — Tel. 244 22 21

A nossa equipa de reportagem viaja com lubrificantes

Mobil®



Um perdulário soberano

Leque de golos ficou no tinteiro

Benfiquinha, francamente, poderia, na bela noite de ontem, ter construído um dos mais volumosos resultados das suas cíclicas carreiras uefeiras pois, meus amigos, perante um guarda-redes que não segurou uma bola e apenas se limitava a socar a esfera de couro para onde estava virado, face a uma defesa que autorizou a Mats Magnusson, Vata e César Brito remates de alto perigo (o sueco chegou a fazer o esférico embater na trave e tanto ele como os parceiros atiraram por quatro vezes bem rentinho aos postes brancos), tendo pela frente uma equipa deliberadamente acantonada na defensiva, um «onze» que apenas aos 28 minutos deu o 1.º sinal de perigo para a toca de Silvino, defronte de todas estas incríveis facilidades, o bloco da água ficou-se pelo magro golo conseguido por Magnusson na cobrança de uma indiscutível falta de Kudritsky por derrube de Vítor Paneira, bem na área onde os pecados custam os olhos da cara.

Os soviéticos surgiram com esquema nada afoito a fantasias na vanguarda: «libero», quatro defesas em linha, «trinco», três centro-campistas que raramente se aventuraram para além do castelo central e, lá na dianteira, apenas Son (ca-

misa nove) que se esalfava para tentar burlar o impecável Samuel ou o dominador Ricardo. Mas, ainda se trocavam as primeiras floretadas e já o Benfica galgava do zero para a vantagem no «placard»: e, cá para mim, esse adiamento inoculou nos pupillos de Eriksson a ideia de que aquilo seriam favas contadas, levando alguns deles a irem deixando o correr o marfim, porque os golos iriam amontoar-se na caixinha entregue a Gorodov, o mais inseguro guarda-redes estrangeiro que passou esta temporada defronte do nosso olhar. Um caso inacreditável: não blocava a bola, não saía aos cruzamentos, todo ele era hesitações e, apenas (só, unicamente) socava a esfera, como se tivesse medo do contágio com a saltitante. Um caso de boxeur com carreira frustrada ou (mais certo) artista com uma tremenda tremedeira por ter visto o «terceiro anel» com toda a sua imponência?

O certo é que o Benfica não soube aproveitar aquela dádiva celestial e, em vez de fazer progressões pelas linhas laterais, dando continuidade ao magnífico labor desse sensacional Valdo que não sabe jogar mal, em lugar de servir Magnusson, Vata, Pacheco e César Brito com bolinha rente à relva, não senhor: vai de ati-

rar em chuveirinho, endosses que a defesa de Leste recebia de frente e agradecia, tirando o chapéu.

O nosso campeão ficou adormecido, especialmente depois de Thern dar o bafio: vinha de demorada lesão, o nítido cansaço físico que o ia obrigando a cada vez mais andar a passo recomendando que, ao intervalo, cedesse o posto a um esclarecido Diamantino, já que o Dniepr não requeria cuidados defensivos acima da vulgaridade. Pelo menos aquele «team» de ontem, que entrou na Luz tendo como ambição máxima o empate, tal como antes proclamara aos quatro ventos o seu técnico, o altaneiro Kutchrevsky que, para a sua terra natal, promete recepção mais ambiciosa, já que poderá contar nas fileiras com o agora lesionado Iarovenko mais Tishenko, obrigado a súbita paragem pela disciplina uefeira.

Quem não viu o espectáculo terá alguma dúvida: que lá estiveram, especialmente se contavam no arcaboiço com uns anos de futebol ficaram a cismar: se estivesse em cena, um daqueles saudosos aproveitadores de favores contrários à custa de recargas a falhanços do guarda-redes adversário, um Arsénio ou um Santana que (como cobras

hipnotizadoras fitavam o número um contrário e acorriam com celeridade ao mais pequeno brinde, o Benfica viajaria para a União Soviética com tão confortável vantagem no bortal que quase poderia encerrar o passeio como simples excursão turística. Porém, desperdiçando o ensejo de construir um pectúlio bonito, fica de Credo na boca, pois o solitário tento pode não chegar para levar de vencida um «onze» que, entre os seus muros, não mostrará somente porte atlético incomum mas terá de se atirar para a trincheira contrária com asas nos pés.

Correcto, que o Benfica conquistou pontapés de canto para todos os paladares. Que chegou vezes sem conta à fronteira onde apenas um pezinho certeiro afinaria golo. Que o trabalho do príncipe Valdo merecia ter espelho em três ou quatro bons aproveitamentos dos seus sábios passes: porém, com a afitiva quebra do regressado Thern (que não deveria ter estado sujeito a exame em tempo inteiro) e o claríssimo afastamento da boa forma patenteado por Vítor Paneira, que se poderia esperar?

Salvo o devido respeito pelo mérito e sabedoria de Sven Eriksson, estamos em crer que as substituições não estiveram dentro daquilo que previamente saltava aos olhos da multidão: Abel entrou no palco com três quartos de hora de atraso, em lugar de Pacheco talvez a rendição de Thern por Diamantino desse outro esclarecimento ao meio-campo rubro, quem sabe se um safanão a tempo não evitaria a modorra em que resvalou todo o exército benfiquista que, a certa altura do compromisso, só olhava para o relógio, com todos os cálculos virados para o domingueiro atendimento aos «dragões» das Antas. Poupança de energia, administração do esforço?

Verdade, verdadinha: foi pena que o nosso titular não



Vata no ar, Gorodov a socar, Thern a olhar

ficasse mais solidamente implantado na bolsa uefeira de valores actuais e que seja necessário deixar passar duas semanas para novamente provar a valia internacional. Até lá, fica na peneira o óptimo contributo de Valdo e Samuel, Veloso e José Carlos. Com mais um bocadinho de boa vontade: o esforço e tenacidade do hercúleo Magnusson e a serpenteante corrida de Pacheco, o interesse de César Brito e o cuidado com que Silvino esteve à porta de entrada para o palácio, não fosse o diabrete tecê-las.

No Dniepr, pouca gente saiu do trivial: o libero Guerachenko e o lateral Benko foram os melhores salva-vidas do desnorreado «capitão» Gorodov, que frequentemente andou aos malmequeres e, forçosamente, terá de ser bem melhor em dias de trabalho normal.

Quiniou, árbitro: que tem cátedra mundial, estaria primorosamente bem se não tivesse cometido um erro infantil, uma falha técnica inadmissível mesmo num estreante no apito: aos 56 minutos, borrou a pintura, permitindo que o médico e o massagista do Dniepr percorressem em repousado passo caminho entre o atendimento a um atleta no centro do relvado e o banco lateral, com a bola continuando a ser jogada como se estranhos não andassem dentro do palco verde. Monsieur Quiniou estaria fixando algum amigo na bancada ou simplesmente confia a que um dos fiscais de linha estivessem com os cinco sentidos em acção?

Enfim, por ali não veio mal ao mundo. Todavia, não restam dúvidas: no melhor pano cai a nódoa.

Neves de Sousa



Valdo: o grande senhor da noite

Magnusson: penalty cobrado

O árbitro francês Joel Quiniou esteve acompanhado pelos compatriotas Marcel Lainé e Jean Desassart. As turmas:

Benfica: Silvino; José Carlos, Samuel, Ricardo e Veloso; Thern; Vítor Paneira (Abel aos 86 minutos), Valdo e Pacheco (César Brito, 61); Mats Magnusson e Vata.

Dniepr: Gorodov; Guerachenko; Benko, Sidelnikov, Lediakov e Tchervon; Judin, Kudristaki e Judkov (Kulich, 86); Son e Bagmut.

Golo por Mats Magnusson (grande penalidade aos 9 minutos). Cartão amarelo para Gorodov, Judkov e Vata.

TORRES da BELA VISTA

(Planalto S. António dos Cavaleiros) Lisboa Informações: 988 0646/0489

TORRES do SADO

Setúbal Informações: 065 721144

Compre o seu apartamento de 2, 3 ou 4 assoalhadas
Preços baixos e entradas facilitadas. Empréstimo tratado por nós junto C.G.D.



DESPORTO



Magnusson: outro golpe de cabeça que não tocou no alvo

Nos bastidores do festim

Ouro e prata para a águia

Noite festiva na Luz. Placenta com mais de 70 mil assistentes para assistir a mais uma «gala futebolística», protagonizada por artistas portugueses e soviéticos. Entusiasmo, vibração, milhares de bandeiras e pouco granito á vista, porque nos cofres do clube liderado por João Santos terão entrado cerca de 90 mil contos, em moeda equivalente a ouro. Pouco passava das 19 e 30 horas quando chegaram os autocarros transportando as «vedetas». Muitos aplausos para os benfiquistas e nada de assobios para os visitantes. Lá dentro muita gente «vip» do nosso desporto, porque Cavaco Silva iria chegar pouco depois para galardoar a nobre colectividade, fundada no dia 28 de Fevereiro de 1904 por Cosme Damiano, com o «Colar de Honra ao Mérito Desportivo». Veiga Simão, Nunes da Silva (presidente da Assembleia Geral do Sporting), Gilberto Madail, Pimenta Machado, Valentim Loureiro, Moisés Ayasch (presidente da Associação de Futebol de Lisboa), João Rodrigues, Alexandre Alves

(eventual candidato a condutor benfiquista), Ribeiro de Magalhães, Artur Jorge, Porfírio Alves (dirigente do Conselho de Arbitragem), Alder Dante (antigo árbitro internacional e actual comentador da Rádio Renascença), Manuel Barbosa (empresário responsável pela vinda de Valdo, Ricardo, Aldair e outros mais brasileiros para o luso futebol), António Marçal, Carlos Valente. Estes alguns dos «ilustres convidados» que vimos no «Salão Nobre», formando grupos de diálogo com Adriano Afonso, marcel de Almeida, João Santos, Gaspar Ramos, José Diogo, José Respício, José Capristano, Alcino António, António Figueiredo, Jorge de Brito, Luís Tadeu, Suzete Abreu (parabéns pela eficiência dos serviços de Relações Públicas), Fonseca Santos, Artur Monteiro, Lima Basto e muitos outros dirigentes do clube da águia.

O futebolista Álvaro, envergando o sobretudo de corte britânico, era solicitado por todos os quadrantes. A curiosidade quanto ao seu futuro,

como artista de rara fibra e singular vigor atlético, era o objectivo de muitos. Mas a grande questão de Álvaro naquele momento era a obtenção de um bilhete-convite para oferecer a um amigo. Ficámos por saber se o pedido foi satisfeito, mas escutámos algumas recusas. Manuel Barbosa procurava dar explicações a Ribeiro de Magalhães e Gilberto Madail (Artur Jorge escutava, porque integrava o mini-grupo) sobre a sua actividade como empresário do ramo futebolístico.

Bento, Chalana e Diamantino iam conversando com os jornalistas e, se no seu íntimo passava algum sentimento de descontentamento, não se dava por isso. Todos evidenciavam sinais de despreocupação.

Colar por mérito e com honra

Atribuído por despacho governamental de 1988 mas só ontem entregue, por Cavaco Silva ter feito questão de o entregar em data propícia, o «Colar de Honra ao Mérito

Desportivo» está, desde a noite de ontem, no painel das gratas recordações do Sport Lisboa e Benfica, depois de ter passado pelo peito do dr. juiz Adriano Afonso onde o primeiro-ministro o colocou, depois de enaltecer quanto o país deve ao prestígio do Benfica, de Eusébio e de Amália Rodrigues alcançado em terras estranhas. Presentes à cerimónia, para além das citações já feitas, estava José Álvaro, secretário de Estado adjunto do ministro da Educação e Eduardo Monteiro, assessor de Roberto Carneiro, que leu os «considerandos» do despacho governamental. Adriano Afonso agradeceu o galardão em nome da «família benfiquista» e Cavaco Silva expressou satisfação por ter protagonizado a sua entrega. O jogo ia começar. De branco (guarda-redes com camisola lilás) jogaram os soviéticos. De vermelho (Silvino a insistir no verde) vestiram os benfiquistas. A festa começou por ordem do francês Joel Quiniou.

AH

Totobola

Benfica - Dniepr	1
Malines - Milão	X
CSKA de Sófia - Marselha ..	2
Bayern - PSV Eindhoven ..	1
Sampdoria - Grasshopper ..	1
Valladolid - Mónaco	X
D. de Bucareste - Partizan ..	1
Anderlecht - Admira	1
Fiorentina - Auxerre	1
Colónia - Antuérpia	1
F.C. Liège - W. Bremen ..	2
Hamburgo - Juventus	2
Sevilha - Real Madrid	2

PREVISÕES: com 13 resultados, 308 a 320 cabendo o prémio de 11 mil escudos; com 12, deverão ser apurados 4600 a que corresponderá o prémio de 750\$00 e com 11 prevê-se que tenham acertado 32 000 com direito a receberem 109\$00.



A 4.ª feira europeia

Resultados completos da 1.ª «mão» dos quartos-de-final das diversas competições do futebol europeu:

TAÇA DOS CLUBES CAMPEÕES: Sredetz Sofia (Bulgária)-Olympique de Marselha (França) 0-1; Mechelen (Bélgica)-Milan (Itália) 0-0; Bayern de Munique (RFA)-PSV Eindhoven (Holanda) 2-1 e Benfica-Dniepr (URSS) 1-0.

TAÇA DOS VENCEDORES DE TAÇAS: Anderlecht (Bélgica)-Admira Wacker (Áustria) 2-0; Dínamo de Bucareste (Roménia)-Partizan de Belgrado (Jugoslávia) 2-1; Sampdoria (Itália)-Grasshoppers (Suíça) 2-0 e Valladolid (Espanha)-Mónaco (França) 0-0.

TAÇA UEFA: Fiorentina (Itália)-Auxerre (França) 1-0; FC Liège (Bélgica)-Werder Bremen (RFA) 1-4; Hamburgo (RFA)-Juventus (Itália) 0-2 e Colónia (RFA)-Antuérpia (Bélgica) 2-0.

B R E V E S

Juniores de Portugal vencem (3-0) em San Marino

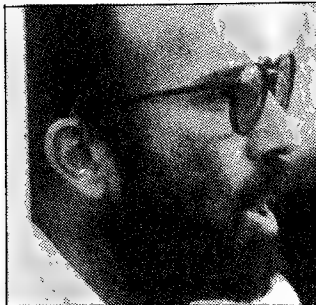
Como se esperava, a selecção lusa de juniores «B», venceu, de forma incontestável, a sua congénere de San Marino, em encontro da primeira «mão» da fase de qualificação para o Campeonato Europeu que decorrerá de 15 a 28 de Maio, na RDA. O «três-zero» com que os comandados de Carlos Queirós «brindaram» os seus opositores é concludente quanto à supremacia exercida pelos portugueses que alinharam assim: Costinha; Alexandre Ribeiro, Sérgio, Litos e Kennedy; Costa, Edgar, Poejo e Filipe; Nuno Miguel e Porfírio. Nuno Afonso rendeu Nuno Miguel no minuto 56 enquanto Guia entrou para o lugar de Filipe aos 71 minutos.

Os golos foram rubricados por Nuno Miguel (35m) e Porfírio (60 e 76m).

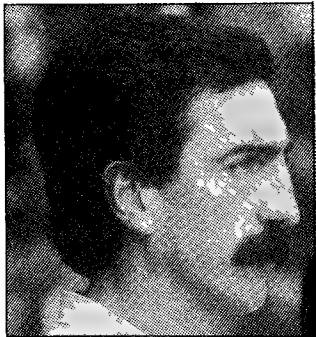
O encontro da 2.ª mão realiza-se, em Barcelos, no dia 28 do corrente.

Quinto foi despedido

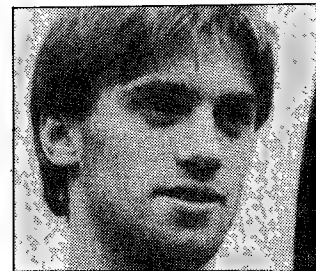
Quinto, que em tempo recente fora despedido do Marítimo para pouco depois ser chamado a render José Torres, foi ontem «despedido» do Portimonense devido aos maus resultados que tem vindo a ser averbados pela turma algarvia. O contrato foi rescindido de mútuo acordo e quanto ao sucessor, tudo aponta para que seja Manuel Oliveira (que também foi vítima da «chicotada» quando os dirigentes do Varzim o substituíram por Washington), ainda que o número de candidatos seja elevado.



Manuel Barbosa: o senhor que se segue



João Pinto estreou-se pelos «colchoneros»



Zico entra na política

Collor de Mello convidou o antigo futebolista Zico (Arthur Antunes Coimbra) para o cargo de secretário dos Desportos. O presidente eleito do Brasil justificou



Carlos Gomes nas redes do Sporting

Filho de Carlos Gomes e chama-se Carlos Gomes. Foi o guarda-redes que ontem se estreou como futebolista do Sporting, em encontro de reservas com o Ben-



fica que terminou com o «nulo» no «placard». Se herdou as qualidades do progenitor é caso para felicitar Sousa Cintra por ter aceite o «atestado de competência» passado pelo sucessor de João Azévedo e que durante vários anos se creditou como o melhor «keeper» do futebol luso.

DESPORTO

B R E V E S

Futre: momento difícil no Atlético de Madrid

Paulo Futre (Atlético de Madrid) reconheceu que o presidente do clube (Jesus Gil y Gil) está «muito zangado» com ele e com o seu colega de equipa Baltazar. Gil y Gil repreendeu os jogadores «colchoneros» por «fraco rendimento futebolístico», ao regressar a casa, depois de ter estado internado numa clínica para tratamento à vesícula.

Descontente com os resultados da sua equipa (actual 2.ª classificada no campeonato espanhol) mas a nove pontos do guia (Real Madrid) o presidente do Atlético de Madrid demitiu, na passada semana, o treinador Javier Clemente, nomeando para o cargo Joaquim Peiró.

No entanto, na última jornada, o Atlético de Madrid não conseguiu melhor do que empate a um golo em casa, frente ao Oviedo, e Jesus Gil acabou por manifestar publicamente o descontentamento com Paulo Futre, até agora o seu «menino bonito». O presidente do clube «colchonero» comentou que o futebolista português «está a esconder-se há cinco meses» e ameaçou: «Ninguém se ri de mim».

Os jornais espanhóis não poupam críticas ao «baixo rendimento» e «comportamento irregular» de Futre, transcrevendo vários comentários de Gil y Gil sobre Paulo Futre, «capitão» e o mais bem pago dos jogadores da equipa.

Em declarações ao jornal «ABC», Jesus Gil y Gil exige de Futre «um comportamento de 'estrela' e não de estrelinha» e afirma-se capaz de demitir um jogador apesar dos contratos em vigor. «Em três minutos, posso acabar com um contrato de quatro anos», disse Gil y Gil.

O presidente «colchonero» referiu ainda que Javier Clemente o tinha avisado de que não podia deixar alguns jogadores no banco de reservas para não os desvalorizar, numa alusão a Paulo Futre. Além do futebolista português, Gil y Gil também criticou o brasileiro Baltazar, defendendo que «alguns jogadores deveriam esquecer estados místicos e a venda de Bíblias para demonstrarem as suas capacidades sobre o terreno».



Sintrense: nova face

O Sintrense encetou vida nova: com relva agora implantada, (trabalho dirigido por Domingos Claudino) proporciona ao bloco dirigido pelo presidente Francisco Nunes ensejo para salto até uma divisão futebolística de melhor estirpe. O 1.º caminho está cumprido.

Ciclismo na sua hora

GP «Correio da Manhã»
10 equipas, 603 Km

No lisboeta Hotel Altis, o dr. Vítor Direito (presidente do Conselho de Administração da Presslive e director do nosso colega «Correio da Manhã») apresentou o 3.º GP «CM», que de (15 a 18 do corrente) compreenderá a ligação Coimbra-Lisboa, em quatro tiradas, como pode notar-se:

1.ª etapa (dia 15): Coimbra - Viseu — 120 km. Uma contagem de montanha (1.ª categoria), na subida para o Luso e duas metas volantes (Santa Comba Dão e Nelas).

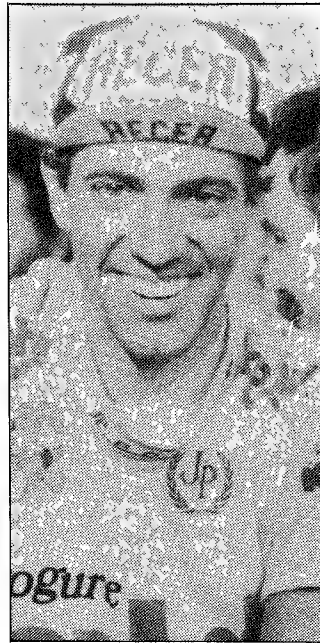
2.ª etapa (dia 16): Viseu - Figueira da Foz — 170 km. Uma contagem de montanha (2.ª categoria), em Vouzela, e duas metas volantes (Oliveira de Frades e Cantanhede).

3.ª etapa (dia 17): Figueira da Foz - Caldas da Rainha — 164 km. Uma contagem de montanha (3.ª categoria), à saída de Pousos, e duas metas volantes (Leiria e Alcanena).

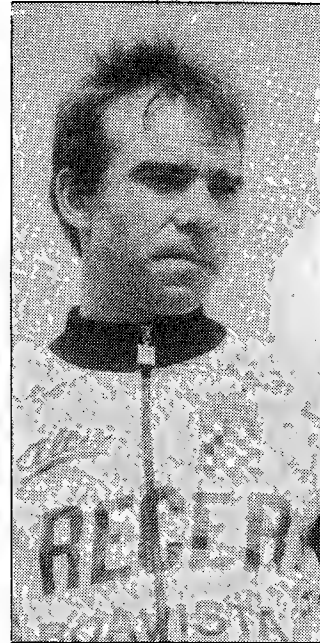
4.ª etapa (dia 18): Caldas da Rainha - Lisboa — 149 km. Uma contagem de montanha (3.ª categoria), na Malveira, e duas metas volantes (Alenquer e Torres Vedras).

Uma nota muito especial desta competição ciclista já enraizada no gosto dos adeptos da modalidade: a chegada final da prova terá lugar na Avenida da Liberdade, em pleno coração de Lisboa.

Competição que se desenrola em terreno sem altos relevos, serve (excelentemente) para a rodagem dos atletas que, a partir do «Grande Prémio Tensai», estão preparando a sua temporada (que, como é óbvio, culminará com a «Volta a Portugal», este GP «Correio da Manhã» tem bons aliciantes em prémios oficiais e particulares, com especial destaque para os 120 mil escudos que vão contemplar o vencedor final, que sairá de um



José Santiago e Manuel Zeferino: os dois representantes do Recer/Boavista que venceram as edições iniciais do GP «Correio da Manhã»



lote de 100 corredores que se distribuem por uma dezena de formações.

O Grande Prémio «Correio da Manhã» terá 603 quilómetros, «a média de cada etapa é de 150 km, pois no início da época não podemos forçar muito os ciclistas com tiradas longas. No entanto há muitos percursos selectivos: e prevemos muita competição no pelotão, de princípio a fim», afirmou o jornalista Guia Júnior, director da organização.

Orçada em cerca de nove mil contos, a corrida terá quatro contagens de montanha e tem bonificações para os três primeiros nas etapas em linha, e metas volantes oficiais.

Os vencedores das etapas em linha ganham mil escudos por cada minuto de vantagem que consigam obter sobre o 2.º classificado. «O «Correio da Manhã» tem um carinho especial pelo ciclismo, pois sabe-

mos que é uma modalidade muito popular em todo o país», disse o dr. Vítor Direito, na apresentação da prova velocípeda. «Por isso estamos a apoiar essa cíclica festa do povo».

As equipas que participarão na prova serão os seniores (amadores) do Troiamarisco/Mar e Sol e da Tensai/Etiel, e os profissionais da Sicasal/Acril (com Joaquim Gomes), Recer/Boavista, Ori-ma/Cantanhede, Landimar/Salgueiros, Alguerra/Componauto, Bom Petisco/Tavira, Avibom/Lousa e Ruquita/Feirense.

A 1.ª etapa, (entre Coimbra e Viseu), inicia-se às 9.30 do dia 15, com o pelotão a partir da Avenida Fernão de Magalhães.

A responsabilidade do GP «CM», no tocante aos cargos oficiais, está assim prolongada: o presidente federativo

Henrique Castro é o director técnico, ficando a presidência do júri entregue a Vasco Santos. Francisco Nunes (ex-presidente da Federação) torna a ser o director da corrida e Joaquim Cerca tem a seu cargo a representação das diversas Associações. E, entre outras figuras já bem conhecidas no nosso ciclismo, é de justiça salientar que Domingo Claudino (longos anos director do Estádio da Luz e benfiquista intimamente ligado ao crescimento da obra que engrandece o seu clube) é o principal coordenador da caravana-auto, com os drs. Barreiros de Magalhães (José e Manuel) assumindo a chefia dos serviços de saúde, José Augusto Mendes comandando a presença dos CTT-Telecomunicações (sempre imprescindíveis para os Órgãos de Comunicação Social) e o jornalista Guida Júnior (rotinado em competições ciclista desde que, ao lado do desaparecido empresário Damasceno Covão, esteve na base de diversos Grandes Prémios Robialac) estará agora como director da organização e secretário geral dos serviços administrativos, que são da responsabilidade superior de Vítor Direito, enquanto Carlos Barbosa é o director principal, o dr. Eduardo Moraes o director financeiro, Lourenço Peres tem o pelouro administrativo, António Paredes assume o comando da promoção e Henrique Castro também é o principal responsável técnico. Saliente-se ainda que, a exemplo do que tem acontecido nas mais recentes «Voltas a Portugal», o apoio neutro pertence à «Altis» e ficará a cargo de Fernando Oliveira e do antigo campeão ciclista Onofre Tavares, sólida garantia de que a verdade da corrida não será desvirtuada.

assim vai o

totobola

Penalti: 121 111 111 2X12; O Algarve: 121 1X1 111 XX12; Jornal de Amarante: XX1 1X1 111 2112; Jornal da Beira: 121 X21 111 X112; O Comércio de Leixões: X21 121 111 2X22; De Tudo Um Pouco: 121 1X1 111 XX22; Correio de Coimbra: 121 X1X 11X 21X2; Correio do Vouga: 1X1 1XX 211 21X2; A Defesa: 1X1 1XX X11 X1XX; Defesa de Espinho: 121 121 111 11X2; Diário de Coimbra: 1X1 1XX X11 1X12; O Diário: 121 1X1 111 11XX; Diário de Lisboa: 12X 1X2 21X 2XXX; Diário de Viseu: 1X1 XXX X11 21X2; Nova Antena: 1X1 2X1 112 XXX2; Folha do Domingo: 121 11X 111 1122; Ecos de Cacia: X21 12X X11 2122; Eu Sei Tudo: 121 1XX 111 21X2; O Jornal de Fel-

111 11XX; Jornal de Gaia: 1X1 XX2 111 21XX; Gazeta das Caldas: 121 1X1 X11 1112; Rádio Guarda: X11 11X 111 112X; Jornal da Graça: XX1 X1X X11 2122; Rádio Totobola: X21 1X1 X11 X122; Linhas de Elvas: 111 1XX 111 1111; Litoral: 121 XX1 X11 2122; O Jornal da Lixa: 121 1X1 111 X1X2; Maria da Fonte: X21 1X1 111 X122; O Mensageiro: 111 112 X11 1X22; No Estúdio e No Estádio: 1X1 1X1 X1X 1112; Jornal de Notícias: XX1 1XX X11 X1X2; Notícias de Felgueiras: 1X1 1XX 111 X1X2; Notícias de Gouveia: 1X1 X2X 211 X222; Notícias de Guimarães: 121 1X1 X11 X122; Notícias de Viseu: XX1 1X1 X11 2XX2; Notícias de Viana: XX1 1X1 X11 X1X2; Semanário da Região Bairradina: 121 112 111 1112; Informação Desportiva:

va/Rádio Altitudo: XX1 1X1 111 X1XX; Bom Dia: 121 121 211 XX12; Panorama: 221 11X 111 1X11; Placard Desportivo: 1X1 11X 111 1X21; Alvo Desportivo: X11 111 X11 X1XX; Rádio Alvo: 2X1 1XX 211 1112; Alvo: 121 121 111 11XX; Alvo Suplemento: XXX 1XX 111 X122; Jornal de Sintra: 121 121 111 X112; A Voz do Domingo: 1X1 1X1 111 2112; Voz de Lamego: X21 1X1 X11 X112; A Voz dos Ridículos: 111 111 111 11X2; Desporto/Rádio Guarda: 1X1 11X 11X 1121; Encontro Com a Manhã: X2X 111 112 1XXX; Contacto/Rádio Guarda: 121 11X 112 1XXX; Meia Tarde: 1XX 112 1XX 1111; Convidámos Para Lançar: 211 111 1X1 21XX; Sons da Madrugada: 121 2X1 211 XX12; Disco & Daquilo: 121 121 XX1 X112; Tarde

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO
PARA O CONCURSO N.º 10/90 DE 11 DE MARÇO

	RESUMO			BOLAS (º)		
	1	X	2	1	X	2
1. Benfica - Porto	46	23	5	7	4	1
2. Tirsense - Guimarães	8	28	38	1	5	6
3. Sporting - Portimonense	68	5	1	10	1	1
4. Chaves - Estrela da Amadora	58	14	2	9	2	1
5. União da Madeira - Belenenses	21	43	10	3	7	2
6. Boavista - Setúbal	41	28	5	7	4	1
7. Feirense - Beira Mar	45	22	7	7	4	1
8. Braga - Nacional	69	5	0	11	1	1
9. Marítimo - Penafiel	59	11	4	9	2	1
10. Fafe - Gil Vicente	25	32	17	4	5	3
11. Varzim - Leixões	54	18	2	8	3	1
12. Covilhã - Académica	24	29	21	4	5	3
13. Alverca - Farense	7	17	50	1	3	8

(a) Nos termos do Art.º 14º do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «CHAVE» LÓGICA SERÁ:
121 1X1 111 X1X2

Desportiva: XX1 X1X X1X X1X2; Livre e Directo: XX1 1X1 112 X112; Programa da Manhã/Rádio Altitudo: 121 X1X 11X 222X; Música e Desporto/Rádio Placard: X12 111 2X1 11X1; Um Caso Por Semana: 211 11X X1X 1X12; Foi Notícia: 2X1 1X1 XX1

111X; Desporto e Música/Rádio Covilhã: 121 X11 11X 1112; Cultura e Recreio: X21 XXX 111 XX22; De Tudo Um Pouco/Rádio Covilhã: X21 XX1 X11 X122; Quadrante Norte: X21 1X1 111 2112; Tempo e Resultados: XX1 1X1 111 X1X2; Secção Des-

portiva/Rádio Comercial: 121 1XX 111 2X22; Tempo de Desporto: X21 X21 11X X1X2; Resenha Desportiva: 121 1XX 11X X112; RR/Desporto: 1X1 1X1 111 11XX; Bola Branca: 121 XX1 X11 X121; Frente Desportiva: 1X1 1X1 111 X1XX.

AGENDA

I Série N.º 56
Dia 8 de Março

DIÁRIO DA REPÚBLICA



SUMÁRIO

Assembleia da República

Rectificação:
Ao mapa I («Receitas do Estado») anexo à Lei n.º 99/89, de 29 de Dezembro, publicada no *Diário da República*, 1.ª série, n.º 298, de 29 de Dezembro de 1989.

Ministério das Finanças

Declaração:
De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério no montante de 35.425.439 contos para o ano de 1989.

Ministério das Finanças e da Saúde

Portaria n.º 173/90:
Altera o quadro de pessoal do Hospital Distrital de Setúbal referente ao pessoal médico.

Ministério da Justiça

Decreto-Lei n.º 75/90:
Equipara as remunerações do chefe do gabinete, dos assessores e do secretário pessoal do gabinete do Procurador-Geral da República, respectivamente, às de chefe do gabinete, adjunto e secretário pessoal dos gabinetes dos membros do Governo.

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Avisos:
Torna público ter o Governo da República Socialista Federativa da Jugoslávia depositado junto do Governo da Grã-Bretanha, em 21 de Dezembro de 1989, o instrumento de ratificação à Convenção para a Supressão de Actos Ilícitos contra a Segurança da Aviação Civil, feito em Montreal a 23 de Setembro de 1971.

Torna público terem os Governos do Senegal e de Malta depositado, respectivamente em 21 de Setembro e 20 de Dezembro de 1989, os instrumentos de ratificação da Convenção Internacional sobre o Sistema Harmonizado de Designação e de Codificação de Mercadorias, com as alterações introduzidas pelo Protocolo Adicional à referida Convenção.

Ministérios da Agricultura, Pescas e Alimentação e do Ambiente e dos Recursos Naturais

Portaria n.º 174/90:
Estabelece várias restrições para o exercício da pesca comercial na área designada por reserva marinha da Berlenga.

Ministério da Indústria e Energia

Despacho Normativo n.º 18/90:
Aprova o Regulamento da Medida E, na parte relativa às infra-estruturas de base na componente relacionada com o Programa 2 - Formação Profissional do Programa Específico de Desenvolvimento da Indústria Portuguesa (PEDIP).

Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

Portaria n.º 175/90:
Lança em circulação, cumulativamente com as que estão em vigor, uma emissão de selos em folhas de 16 exemplares cada uma, com tarja fosforescente, alusiva à «Protecção da Natureza - Açores».

Portaria n.º 176/90:
Lança em circulação, cumulativamente com as que estão em vigor, uma emissão de selos alusivos à «Pintura portuguesa do século XX (5.º grupo)».

Declaração:
De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério no montante de 12.124 contos, para o ano de 1989.

Região Autónoma dos Açores

Governo Regional

Decreto Regulamentar Regional n.º 7/90/A:
Reorganiza o Laboratório de Análises e Ensaios (LAE).

Decreto Regulamentar Regional n.º 8/90/A:
Dá nova redacção ao artigo 3.º do Decreto Regulamentar Regional n.º 23/82/A, de 9 de Julho.

HOJE

CONTINENTE

Em todo o território: - Céu geralmente muito nublado e vento fraco. Aguaceiros mais frequentes e mais intensos nas regiões do interior. Condições favoráveis à ocorrência de trovoadas. Nebolina ou nevoeiro matinal. Pequena subida da temperatura mínima nas regiões do interior.
Mar encrespado com ondulação Noroeste de 1 a 2 metros na Costa Ocidental e encrespado com ondulação Sueste de 2 a 3 metros na Costa Sul.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado e vento geralmenta fraco. Aguaceiros fracos e pouco frequentes. Mar encrespado ou de pequena vaga com ondulação Norte de 2 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.
Amanhã: - Períodos de céu muito nublado e vento Nordeste moderado, soprando fraco na região do Funchal.

AÇORES

Grupo Ocidental: - Céu muito nublado e vento Sudoeste forte. Períodos de chuva. Mar cavado a grosso com ondulação Norte de 3 metros.

Grupo Central: - Céu muito nublado e vento Sudoeste moderado a forte. Períodos de chuva fraca e pouco frequentes. Subida da temperatura mínima. Mar cavado com ondulação Norte de 3 metros.

Grupo Oriental: - Períodos de céu muito nublado e vento geralmente fraco de Noroeste rodando para Sudoeste a partir da tarde. Mar encrespado ou de pequena vaga com ondulação Norte de 3 metros.

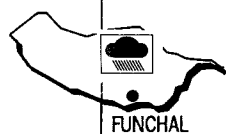
Amanhã:
Céu muito nublado e vento Sudoeste moderado no Grupo Oriental e forte no Grupo Central e muito forte no Grupo Ocidental.

Amanhã
No Continente:
Céu pouco nublado, temporariamente muito nublado nas regiões do Sul. Vento fraco ou moderado de Nordeste. Pequena subida da temperatura mínima nas regiões do interior.

Depois
No continente:
Céu pouco nublado, apresentando-se muito nublado nas regiões do Sul. Vento Leste fraco a moderado, soprando forte nas regiões do Sul.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

MADEIRA



	Céu limpo
	Céu pouco nublado
	Céu muito nublado
	Chuva
	Trovoadas
	Neve
	Vento
	Mar calmo
	Mar encrespado

MARÉS

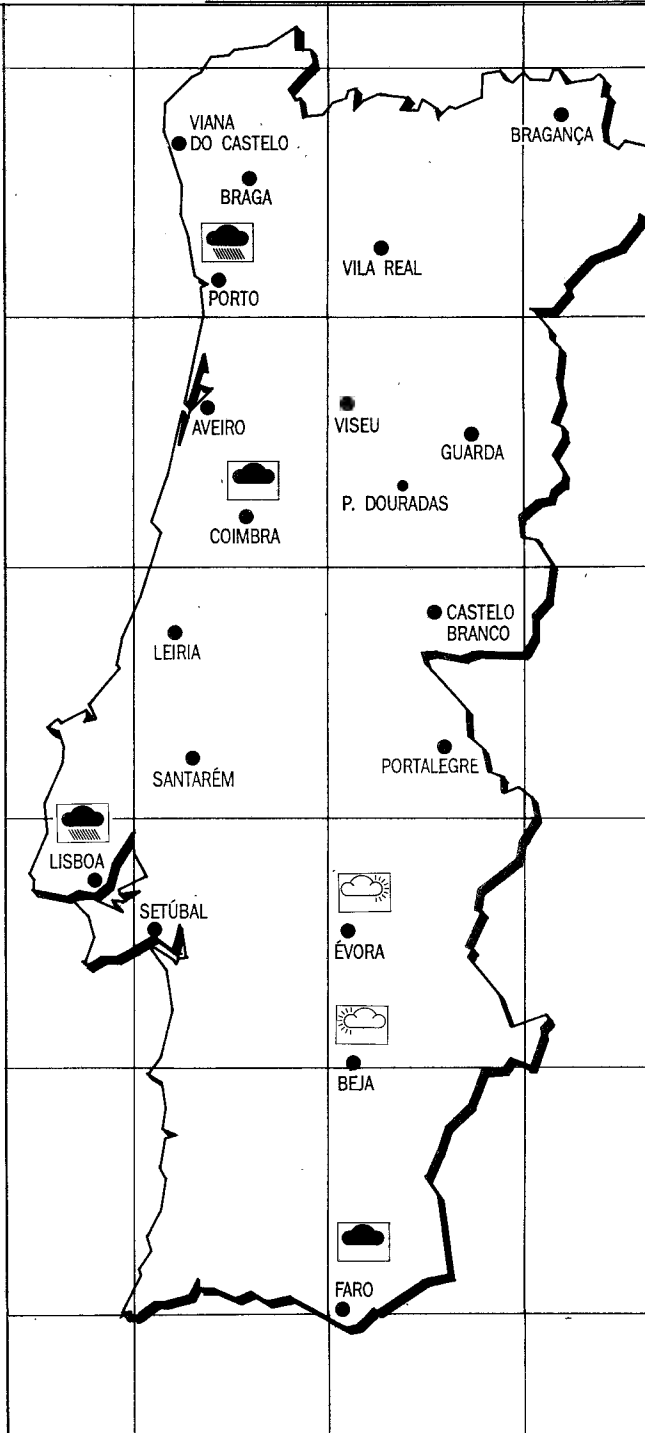
Hoje

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
00.58 3,5m	07.0 1,0m
13.29 3,3m	19.1 1,0m

Amanhã

01.46 3,7m	07.46 0,8m
14.11 3,5m	19.50 0,9m

O ESTADO DO TEMPO



PORTUGAL

	Min.	T. 6 h Às 18 h	
Bragança.....	6	7	M. nub.
V. Castelo.....	11	12	Aguaceiros
Vila Real.....	5	7	M. nub.
Porto.....	11	11	M. nub.
P. Douradas.....	-	-	-
Coimbra.....	10	11	M. nub.
C. Carvoeiro.....	11	13	M. nub.
C. Branco.....	9	9	Nebolina
Portalegre.....	9	9	Nebolina
Lisboa.....	11	11	Nevoeiro
Évora.....	10	10	Nebolina
Beja.....	9	10	Nevoeiro
Sines.....	11	12	P. nub.
Faro.....	9	9	M. nub.
Sagres.....	11	13	M. nub.
P. Delgada.....	9	13	M. nub.
Horta.....	13	14	Encoberto
Funchal.....	13	14	M. nub.

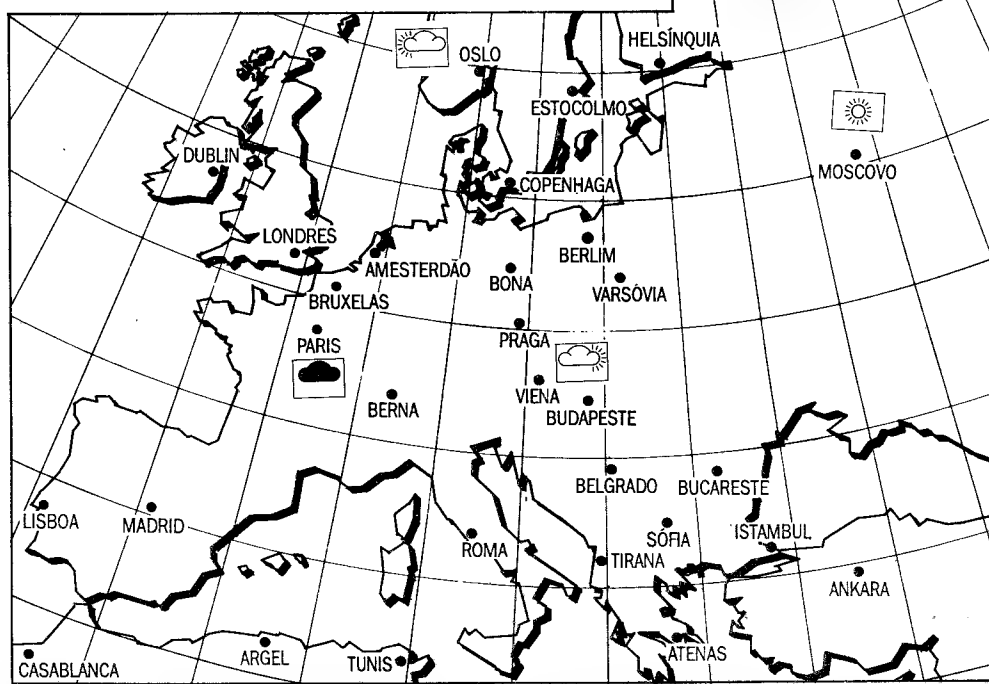
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 18; Porto, 18; Faro, 19; P. Delgada, 17; Funchal, 20.

EUROPA

	Min.	T. 6 h Às 18 h	
Madrid.....	7	7	M. nub.
Londres.....	4	5	M. nub.
Paris.....	4	5	M. nub.
Bruxelas.....	8	8	M. nub.
Amsterdão.....	8	8	M. nub.
Genebra.....	0	4	M. nub.
Roma.....	3	3	Nevoeiro
Oslo.....	0	4	P. nub.
Copenhaga.....	7	7	Nebolina
Estocolmo.....	3	3	Limpo
Berlim.....	10	10	Encoberto
Viena.....	-1	1	P. nub.
Varsóvia.....	6	9	Encoberto
Atenas.....	9	9	Limpo
Moscovo.....	-4	-2	Limpo

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago.....	1	6	Chuva
Houston.....	17	24	M. nub.
Los Angeles.....	10	17	Chuva
Montreal.....	-11	-1	Limpo
Nova Iorque.....	-5	7	Limpo
S. Francisco.....	8	15	Chuvisco
Toronto.....	-10	2	Limpo
Vancouver.....	1	7	Chuva
Washington.....	-5	9	Limpo
Hong Kong.....	10	21	P. nub.
Melbourne.....	15	23	Limpo
Pequim.....	-1	9	Limpo
Perth.....	20	29	P. nub.
Singapura.....	25	33	P. nub.
Sydney.....	17	26	Chuvisco
Tóquio.....	2	10	P. nub.
Wellington.....	10	20	Chuvisco



AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO

PERMANENTE

Alvalade: Líbia, Av. Igreja, 4 B-C, Tel. 891681; **Arco Cego-Estefânia:** Délio, Rua Açores, 32-34, Tel. 572388; **Av. Novas - João Crisóstomo:** Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C, Tel. 520592; **Zona J de Chelas:** Serejo, Av. João Paulo II, 531 - Loja B, Tel. 8592611; **Benfica - Bairro Santa Cruz:** Lavinha, Rua Eng. Paulo Barros, 28-A, Tel. 708242; **Cais do Sodré:** Africana, Rua Bernardino Costa, 43-45, Tel. 3469120; **Calvário:** Monge, Rua Lusíadas, 30-32, Tel. 3636704; **Encarnação:** Zira, Praça das Casas Novas, 5-A, Tel. 311216; **Lapa:** Paiva da Costa, Rua da Lapa, 105-107, Tel. 664414; **Lumiar - Quinta das Mouras:** Matos Viegas, Av. Rainha D. Amélia, 34-B, Tel. 7594174; **Rato - Príncipe Real:** Cunha, Rua Escola Politécnica, 18, Tel. 325455; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Moscavide:** Banha, Av. Moscavide, 22-A, Tel. 2518518; **Odivelas:** Central Odivelas, Alameda Infante D. Henrique, 1, Tel. 9311203; **Pontinha:** Flora, Azinhaga dos Besouros, Lote R8.

REFORÇO

Areiro: Garantia, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5 A-B, Tel. 887300; **Belém:** Bom Sucesso, Rua Bartolomeu Dias, 63-A, Tel. 611454; **Campo de Ourique:** Linaida, Rua Ferreira Borges, 30, Tel. 660955; **Campolide - Bairro Liberdade:** Salutar, Rua B,

75 A-B - Bairro da Liberdade, Tel. 683694; **Graça:** Morão, Largo da Graça, 63, Tel. 860700; **Jardim dos Anjos:** Confiança, Av. Almirante Reis, 46-A, Tel. 821653; **Jardim Zoológico:** Alegria, Estrada de Benfica, 180 A-B, Tel. 780511; **Pampilha - Janelas Verdes:** Lealdade, Rua Olival, 226-228, Tel. 663441; **Praça da Alegria:** Brites Moita, Praça da Alegria, 33-34; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140 B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Quinta da Luz - Carnide:** Findor, Rua Adelaide Cabete, 10-E; **Saldanha:** Dalva, Av. Duque de Ávila, 125, Tel. 545225; **Xabregas:** Salter, Rua Xabregas, 63-65, Tel. 381185; **Brandoa - Amadora:** Tavares Matos, Rua Irene Lisboa, Lote 108, Tel. 993220; **Buraca - Amadora:** Gaspar Pote, Rua das Gaias, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; **Olivastasto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA

DE CASCAIS

Algés: Branco, Av. Comb. G. Guerra, 29, Tel. 2104953. Permanente; **Linda-a-Velha:** Pinto, R. Antero Quental, 9, Tel. 4190610. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duarte, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22

h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavilos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Godinho, R. Cândido Reis, 98, Tel. 4430090. Permanente; **Nova Oeiras:** Leal, Quinta da Palmeira, Lote 24, Tel. 2478737. Permanente; **S. João do Estoril:** Das Areias - Urb. Areias. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Cascais:** Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40, Tel. 280170. Permanente.

LINHA

DE SINTRA

Amadora: Helénica, R. Elias Garcia, 372, Tel. 4933613. Até às 22 h; **Damaia:** Girassol, R. Elias Garcia, 17-C, Tel. 974161. Permanente; **Damaia, P. Alex.** Gusmão, 9-A, Tel. 970523. Permanente; **Queluz:** Pereira Dias, Monte Abraão, Tel. 4375566. Permanente; **Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro,** 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487.

Até às 22 h; **Cacém:** Silva Duarte, R. Elias Garcia, 167, Tel. 9248120. Permanente; **Mem Martins:** Química, Est. Mem Martins, 285, Tel. 9210012. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Dumas Brousse, Calç. Rinchoa, 2, Tel. 9260404. Até às 22 h; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **S. Pedro de Sintra:** Valentim, Tel. 9230456. Permanente; **Loures:** Sálvia, Av. República, 29, Tel. 9831240. Permanente.

OUTRA

BANDA

Almada: Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-B, Tel. 2750242. Permanente; **Cova da Piedade:** Atlântico, Av. Rainha D. Leonor, 45-A, Tel. 2764466. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, R. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Higiénica, Av. República, 23, Tel. 290020. Até às 19 h; **Laranjeiro:** Baptista Marques, R. Boa Vontade, 17-B, Tel. 2538572. Até às 22 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; **Barreiro:** Diogo Roque, Av. Miguel Bombarda, 299, Tel. 2070602. Permanente; **Baixa da Banheira:** Aliança, Est. Nacional, 178-B, Tel. 2040302. Até às 19 h; **Corroios:** Abreu Cardoso, B.º Cidade Setúbal, 1-B, Tel. 2536172. Até às 19 h; **Amora:** Nova Amorense, E.N. 10 - Bloco A - Loja A - Paivas, Tel. 2216824; **Aldeia Paio Pires:** Central, Est. Nacional, 9, Tel. 2210365. Até às 22 h; **Montijo:** Giraldes, R. Almirante Reis, 45, Tel. 2310008.

HÁ 20 ANOS



Makários alvo de atentado

Esta manhã foi feita uma tentativa para assassinar o presidente Makários, tendo um pistoleiro disparado seis tiros de metralhadora contra o seu helicóptero na altura em que Makários levantava voo da sua residência em Nicósia. Makários não ficou ferido - e o helicóptero conseguiu aterrar numa parcela de terreno livre destinado à construção civil.

Hanoi responde a Nixon

Rádio Hanoi acusou hoje o presidente Nixon de estar a ameaçar a segurança do sudeste asiático e da Indochina por meio de uma intensificada agressão no Laos.

Maxi-saltos

Saltos de onze centímetros constituem a característica dominante dos sapatos para senhora expostos no XXIV Salão Internacional (Bolonha) dá moda do calçado, do couro, das ferragens e acessórios para a indústria de cabedais.

EFEMÉRIDES

1500

• Largo do Tejo a Armada de Pedro Álvares Cabral, que viria a descobrir o Brasil.

1857

• Operárias da indústria têxtil e de confecções levam a efeito, em Nova Iorque, uma greve a favor da igualdade de salários e da redução da jornada de trabalho para dez horas, dando início à luta das mulheres pela igualdade de direitos.

1961

• Inicia-se em Londres a Conferência da Comunidade Britânica durante a qual a África do Sul anuncia que abandonará a «Commonwealth» em 31 de Maio.

1981

• Morre Avery Brundage, antigo presidente do Comité Olímpico Internacional (COI).

1984

• O Vaticano anuncia que vai pedir um empréstimo para pagar 250 milhões de dólares aos credores do Banco Ambrosiano, falido em 1982, e com o qual a Santa Sé mantinha negócios.

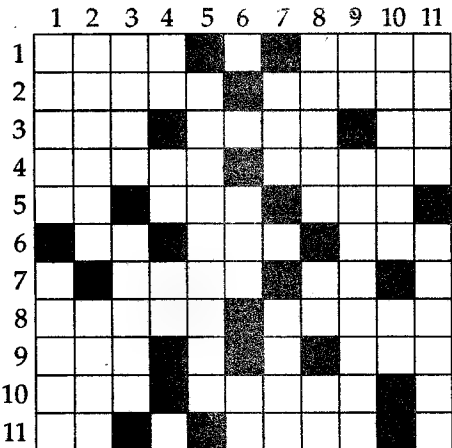
1985

• É constituída, em Faro, a «Air Atlantis», a primeira companhia aérea portuguesa de voos não regulares.

1988

• Morre o cirurgião Francisco Gentil Martins, 60 anos, presidente da Liga Portuguesa Contra o Câncer e director do Instituto Português de Oncologia.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17873

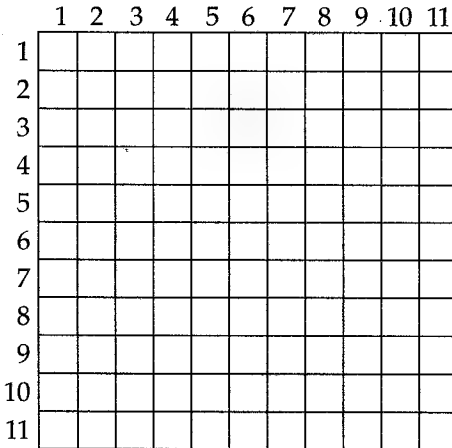
HORIZONTAIS:

- 1 - Caminha. Artigo definido. Ingénua (pop.).
- 2 - Tépidia. Canto de muitas vozes reunidas (pl.).
- 3 - Fruto da azeit. Vazios. Duzentos em romano.
- 4 - Apará. Nome de fruto.
- 5 - Clima. Fileira. Medida agrária inglesa, equivalente a 25 m2.
- 6 - Carta de jogar. Passado. Pequeno símio do Brasil.
- 7 - Cidade do estado de São Paulo. Platina (s.q.).
- 8 - Irisar. Golpe.
- 9 - Despida. Naquela lugar.
- 10 - Tens. Assassinaí.
- 11 - Ósmio (s.q.). Sádios.

VERTICAIS:

- 1 - Poisa no mar (o avião). Embriaguez (fig.).
- 2 - Observara. Artérias.
- 3 - Doutorás. Mulheres.
- 4 - Prefixo de privação. Dêus dos pastores. Vossa Alteza.
- 5 - Computaram.
- 6 - Acrescentei.
- 7 - Preposição. Artigo definido. No Oriente, espécie de pombo.
- 8 - Colocar-se em posição conveniente para ser pintado ou fotografado. Rio de Itália. Preposição e artigo.
- 9 - Brisa. Patenteais.
- 10 - Doce de coco. Tális (s.q.).
- 11 - Rancor.

Resolheu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16683

HORIZONTAIS:

- 1 - Capital da Escócia.
- 2 - Escala (fig.). Província do Equador, no centro da região andina.
- 3 - Substância gordurosa de composição análoga à do éter do álcool. Alumínio (s.q.).
- 4 - Basta! Deprimido (fig.).
- 5 - Pago (abrev.). Centiare. Pronome pessoal.
- 6 - Urdira. Letra grega.
- 7 - Aguilhão. Reis. Manuscritos.
- 8 - Apelido. Misture.
- 9 - Magnete. Energia.
- 10 - Subdito. Preposição.
- 11 - Carta de jogar. Costure. Rénio (s.q.).

VERTICAIS:

- 1 - Antiga cidade da Mésia Superior. Rio de Portugal.
- 2 - Dose (fig.). Multidões.
- 3 - Magnete natural. Regiões banhadas pelo mar.
- 4 - Cidade marítima de Espanha. Nosso Senhor.
- 5 - Mula. Antes de Cristo.
- 6 - Ave, o mesmo que pega. Olado do vento.
- 7 - Zomba. Fasquias.
- 8 - Serra do estado do Ceará. Tosto.
- 9 - Ósmio (s.q.). Prefixo de privação. Senhores.
- 10 - Acalentar.
- 11 - Que têm calos. Estime.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 872

HORIZONTAIS: 1 - Ma. Bravo. Ca. 2 - Imo. Ela. Man. 3 - MOÇO. E. GALO. 4 - Ora. Ena! Nós. 5 - Sara. Tocara. 6 - Brota. 7 - Marau. Opala. 8 - Apor. Atam. 9 - Sei. Ana. 10 - SÓ. Cão. UM. 11 - Aulas. Acama.

VERTICAIS: 1 - Mimos. Massa. 2 - Amora. Apeou. 3 - Ocar. Rói. 4 - Abar. Ca. 5 - Re. Ru. Aas. 6 - Alento. ANO. 7 - VA. Aoto. 8 - Capa. EC. 9 - Mana. Ato. 10 - Calor. La. Um. 11 - Anosa. Amima.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 682

HORIZONTAIS: 1 - Estarreja. 2 - Serrai. Unir. 3 - Proa. Senil. 4 - Ita. AC. Clío. 5 - Na. Abala. Dr. 6 - MV. Ruiira. 7 - Airi. Sari. 8 - Sais. AC. 9 - Anotam. Clá. 10 - Arados. Vê. 11 - Ul. Siso. Sol.

VERTICAIS: 1 - Espinhosa. 2 - Sertá. Anal. 3 - Troa. Maior. 4 - Ara. Avistas. 5 - Rã. Ab. Adi. 6 - Riscaríamos. 7 - Lu. Sô. 8 - Juncas. 9 - Anil. Raul. 10 - Ilidir. Avô. 11 - Br. Orais. El.

PROVÉRBIO: MOÇO E GALO SÓ UM ANO.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA CLUB

Avenida Almirante Gago Coutinho Tel.806496

CORAÇÕES DE AÇO

Filme de Brian de Palma, c/ Michael J.Fox e Sean Penn
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

ALFA 1

NASCIDO A 4 DE JULHO

Filme de Oliver Stone
Maiores de 16 anos
Sessões às 13.30, 16.15, 19.00, 21.30 e 00.30 horas.

ALFA 2

QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS

Maiores de 6 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.30 e 00.15 horas.

ALFA 3

OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER

Filme de Steve Kloves
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 4

CLUBE DOS POETAS MORTOS

Filme de Peter Weir c/Robin Williams
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15

AMOREIRAS 1

Shopping Center de Lisboa
Telef. 691275

NASCIDO A 4 DE JULHO

Maiores de 16 anos
Sessões às 13.30, 16.15, 19.00, 21.45 e 00.30 horas.

AMOREIRAS 2

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II

Maiores de 6 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 3

CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.30 e 00.15 horas

AMOREIRAS 4

QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS

Maiores de 6 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 5

CORAÇÕES DE AÇO

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 6

OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas

AMOREIRAS 7

ASSASSINATO SOB CUSTÓDIA

Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 8

NEGÓCIO DE FAMÍLIA

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 9

VALMONT

Filme de qualidade de Milos Forman, c/ Colin Firth e Annette Bening
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 10

CLUBE

DOS POETAS MORTOS

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas..

APOLO 70

Av. Júlio Dinis, 10-A
Telef. 763319

CLUBE

DOS POETAS MORTOS

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

BERNA

Av. Marquês de Tomar, 10
Telef. 776098

NASCIDO A 4 DE JULHO

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.00, 18.00, 21.30 horas

CINE CAMÕES

R. do Loreto, 15

Telef. 324194

DESEJO DE MORTE

Filme de Gordon Hessler
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 horas

CAPITÓLIO

Parque Mayer

SEXO FORA DE LEI

Hard-core-1º escalão (porno)
Maiores de 18 anos
Sessões às 15, 17, 19, 21 e 23 horas.

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27

Telef. 573407

COMPETIÇÃO SEXUAL

Hard-core-1º escalão (porno)
Maiores de 18 anos.
Sessões às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30.

CINE 222

Av. Praia da Vitória, 37

Telef. 533253

CORAÇÕES DE AÇO

Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

MORTO A TIRO

Maiores de 18 anos
Às 24.00 horas.

CINE PORTELA

ESTÚDIO SHEZA

Telefone 9434762

CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15 e 21.15 horas

CINEMATECA PORTUGUESA

R. Barata Salgueiro, 39 - Telef.

546085

A ATALANTE

Filme de Jean Vigo, às 18.30 horas.

FINALMENTE, DOMINGO

Filme de François Truffaut, às 21.30 horas.

CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34

Telef. 549999

NOVE SEMANAS E MEIA

Filme de Adrian Lyne
Maires de 16 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

CONDES

Av. da Liberdade, 2



QUE FIZ EU PARA MERECER ISTO?

Em exibição

SALA 4

Quarteto

PUB
M/16 anos

Telef. 322523

NEGÓCIO DE FAMÍLIA

Filme de Sidney Lumet
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas

ESTÚDIO

Alameda D. Afonso Henriques, 35

Telef. 555134

OS DEUSES DEVEM ESTAR

LOUCOS II

Maiores de 6 anos

Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

ESTÚDIO ACS

Av. da Igreja, 17-F

Telef. 8487255

DOIS DETECTIVES

EM APUROS!

Com Lorin Dreyfuss
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

FONTE NOVA 1

Estrada de Benfica 503

Tel 7145088

NASCIDO A 4 DE JULHO

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas

FONTE NOVA 2

NEGÓCIO DE FAMÍLIA

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3

QUERIDA EU ENCOLHI

OS MIÚDOS

Maiores de 6 anos
Sessões às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15 horas.

FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo

Telef. 541037

AUDITÓRIO 1

O BANDO DAS QUATRO

Filme de Jacques Rivette
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.00, 15.45, 18.30 e 21.30 horas.

FORUM PICOAS

AUDITÓRIO 2

O PROCESSO DO REI

Filme de qualidade de João Mário Grilo
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00 horas.

IMPÉRIO

Alameda D. Afonso Henriques

Telef. 555134

NASCIDO A 4 DE JULHO

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI

R. Sousa Lopes

Telef. 8480808

CORAÇÕES DE AÇO

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 1

Rua Bulhão Pato, 1-C

Telef. 8480808

QUERIDA EU ENCOLHI

OS MIÚDOS

Maiores de 6 anos



SALADA

(TEXTOS dos PALHAÇOS)



«Há muitos anos que não ria tanto num espectáculo» — *Jornal de Letras*

«uma autêntica explosão lúdica» — *Diário de Notícias*

«um momento de teatro divertido e despretençioso» — *O Jornal*

«Uma salada para todos e que vai alimentar muitas horas de prazer» — *Semanário*

«uma arte de inteligência e divertimento que não pára de se divertir connosco e consigo própria» — *Expresso*

«o que nós nos rimos?...? uma das propostas teatrais mais modernas que a Cornucópia nos apresentou.» — *Independente*

«um dos espectáculos mais soltos, mais felizes e mais comoventes do seu historial» — *Fim de Semana*

«É sensacional... um espectáculo fascinante, capaz de agradar a todos os públicos» — *D. Lisboa*

«lamentável, mortífero, sem graça (...) o pior espectáculo da Cornucópia de sempre» — *Capital*

5.ª a Sáb. — às 21.30H — Dom. e Feriados — 16H;
3.ªs e 4.ªs-Feiras — Matinéas para escolas

TEATRO DO BAIRRO ALTO
Rua Tenente Raul Cascais, 1-A
1200 LISBOA Telef.: 66 15 15/66 92 05

EMPREGADA Precisa-se

Todo serviço doméstico, tratamento de roupas condição prioritária, de 2.ª a 6.ª feira das 09.00 às 19.00.
Residência 3 pessoas, centro de Lisboa.
Boa remuneração. Exigim-se informações.

Resposta a este jornal ao n.º 7003



INATEL

ACTIVIDADES CULTURAIS

TEATRO DA TRINDADE



AVTO DA INDIA

DE GIL VICENTE

PELA COMPANHIA VICENTINA

TEATRO DE TODOS OS TEMPOS

TEATRO · MUSICA · BAILADO

7 de MARÇO a 29 de ABRIL de 1990

Actores

HERMINIA TOJAL

LUIS VICENTE

ANGELA PINTO

JULIO MARTIN

DURVAL LUCENA

Bailarinos

SAMUEL ESTEVES

MARTA LAPA

ANA BERGANO

FILIPA FRANCISCO

CRISTINA BENEDITA

SOFIA LOPES

CELIA CARDOSO
ANTONIO FONTINHA
(ACTOR BAILARINO)

ENCENAÇÃO E COREOGRAFIA: AGUEDA SENNA
CENOGRAFIA E FIGURINOS: JOÃO QUINTÃO
MUSICA ORIGINAL: NUNO REBELO
ASSISTENTE DE ENCENAÇÃO: GRAÇA CORRÊA
ASSISTENTE DE COREOGRAFIA: JOÃO SENNA

De 5ª Feira a Sábado, às 21.45 horas.

Domingos às 16 horas.

Matinéas especiais para as escolas.

Descontos de 50% para os sócios do INATEL, C.C.Ds., Sindicatos e grupos de 10 ou mais pessoas.

CARTAZ

Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 2

CLUBE
DOS POETAS MORTOS

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 3

VEREDICTO FINAL

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45 horas.

LAS VEGAS 1

Pingo Doce - Alcântara
Telf. 3631162

VALMONT

Filme de qualidade de Milos Forman, c/ Colin Firth e Annette Bening
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30 horas.

LAS VEGAS 2

OS FABULOSOS IRMÃOS
BACKER

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.45 e 21.45 horas.

LONDRES

Av. de Roma, 7-A
Telf. 801313

VALMONT

Filme de qualidade de Milos Forman, c/ Colin Firth e Annette Bening
Maiores de 16 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30



«O Bando das Quatro», no Auditório 1 do Forum Picoas

MUNDIAL 1

R. Martens Ferrão
Telf. 538743

NASCIDO A 4 DE JULHO

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

MUNDIAL 2

ASSASSINATO
SOB CUSTÓDIA

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

MUNDIAL 3

QUERIDA EU ENCOLHI
OS MIÚDOS

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B
Telf. 574362

QUERIDA EU ENCOLHI
OS MIÚDOS

Maiores de 6 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

ODEON

R. dos Condes, 4
Telf. 326283

O POLICIA DE MIAMI

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 18.00 e 21.30 horas.

OLIMPIA

R. dos Condes, 13
Telf. 325309

RATAS - AUDACIOSAS

Filme porno
Maiores de 18 anos
Sessões contínuas a partir das 14 horas.

PLAZA 1

Centro Com. Alvalade
NEGÓCIO DE FAMÍLIA

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45 horas.

PLAZA 2

NASCIDO A 4 DE JULHO

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00 horas.

POLITEAMA

R. Portas de Stº Antão
Telf. 326305

QUERIDA EU ENCOLHI
OS MIÚDOS

Maiores de 6 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

QUARTETO 1

R. Flores de Lima, 16
Telf. 771378

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

14.º Juízo

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamar o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto dos tais bens no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio.
Execução de Sentença n.º 14 101/A — 1.ª secção.
Exequentes — JOL — Comércio de Automóveis e Peças, oficinas, Lda.
Executados — Eva Fátima Cachão Laranjeiro Silva e seu marido residentes R. Salvador da Baía 8 — 1.º Dt.º Almada.

Lisboa, 1 de Março de 1990

O Juiz de Direito,
Assinatura ilegível

O Escrivão de Direito,
Assinatura ilegível
DL — 2.º Pub. 8/3/90

ARIEL

Filme de Aki Kaurismaki

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00, 16.45, 18.30, 20.15, 22.00 e 24.00 horas.

QUARTETO 2

CLUBE

DOS POETAS MORTOS

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 3

UM MUNDO À PARTE

Filme de Chris Menges, c/ Barbara Hershey
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00 horas.

QUARTETO 4

QUE FIZ EU PARA MERECER ISTO?

Filme de Pedro Almodovar
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00 e 22.00 horas.

SÃO JORGE 1

Avenida da Liberdade, 175
Telf. 579144

NASCIDO A 4 DE JULHO

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15, 18.15 e 21.15 horas.

SÃO JORGE 2

CLUBE DOS POETAS
MORTOS

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

SÃO JORGE 3

QUERIDA EU ENCOLHI
OS MIÚDOS

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

7ª ARTE

Av. da República
Telf. 730715

QUERIDA EU ENCOLHI
OS MIÚDOS

Maiores de 6 anos
Sessões às 14.45, 17, 19 e 21.30

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Telf. 804210

QUERIDA EU ENCOLHI
OS MIÚDOS

Maiores de 6 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

TERMINAL

Estação do Rossio
Telf. 371573

GENTE GIRA É OUTRA
COISA

Maiores de 6 anos
Sessões às 13, 15, 17, 19 e 21.30 horas.

TURIM

Estrada de Benfica, 723-A
Telf. 706666

OS REIS DA NOITE

Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.00, 17.30 e 21.30 horas.

XENON

Av. da Liberdade, 9
Telf. 3468446

SHOKER-CEM MIL VOLTS
DE TERROR

Maiores de 18 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

SINTRA

AMADORA

BABILÓNIA

Centro Comercial Babilónia
Telf. 4934871

NASCIDO A 4 DE JULHO

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

CACÉM

ESTÚDIO FLORES

Telf. 9247570

WARDOG FORÇA ESPECIAL

Maiores de 18 anos
Sessões às 15.00 e 21.30 horas.

QUELUZ

KING D. PEDRO III

Telf. 4364845

SALA 1

CLUBE

DOS POETAS MORTOS

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00, 18.00 e 21.15 horas.

SALA 2

O VELHO GRINGO

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15, 18.15 e 21.30 horas.

SALA 3

CORAÇÕES DE AÇO

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.45 horas.

CASCAIS

OEIRAS

ALTO DA BARRA 1

Av. das Descobertas - Telf. 4439759

VALMONT

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

ALTO DA BARRA 2

CORRUPÇÃO NA CIDADE

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

NOVA OEIRAS

CINE PALMEIRAS 1

Telf. 2479144

BRIGADA ASSASSINA

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

CINE PALMEIRAS 2

NASCIDO A 4 DE JULHO

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

CARCAVELOS

ATLÂNTIDA CINE

Telf. 2465653

QUERIDA EU ENCOLHI
OS MIÚDOS

Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CASCAIS

MIRAMAR 1

Telf. 2841744

NASCIDO A 4 DE JULHO

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

MIRAMAR 2

CLUBE

DOS POETAS MORTOS

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

OXFORD

Avb. 25 de Abril - Telf. 2865027

OS REIS DA NOITE

Maiores de 12 anos
Sessões às 16.00 e 21.30 horas.

ALMADA

ALMADA

ACADEMIA

ALMADENSE

Telf. 2752127

NASCIDO A 4 DE JULHO

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

COSTA DE CAPARICA

CINEMA PESCADOR

Telf. 2905350

CORAÇÕES DE AÇO

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 21.45 horas.

EXPOSIÇÕES

JAIME LEBRE - Pintura
Monumental/Bertrand - Rua Anchieta, 23 (10 às 20 horas, excepto domingos. Inaugura hoje às 21 e 30. Até dia 31)

JOÃO CUTILEIRO - Exposição antológica. Entre as peças, que documentam 34 anos de actividade do escultor, destaque para A Bífide, Évora Revisitada e um busto de André Resende, emprestados ao Centro de Arte Moderna pela Câmara Municipal de Évora.

Simultaneamente, sete novos escultores homenejam João Cutileiro: António Campos Rosado, Maria Felizol, Manuel Rosa, José Esteves, José Pedro Croft, Pedro Fazenda e Sílvio Westfalen. Inauguram hoje às 19 horas.

Galerias das Exposições Temporárias da Fundação Gulbenkian

MARTIN DISLER - Ao apresentar gravura de um dos últimos "resistentes" da bad painting, a galeria faz a sua primeira incursão no circuito internacional da arte contemporânea. **Pedro e o Lobo** - Rua do Salitre, 169 (15 às 20 horas, excepto domingos. Inaugura hoje às 22 horas. Até 7 de Abril) J.F.

COMUNA

TEATRO DE PESQUISA

"ESPECTACULO DE QUALIDADE" D.G.E./D.A.

HOJE 21.30 H
DOMINGO AS 17 H
FOLGA: 4ª FEIRA

* ultimas!
* só até ao fim do mês

A PÉCORA

"AUTO DA PAIXAO DE SANTA MELÂNIA"

TEXTO: NATÁLIA CORREIA
ENCENAÇÃO: JOAO MOTA
MUSICA: JOSE MARIO BRANCO

"UM DOS MELHORES ESPECTÁCULOS DO TEATRO PORTUGUÊS DEPOIS DO 25 ABRIL" — CARLOS PORTO — «D. LISBOA»

PRAÇA DE ESPANHA
TEL. 726 08 18

Subsídios — Secretaria de Estado da Cultura e Fundação Calouste Gulbenkian

APOIOS: PUBLICAÇÕES D. QUIXOTE • CABELLEIRO CITY • RADIO COMERCIAL • ANTENA UM

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA

2.º ANO

1 PRAÇA DE ESPANHA — RESERVAS TEL. 726 08 18

NO ESPACO DO CAFE-TEATRO * UM NOVO ÊXITO

FESTIVAL DA OTITE!

SABADOS AS 24 h

★ APOIO SAMSUNG

SNOOPY POR SCHULZ



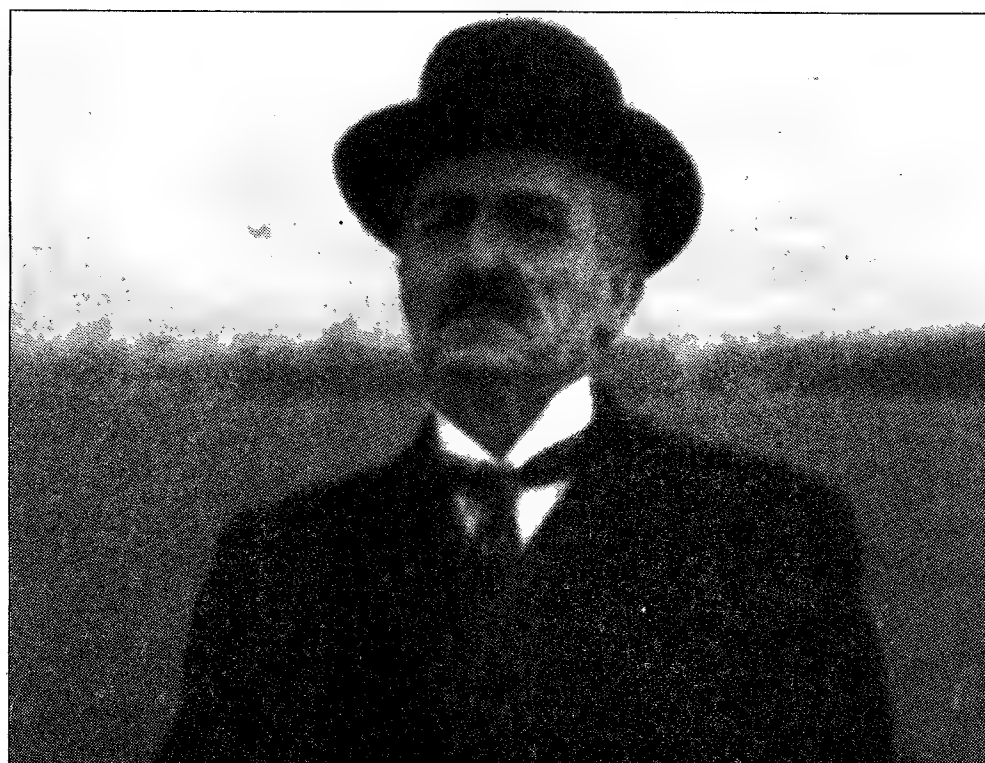
CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE RTP-1

- 16.55 - HOSPITAL CENTRAL
121º episódio
- 17.40 - BRINCA BRINCANDO
89º episódio
- 18.30 - RUA SÉSAMO
89º episódio
- 19.05 - JOGO DE CARTAS
- 19.30 - TELEJORNAL
- 20.00 - BOLSA DIA A DIA
- 20.05 - O TEMPO
- 20.09 - DIREITO DE ANTENA
Associação Portuguesa dos
Técnicos de Contas
- 20.11 - BOLETIM AGRÁRIO
- 20.15 - VALE TUDO
64º episódio
- 21.15 - WINSTON CHURCHILL:
OS ANOS AGITADOS
4º episódio: Chamberlain é o
novo primeiro-ministro.
A Força Aérea começa a praticar
técnicas de camuflagem. A
Alemanha invade a Áustria e a
Checoslováquia. Churchill vai
viajar por toda a Inglaterra e
Chamberlain tenta uma missão
de paz enquanto Hitler continua
a avançar. Churchill consegue
um Ministério mas não para ele
próprio. Von Ribbentrop
encontra-se com Estaline
e Chamberlain convoca
o Parlamento. que preço
pagará Churchill.
- 23.00 - CONVERSAS VADIAS
1º programa: o professor
Agostinho da Silva responderá,
ao longo de 13 programas, a
perguntas que lhe vão sendo
colocadas por diversas
pessoas. Produção de Manuel
Pires e realização
de Marques Pinto
- 23.25 - 24 HORAS
- 24.00 - REMATE
Inclui o Rally de Portugal
- 00.20 - CARTAS DE HUMOR

RTP-2

- 16.55 - BENJI E O PRÍNCIPE
EXTRATERRESTRE



No 1º canal às 21.15, «Winston Churchill - Os Anos Agitados»

17.20 - HISTÓRIA DOS INSTRUMENTOS MÚSICAIS

11º episódio: urante centenas de
anos a guitarra espanhola teve
dificuldade em ser
reconhecida como um instru-
mento musical sério, quer por
compositores quer pelos
próprios músicos. Hoje vamos
até Granada e Sevilha para
termos uma ideia das possibili-
dades de expressão deste
instrumento.

17.50 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA

56º episódio

18.25 - OS HENDERSONS

12º e último episódio

19.35 - CLÁSSICOS DA TV

13º episódio de «Estrada 66»:
Tod e Buz empregam-se numa
mina de cobre em Montana e
alugam dois quartos em casa de
uma senhora cuja sobrinha, uma
famosa atriz, regressa subiti-
tamente à sua cidade natal sem
dizer as razões que a levaram a

abandonar a profissão. Tod e
Buz sentam-se atraídos pela
jovem atriz, tentando, cada um
pelo seu lado, captar a sua
atenção. Um dia, escondido por
detrás de um muro, Tod ouve a
rapariga revelar a um velho
amigo a verdade sobre o seu
regresso à cidade.

20.30 - MAGAZINE MUSICAL

21.00 - JORNAL DAS NOVE

21.30 - RALLY DE PORTUGAL

21.50 - EMOÇÕES

7º episódio: Zach e Sandy
decidem procurar jovens
cantores com talento para
firmarem novos contratos. A
busca leva-os a Nova Jersey
onde terminam a noite num bar
em que se apresenta um grupo
de artistas amadores.

22.15 - AS MULHERES ONTEM E HOJE

23.15 - QUINTA DIMENSÃO

23.40 - ESPECIAL DESPORTO

Campeonato do Mundo
de Patinagem Artística

AMANHÃ RTP-1

- 09.01 - BOM DIA
- 10.00 - ÀS DEZ
- 12.05 - FERA RADICAL
- 13.00 - JORNAL DA TARDE
- 13.27 - BOLSA
- 13.30 - O MUNDO ANIMAL
- 13.50 - VERÃO 42
- 15.35 - O TAL CANAL
- 16.40 - HOSPITAL CENTRAL
- 17.25 - BRINCA
BRINCANDO
- 18.30 - RUA SÉSAMO
- 19.00 - JOGO DE CARTAS
- 19.30 - TELEJORNAL
- 20.00 - BOLSA
- 20.05 - O TEMPO
- 20.08 - BOLETIM AGRÁRIO
- 20.15 - VALE TUDO
- 21.10 - MOBIL NOS CAMINHOS
DE PORTUGAL
- 21.25 - MISSÃO IMPOSSÍVEL
- 22.20 - TELEMUNDO
- 22.50 - CHEFE, MAS POUCO...
- 23.20 - 24 HORAS
- 23.55 - REMATE
Inclui o Rally de Portugal
- 00.15 - CARTAS DE HUMOR
1º programa
- 00.20 - PELA NOITE DENTRO
«A Mulher do Próximo»

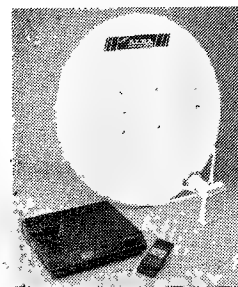
ALBA

ANTENAS PARABÓLICAS
ACESSÍVEIS A TODOS

INFORME-SE NA

AUDIMAX

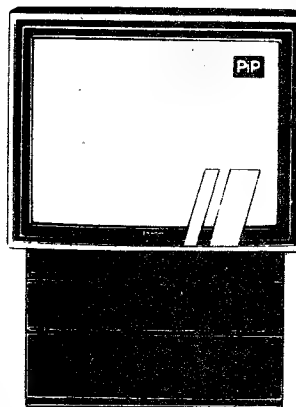
TEL. 410 62 75
ALGÉS



RTP-2

- 14.21 - TELEMERCADO
- 14.45 - RALLY DE PORTUGAL
- 15.45 - AGORA ESCOLHA
- 17.15 - 3, 2, 1 CONTACTO
- 17.45 - HISTÓRIA DOS
INSTRUMENTOS MÚSICAIS
- 18.15 - O MEU PÉ DE LARANJA
LIMA
- 18.50 - HAJA MÚSICA
- 19.40 - CLÁSSICOS DA TV
- 20.30 - AS CIDADES
E AS TERRAS
- 21.00 - JORNAL DAS NOVE
- 21.30 - RALLY DE PORTUGAL
- 21.50 - DONA BEIJA
- 23.20 - ACERTO DE CONTAS
- 23.55 - ESPECIAL DESPORTO
Campeonato do Mundo
de Patinagem Artística

BLAUPUNKT Seleccionou para si...



● **BLAUPUNKT**
Grupo BOSCH

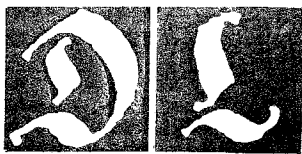
Um pequeno ponto faz a diferença



AOS CONDUTORES

"As crianças devem ir sempre no banco da retaguarda dos
automóveis, e ao saírem devem fazê-lo sempre do lado do
passageiro."

PREVENÇÃO RODoviÁRIA PORTUGUESA



«É triste verificar que em Bona está um chanceler rodeado de simplórios para não se ver obrigado a reconhecer que ele próprio é um simplório»

Rudolf Augstein, «Diário de Notícias», 07.03.90

A PERGUNTA DO DIA



João Loureiro
presidente da Associação Portuguesa das Agências de Publicidade

O Governo está a rever o Código de Publicidade. Para o efeito propõe-se extinguir o Conselho da Publicidade. Qual é a posição da APAP face a esta possibilidade?

«A APAP é fortemente crítica em relação a esta matéria. Por um lado, pela legislação vigente, os processos de contra-ordenação em matéria de publicidade são instaurados pelo Instituto Nacional de Defesa do Consumidor, apreciados pelo Conselho de Publicidade (onde se encontram representados todos os interesses, públicos e privados, no fenómeno publicitário) antes do secretário de Estado do Ambiente e Recursos Naturais aplicar, ou não, a respectiva coima.

Por outro lado, pelo sistema agora proposto os processos de contra-ordenação continuariam a ser instaurados no INDC (donde, obviamente, podem provir as queixas), as coimas serão aplicadas pelo director deste Instituto e 50 por cento das receitas daí provenientes reverteria para o INDC...

Assim, a APAP defende que seja criado um Conselho Jurisdicional da Publicidade, constituído por quatro elementos eleitos pelo Conselho de Publicidade e presidido por um juiz nomeado pelo Conselho Superior de Magistratura.»

ENTREVISTA

Yolanda Moreira tornou-se conhecida como manequim. Passou em Paris e agora, finda a carreira de modelo, dirige uma casa de moda. «Um negócio como outro qualquer, só que mais criativo» - diz

«Gostava de fazer cirurgia»



D.L. - Por que é que deixou de passar modelos?

Y. - Porque tenho 33 anos e já era altura...

D.L. - É idade para abandonar?

Y. - A idade acelera um pouco a decisão de as pessoas pararem no seu devido tempo. O que me influenciou, de facto, é que eu parei quando fiz um instituto de moda no sentido de usar o meu nome como imagem de marca. E depois para caminhar a passos mais rápidos para um atelier de moda...

D.L. - Como é que o seu nome chegou a imagem de marca?

Y. - Talvez porque tenha decidido construí-lo desde o momento em que comecei a ser manequim e a ter algum sucesso.

D.L. - Como começou?

Y. - Por convites informais de passagem de moda, que eu fazia mais por graça porque achava que era engraçado enfrentar o público e a sensação de medo e angústia...

D.L. - Que se sente lá em cima?

Y. - Um grande nervosismo... Porque são todas as pessoas que estão à espera de um gesto, de um movimento do manequim.

D.L. - Como é que o ultrapassa?

Y. - Sorrindo...

D.L. - É esse o segredo?

Y. - Sorrindo, dando a entender que sabemos muito mais do que realmente sabemos ao pisar uma passerelle. Foi por isso que rapidamente fiz um curso porque me faltava a segurança e o curso veio dar-me alguns segredos da profissão...

D.L. - E quais são?

Y. - Saber andar como deve ser, ter uma boa postura física, tudo isso ajuda a ter um porte de segurança.

D.L. - Que é necessário para

ser modelo?

Y. - Hoje em dia, muita altura, porque 1 metro e setenta já não é nada em Portugal. Já se exige, como na Europa, 1 metro e oitenta. Também um conjunto físico agradável e ter jeito para ser actor ou actriz, porque as passagens são cada vez mais shows de moda em que os manequins assumem um papel conforme vai mudando a roupa que está a ser mostrada.

D.L. - Considera-se bonita?

Y. - Tenho dias...

D.L. - Porquê?

Y. - Porque considero a beleza, não só um traço físico, mas um traço emocional. Há dias em que me sinto muito amachucada, muito deprimida e não me sinto nada bonita e outros dias em que me sinto cheio de força para enfrentar o mundo e me sinto bonita, feliz comigo própria, e isso para mim é ser bonita, sentir-me bem na minha pele.

D.L. - O seu sonho era este quando era criança?

Y. - Sempre.

D.L. - Sonhava com quê?

Y. - Não era este. O meu sonho era fazer alguma coisa muito forte, fosse qual fosse a minha profissão...

D.L. - Por exemplo...

Y. - Gostava de fazer cirurgia.

D.L. - Porquê?

Y. - Porque nunca me fez impressão ver um ferido, o que me faz impressão é não ter potência para o tratar. Se tivesse seguido medicina acho que me dedicaria muito a ajudar o ser humano.

D.L. - Não tem medo de engordar?

Y. - Tenho algum cuidado... Adoro comer. Há pessoas que comem para viver, outras que vivem para comer, eu estou mais ou menos no meio, porque adoro petiscar como boa portuguesa. Não tenho

medo de engordar porque sei defender-me. Tenho é medo de ter preguiça de me defender.

D.L. - Tem sentido comemorar o Dia Internacional da Mulher?

Y. - Claro! Nos últimos houve uma grande reviravolta sobre a situação da mulher no mundo inteiro e isso não deve ser ignorado. Eu estou feliz por sentir que a mulher urbana e suburbana conseguiram lugares praticamente iguais aos homens...

D.L. - Como se vestem os portugueses?

Y. - Muito melhor, hoje em dia.

D.L. - Quer dizer que antes se vestiam mal?

Y. - Vestiam-se mal e eram descuidados. Tudo isto teve a ver com a evolução política do nosso país. Lembro-me, por exemplo, que em 1972 as pessoas caprichavam na sua própria imagem. Depois houve a revolução, a bomba da liberdade e as pessoas abandalharam-se um bocadinho...

D.L. - E agora?

Y. - Hoje começa a sentir-se uma estabilidade e nos últimos cinco anos começa a recuperar-se a imagem cuidada que os portugueses têm.

D.L. - Quer dizer que a revolução prejudicou de alguma forma a qualidade do vestir dos portugueses?

Y. - As pessoas abandalharam-se em todos os sentidos. Por exemplo, naquela altura entrava-se nas lojas e as pessoas mascavam pastilha elástica ao balcão, não atendiam o público como deve ser, talvez não sentissem a obrigação de serem corteses, educados e polidos como antigamente... Perderam-se alguns valores, mas felizmente estão a recuperar-se.

A.J.T.



Cinema in the rain

Tenho algumas saudades de quando ia ao cinema, não para ver a obra do realizador *x*, a cinematografia nipónica ou do quarto mundo, os actores do *Art Studio*. Tenho saudades dos tempos em que ia ao cinema só para ver cinema, aquela pantalha imperfeita de então, mas onde se podia ver tudo o que era para ver, sem nomes a mais, sem problemas, sem análises. Ia ao cinema, meu aliado, porque tinha pedido muito, recebido cinco coroas da tia, porque me apetecera fazer gazeta, porque chovia.

Aconteceu-me há dias, regressar a esse campo magnético: chovia, estava com frio, entrei no primeiro cinema sem saber o que ia ver. Estava inocente. E se vou dizer algumas palavras inócuas sobre o que vi, não é que a fita tivesse importância de maior, que valesse uma crítica pormenorizada ou fosse um desafio aos dadores de estrelinhas quer benevolentes quer pedantes... mas porque... é o filme ideal quando está a chover, quando dói a cabeça, quando o tédio desliza de todos os cantos, entre dois controlos do relógio de ponto.

«Os Fabulosos Irmãos Baker», de Steves Kloves, é uma comédia sentimental e musical com laivos dramáticos bem doseados, bem feita à americana, tecnicamente sem mácula, onde se toca um jazz que é jazz, em que Michelle Pfeiffer sabe cantar e encantar, capaz de seduzir todos os irmãos e até os *Oscars*; é o guião que faz o argumento — podia servir como matéria de estudo nos cursos acelerados para guionistas de vez em quando organizados em Lisboa porque não há razão válida para não os organizar.

Confiei-vos um pequeno segredo: existe um cinema, quero dizer, um filme para quando chove e os dias morrem para nada.

Jorge Listopad



Sexta-feira no

Diário de Lisboa

«Um 'acordão' para nos acordar»
por Fernando Piteira Santos

«O sr. Presidente dá licença?»
- artigo de Fernanda Mestrinho

A vida quotidiana dos portugueses em Bruxelas

«Um campo de concentração apostólico, católico e romano»
na MOSCA

A.M.A. Auto Monumental do Arquivo

CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telef. 894185/6/7/8

1000 LISBOA

Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

SUPLEMENTO LITERÁRIO

SUPLEMENTO DAS QUINTAS-FEIRAS DO **Diário de Lisboa** 8 DE MARÇO DE 1990. NÃO SE PODE VENDER EM SEPARADO

O boxe, por Joyce Carol Oates, pág. 3; Maneiras Trágicas de Matar uma Mulher, pág. 4; Poemas de Adélia Prado, pág. 5; Ideias e Leituras, págs. 6 e 7; Sweetie, de Filomena Cabral, pág. 8.

ALMANAQUE DAS MULHERES

A condição mesma da mulher depende tanto do Azar, é tão complexa e tão dolorosa que situá-la num momento determinado obrigaria a desprezá-la no momento seguinte.

Na juventude tem graça, os membros harmoniosos, os olhos cobiçosos, a silhueta altiva, por diante e por trás; alta ou baixa, ruiva ou morena: é sempre maravilhosa de se ver. Em menos de doze anos se curva, se estira, lassa, os ossos secos e a carne dissolvida; torna-se-lhe a língua amarga, segregando um mel que mata. O Seu Espírito está corrompido pelas Moedas de uma existência de rebusques e agradecimentos. A Vida ensinou-lhe a Vida. Pactuou com ela, e não se apoiou bastante no seu ombro - se bem que passe metade do tempo recostada - como quem prefere a Moeda ao Éter. Não foi projectada para nadar no Céu; é peixe de Terra, nada em Terra Firme.

No entanto, tão pobre Condição não a impede de provocar dor noutra cuja condição seja tão pobre como a sua. Estão todas atrapadas na mesma rede e sob o seu peso convertem-se em cinza indigna.

A pélvis de Santa Teresa não boceja mais honestamente que a de Messalina, pois a Porta lacunar que nenhum Homem atravessou é tão inexistente como o Espaço açoitado pelos ventos contra o que todos costumavam arremeter, e o Olho que o chorou está tão vazio e desabitado como a Carne pela qual derramou as suas lágrimas.

Na Tumba, os pés não se movem como querem nem podem as mãos voltar a tocar-se, licenciosas, e isto acontece desde sempre, pelo que não há que lamentarmos-nos. Desonesta hoje, amanhã nada lhe interessará e nunca mais.

Mas altera-se-nos o Coração pelo que foi feito de um ápice, sem saber como tudo se passaria no Útero, e sem querermos reconhecer o que nos poderia ocorrer passadas dez semanas na Terra.

A mulher conhece três estados, mas só tomamos em conta o segundo, que existe: e que é então a sua existência salvo uma breve flutuação do Espírito, uma soma fictícia que não teve em conta os dois elementos da Totalidade.

Se nos Ciúmes que um homem sente por sua Mulher há irreflexão e um erro de cálculo, é ainda mais insensato que uma mulher padeça, adoça, se esgate e se entristeça por outra Mulher! O homem pode assanhar-se pela pequena Diferença que sempre lhe estará vedada, mas uma Mulher não rasga as roupas senão por uma vestimenta idêntica,



por um Mistério que perdeu a dimensão de Mistério.

A ira deste Fogo é mais ardente aqui, no Jardim de Vénus, sim; arde-se em chama mais lasciva e tempestuosa do que no próprio Campo da Natureza; e no mesmo dia em que se alivia a um homem da corda em que se havia pendurado por culpa da infidelidade da sua esposa, descobrimos a duas Donzelas suspensas na mesma viga por causa da mesma Rapariga.

Não clamam, como é costume nas Fa-

mílias, que a traição as converteu em, enganadas, que levam cornos e criam filhos bastardos, pois semelhante contravérsia seria impossível. Os nossos ancestrais, pelo contrário, cravavam o aço ou o dardo nos flancos, e demonstravam quão vão é o sofrimento do Homem, mire-se de onde se mirar. E, se bem que este Aguilhão não atormente a carne da Irmã que sofre pela Irmã, elas choram aos gritos, sim, e gemem desconsoladas, e retraem-se, contorsionando-se, como se a sua própria falta lhes causasse uma dor extraordinária!

Que é isto senão Vaidade, um mero atormentar-se a si próprios, e contrariamente às afirmações masculinas (que esgrimem como razão a legitimidade da sua descendência), não é acaso uma prova de que é mentira e de que o centro do problema é o seu próprio Orgulho?

Retirai ao Homem a sua desculpa e chorará o mesmo, mas desta vez possuído por uma Melancolia desolada e irremediável.

Mais honesta, contudo, como é sempre mais honesto o que mais perto das costelas golpeie. O mesmo ocorre com as mulheres. Os seus Ciúmes não têm outra tribuna que não seja a amargura autêntica da loucura e, se choram, é por Solidão Alienada: por haverem voltado, sem pensar, a si próprias; se é que são tomadas pela moléstia de raciocinar, coisa bastante improvável, pois ali onde floresce uma semente de Razão, surge uma semente de Recuperação, e ali donde surge a semente de Recuperação nasce uma erva de Indiferença, e aonde essa erva germina pode crescer um Jardim de Olvido, que nos faz, por fim, recuperar o alento.

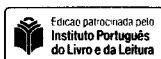
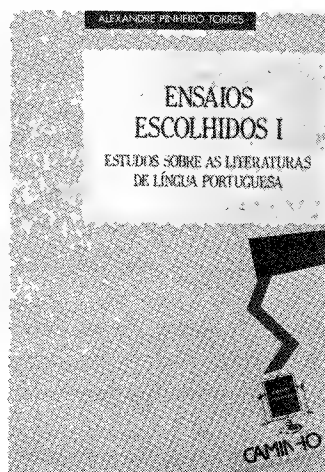
Mas, habituámo-nos tanto a dar outro nome à Vaidade, que nem sequer o espectáculo da Mulher que sofre por outra nos ensinou alguma coisa.

As que se entregam à aflição voltam-se tão resolutamente contra a parede como Penélope chorando a ausência do seu esposo.

É um Labirinto, e jamais encontraremos a saída, ainda que desde sempre conheçamos o caminho. Girar e girar o fuso gasta o Fio da Desesperação, e empurrar empurrar o tear tece o sentido, e embora não nos interesse, pisamos o pedal sem motivo, fazemos trabalhar o tear sem fio, e tecemos o ar perfazendo um Manto de Enfermidade.

Sacudimos a árvore até que caem todas as folhas, e e ululamos depois nas ramas; perturbamos um pouco a terra com a nossa fúria; a nossa tristeza é carne de primeira e dela nos alimentaremos até deixar os ossos: a nossa paz não está à flor da pele mas sim no coração da medula; não somos sábias antes do "rigor mortis"; não nos submergimos em nenhum rio da Sabedoria, nadamos sózinhas no Jordão. E se entre nós, há poucos filósofos, é porque o nosso sangue ferveu demasiado para suportar o peso da Sabedoria, que é barca pequena e só flutua se o itinerário está traçado e os ventos em repouso.

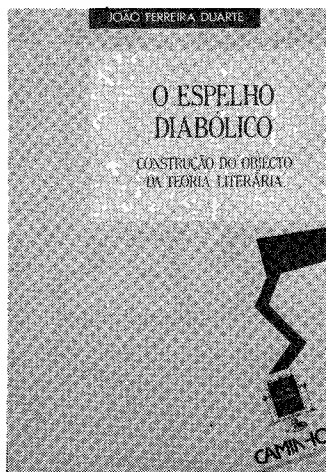
Djuna Barnes
(versão de António Cabrita)



«Alexandre Pinheiro Torres, nome já sobejamente conhecido no cenário intelectual português, destaca-se como um dos seus ensaístas mais lúcidos e mais avançados; intensamente participante das mutações por que está passando a vida contemporânea.»

Nelly Novaes Coelho
em O ESTADO DE S. PAULO

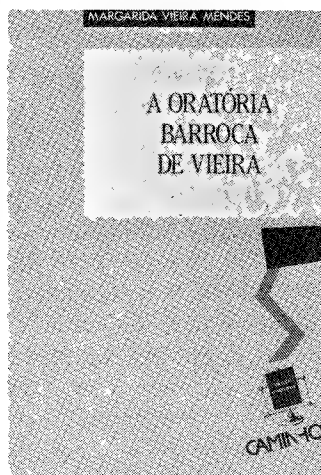
ISBN 972-21-0463-2 / 320pp / 1800\$00



«Tudo o que é factual é já teórico», dizia Goethe. Nada existe senão como objecto de um ver que a teoria é, um *speculum* da racionalidade que investe os discursos do saber, mesmo quando eles se iludem em denegá-la.

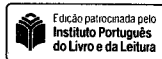
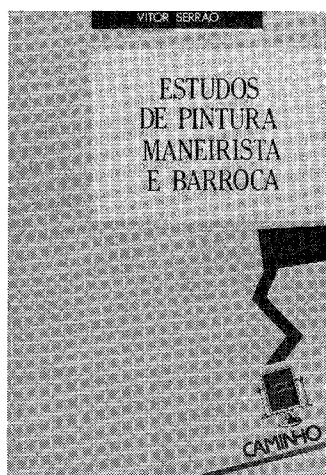
Lugar privilegiado da imaginação conceptual, da pluralidade objectual e da transdisciplinaridade institucional, a teoria da literatura constrói aqui o seu objecto, num itinerário onde se cruzam Marx e Althusser, Freud e Lacan, Benveniste e Bakhtine, Wittgenstein e Searle... E tantos os objectos quantos os espelhos, ou será verdade o que dizia Nietzsche, que não é verdade, mas apenas interpretações.

ISBN 972-21-0462-4 / 144pp / 1500\$00



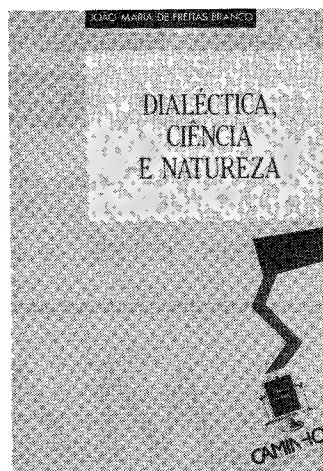
Interrogar a génese do discurso do Padre António Vieira e o que transforma uma personalidade histórica num autor literário exige uma investigação pluriorientada. Em dez capítulos, que são dez ensaios autónomos, à escolha do leitor, convergem e convivem saberes de diversa proveniência: retórica, teoria da enunciação, história de mentalidades e de formações discursivas, estética, simbologia, crítica textual e paratextual. Os conceitos aqui propostos para o conhecimento da eloquência de Vieira constituem linhas de força de uma renovada interpretação do barroco.

ISBN 972-21-0428-4 / 599 pp / 2450\$00



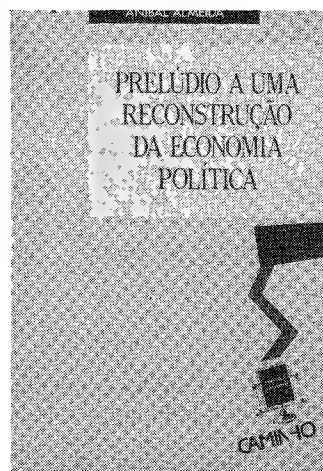
Vítor Serrão desenvolve nesta selecção de quarenta e dois textos — que representam dois decénios de exaustiva investigação — o balanço dos problemas com que se defronta a nova História de Arte Portuguesa e, também, as linhas de força caracterizadoras da nossa experiência artística durante o Maneirismo e o Barroco.

ISBN 972-21-0454-3 / 420pp / 2400\$00



Neste livro, João Maria de Freitas Branco procura abrir caminho à possibilidade de pensar o complexo, propondo uma reinterpretação da «Crise da Razão» e combatendo do mesmo passo o culto de mistérios, de desordens, e as tendências agnósticas no seio do estudo dos fenómenos naturais.

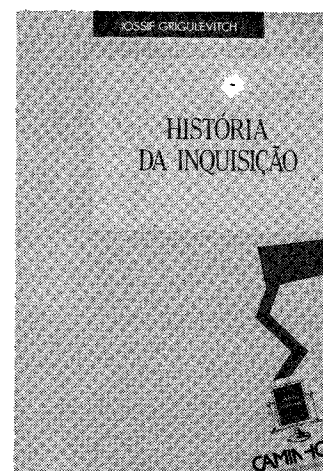
ISBN 972-21-0482-9 / 320pp / 2200\$00



Embora não faltando obras votadas a um confronto entre ambos os paradigmas (o clássico e o marginalista) que arduamente entre si se disputam o território da economia, nenhuma delas se aproxima, em minha opinião, do estrato hermenêutico em que o problema epistemológico surge e é necessário pô-lo e tentar resolvê-lo...

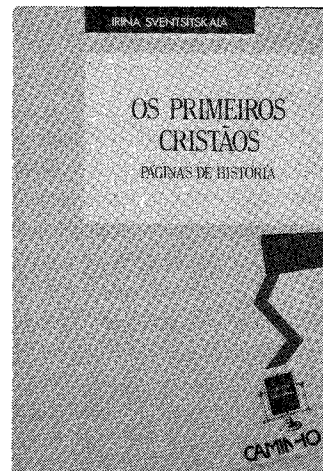
Por isso mesmo, este pequeno livro cumpriria o melhor dos destinos se os erros que contém se viessem a revelar fecundos, i.e., se ele viesse a merecer outros, mais jovens ou, pelo menos, mais bem apetrechados, viessem superá-lo o que, por si, lhe atribuiria (por muito ténue que ele seja) o invejável estatuto de consequente relevante de Marx e de Sraffa, e antecedente necessário da sua própria superação.

ISBN 972-21-0468-3 / 332pp / 1800\$00



Neste seu livro, Iossif Grigulévitch, doutor em Ciências Históricas, partindo de dados e documentos históricos, procura revelar os traços mais salientes e típicos da actividade da Inquisição, trazer à luz as suas raízes sociais, mostrar porque motivos e no interesse de que classes perpetraram os seus monstruosos crimes, quais foram as causas que a fizeram desaparecer da cena histórica.

ISBN 972-21-0491-8 / 404pp / 2800\$00



No presente livro reúnem-se dois anteriormente publicados de Irina Serguéevna Sventsitskaia, doutora em Ciências Históricas: Da Comunidade à Igreja e As Escrituras Secretas dos Primeiros Cristãos. No primeiro, estudam-se questões gerais de surgimento do cristianismo, da organização das primeiras comunidades cristãs e da sua evolução e mostram-se as etapas da formação da igreja cristã. O conhecimento da história do cristianismo primitivo ajudará o leitor a compreender melhor as especificidades do desenvolvimento da literatura cristã, designadamente daquela que não foi oficialmente reconhecida pela igreja e a cuja análise é consagrado o livro As Escrituras Secretas dos Primeiros Cristãos.

ISBN 972-21-0492-6 / 316pp / 2200\$00

CAMINHO

CDL a distribuição

BOXE:

Um outro olhar

O boxe reclama que é superior à vida porque é, idealmente, superior a qualquer acidente. Não contém nada que não seja inteiramente intencional. O pugilista enfrenta um adversário que é a imagem distorcida dele próprio, no sentido em que as suas fraquezas, as suas possibilidades de falhar e ficar gravemente ferido, os seus erros intelectuais — tudo pode ser interpretado como forças pertencentes ao Outro; os parâmetros do seu ser privado são apenas asserções ilimitadas do ser do Outro. Isto é um sonho, ou um pesadelo: as minhas forças não me pertencem totalmente, são também as fraquezas do meu adversário; o fracasso não é inteiramente meu, é também a vitória do meu adversário. Ele é a sombra do meu ser, não (simplesmente) a minha sombra.

O combate de boxe, quando é «sério, completo e de uma certa magnitude» — para referir a definição de tragédia de Aristóteles — é um acontecimento que envolve necessariamente ambos os pugilistas, como qualquer cerimónia envolve os seus participantes (é por isso que se pode dizer, por exemplo, que o maior combate da carreira de Muhammad Ali foi um dos raros combates que perdeu — o primeiro combate heróico com Frazier).

O velho adágio do boxe — um truismo seguramente falso — que diz que não se pode ser posto KO se se vê o golpe partir, e se a vontade é ao mesmo tempo o «knock out», tem o mais subtil e assustador dos significados: nada do que sucede ao pugilista dentro do ringue, incluindo a morte — a «sua» morte — é alheio à sua própria vontade. É a sugestão de um modelo universal em que somos humanamente responsáveis, não apenas pelos nossos actos, mas pelos realizados contra nós. Razão pela qual, sendo embora fruto da vida, o boxe não é uma metáfora da vida, mas um mundo único, fechado, auto-referencial, obliquamente aparentado àquelas religiões rígidas em que o indivíduo é, ao mesmo tempo, «livre» e «determinado», — por outro lado, dotado de uma vontade equivalente à de Deus e, por outro, totalmente indefeso. A sensibilidade puritana teria compreendido uma boca ensanguentada, um olho fora das órbitas, como um castigo apropriado à negligência.

A mais difícil tarefa de um treinador de boxe é, supostamente, a de persuadir um jovem pugilista a levantar-se e continuar a lutar, depois de ter sido derrubado. E se o pugilista foi derrubado por um golpe que não viu — o que é geralmente o caso — como é que ele pode acreditar que conseguirá evitá-lo mais uma vez, e outra ainda? O golpe invisível é, no fim de contas — invisível.

Um comportamento «normal», no ringue, seria um espectáculo insuportável, profundamente lamentável; porque os seres «normais» comungam com todos os seres vivos do instinto de preservar, como disse Espinoza, na sua existência. O pugilista deve aprender, de algum modo, aquilo que os que não o são certamente não adivinharão, por mais força de vontade que tenham, ou seja, a reprimir o seu próprio instinto de sobrevivência; ele deve aprender a exercer a sua «vontade» sobre os seus impulsos meramente humanos e animais, para afastar não apenas a dor, mas o desconhecido. Em termos psíquicos isto parece

magia. Levitação. A saúde mental virada do avesso, a «loucura» revelada como a forma mais alta e mais pragmática de normalidade.

No ringue, os lutadores estão limitados pelo tempo — certamente não há nada tão penosamente longo como um assalto de três minutos, disputado ferozmente — mas o próprio combate é atemporal. Num certo sentido, tudo se torna combate, tal como os pugilistas são pugilistas até à medula. Através dos filmes, gravações e fotografias, rapidamente se torna história para nós e até, por vezes, arte. O tempo, como a possibilidade da morte, é o adversário invisível de que os pugilistas — e o árbitro, e os espectadores, e os apoiantes — têm plena consciência.

Quando um pugilista é posto KO, isso não significa, como habitualmente se julga, que ele caiu inconsciente, ou mesmo incapacitado; significa, a um nível mais poético, que foi posto fora do tempo (a dramática contagem do árbitro até dez constitui um parêntesis metafísico, através do qual o pugilista caído deve penetrar, se deseja permanecer no Tempo).

Existem, num certo sentido, duas dimensões do Tempo que operam bruscamente: enquanto que o pugilista que se mantém de pé está no tempo, o pugilista que está por terra está fora do tempo. O final da contagem significa «morte» — na mímica simbólica da antiga tradição do desporto em que ele, muito provavelmente, estaria morto (embora, como nos podemos recordar, os hábeis Romanos reservassem para si, como espectadores, o próprio golpe mortal: o gladiador triunfante era obrigado a aguardar uma directiva vinda do exterior da arena, antes de aniquilar o seu adversário).

Se o boxe é um desporto, é o mais trágico de todos os desportos porque, mais do que qualquer outra actividade humana, ele consome a grande perfeição que exhibe — o seu drama é exactamente esta consumação. Aquele que investe no maior combate da sua vida inicia, necessariamente, a curva



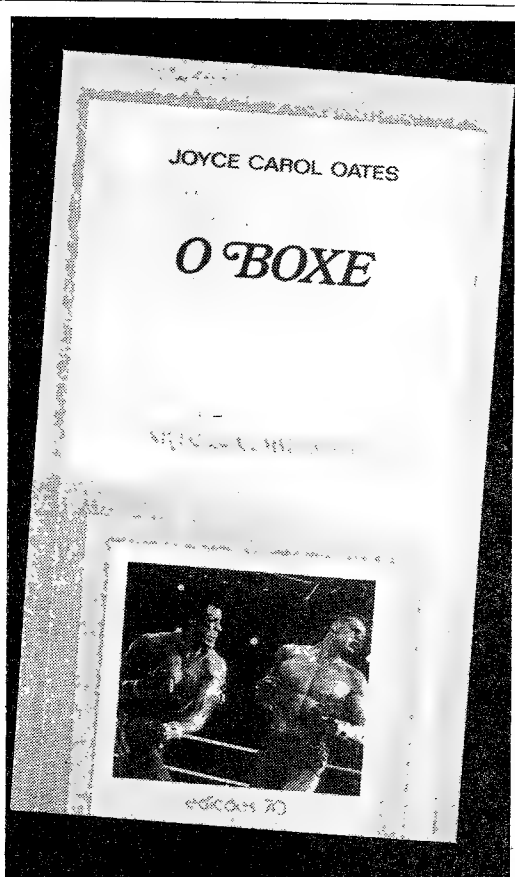
descendente que da próxima vez pode ser um mergulho, uma queda vertiginosa no abismo. «Eu sou o maior», afirma Muhammad Ali: «Eu sou o maior», diz o Maravilhoso Marvin Hagler. Pensa-se sempre que se vai ganhar — observou amargamente Jack Dempsey, já velho — se não nem se consegue combater. O castigo — para o corpo, para o cérebro, para o espírito — que um homem deve suportar para se tornar, mesmo moderadamente, um bom pugilista é inconcebível para a maior parte de nós, cuja ideia de risco pessoal é largamente egocêntrica ou emocional. Mas o castigo, à medida que começa a revelar-se, mesmo num pugilista jovem e vigoroso, é estreitamente aferido pelos seus rivais, que esperam um deslize seu (depois do campeão de meios-médios ligeiros. Aaron Pryor, ter vencido, sem brilho, um comba-

te, no ano passado, um pugilista mais novo dessa categoria de peso, entrevistado perto do ringue, afirmou com um sorriso: «Está-me a crescer água na boca». E houve a corajosa declaração de Billy Costello, de vinte e nove anos — «Se não consigo derrotar um velho (de 33 anos) então retirar-me» — pouco antes do seu combate com Alexis Arguello, no qual sofreu um «knock out», num dos primeiros assaltos).

No ringue, os pugilistas habitam uma curiosa espécie de tempo «lento» — os amadores nunca combatem mais de três assaltos e, para a maior parte deles, aqueles nove minutos são esgotantes — enquanto que fora do ringue vivem um tempo espantosamente acelerado. Um pugilista de vinte e três anos já não é novo, no sentido em que um homem de vinte e três anos o é; um pugilista de trinta e cinco anos é francamente velho (foi por isso que Muhammad Ali cometeu um erro trágico, ao continuar a sua carreira, depois de ter perdido o seu título pela segunda vez — e regressando, aos trinta e oito anos, para combater Larry Holmes; e por que Holmes cometeu um erro semelhante anos mais tarde, expondo-se inutilmente a ferimentos, bem como ao embaraço profissional, ao enfrentar o campeão de meios-pesados, Michael Spinks. A vitória de Joe Walcott, de trinta e sete anos, oriundo de Jersey, sobre Ezzard Charles, de trinta anos, para o título de pesados em 1951, é «sui generis». E Archie Moore é «sui generis»). Todos os atletas envelhecem rapidamente, mas nenhum envelhece tanto e tão visivelmente como os pugilistas.

Assim, a experiência de observar os grandes pugilistas do passado é radicalmente diferente de tê-los vistos actuar quando eram campeões reinantes. Jack Johnson, Jack Dempsey, Joe Louis, Sugar Ray Robinson, Rocky Marciano, Muhammad Ali, Joe Frazier — como espectadores, não só sabemos como um combate acabava, mas também como termina uma carreira. A trajectória não apenas de dez ou quinze assaltos, mas de uma vida inteira.

Joyce Carol Oates,
romancista e ensaísta
dá-nos um olhar feminino,
sensível, mas
profundamente informado,
sobre o mundo
do boxe e sobre as estranhas
personagens que o habitam



MANEIRAS TRÁGICAS DE MATAR UMA MULHER

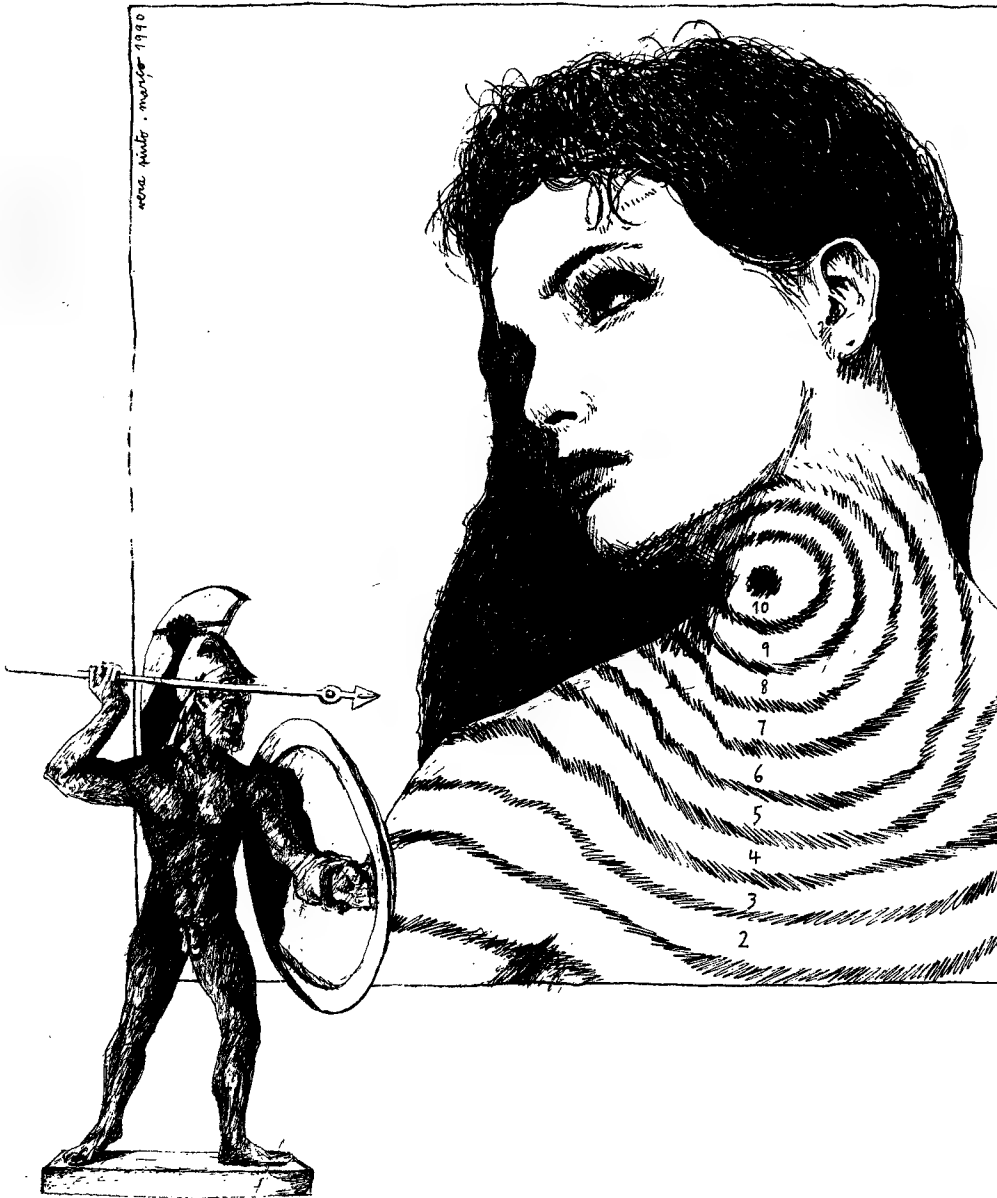
Benefícios do imaginário: melhor servida que a esposa cotidiana ou a moça prematuramente desaparecida mencionadas nos epigramas funerários — pálidos fantasmas de discursos, cuja beleza jamais é evocada —, a mulher trágica conquista um corpo no jogo da glória e da morte. Um corpo por onde com certeza vem a morte. Mas esta é a regra dos jogos do imaginário: perde-se neles aquilo que ao mesmo tempo se conquista.

Um corpo, então. Mas um corpo mal conhecido: em geral mais preocupada com práticas institucionais que com esquemas corporais, a reflexão antropológica sobre a tragédia nem sempre tem prestado atenção suficiente a esse tópico do corpo trágico que, de Ésquilo a Eurípides, se desenha em torno dos lugares da morte. Para terminar, proponho um levantamento desses lugares por onde a morte vem às mulheres, descobrindo-os na literalidade dos textos. Com efeito para realizar um levantamento semelhante a única via é confiar, mais uma vez, na precisão do significante trágico. Precisão propositalmente clínica; assim, contrariamente ao que poderiam sugerir traduções mais desejosas de transpor os textos que de deixá-los à sua especificidade grega, o «fígado», na tragédia, é sempre exatamente o fígado, e não algo parecido com o coração¹²⁹, e não é indiferente que a morte advenha a Dejanira, ferida no fígado, por onde ela vem aos homens. Mas não antecipemos.

O ponto fraco das mulheres

Aos olhos horrorizados de Creonte e de seu séquito aparece subitamente — visão brutal, figura do irremediável — o corpo morto de Antígona «suspensa pelo pescoço», *kremastén aukhenos* (Sófocles, *Antígona*, 1221). Mas, para evocar as tristes enforcadas, o pescoço no laço, Eurípides recorre mais frequentemente à palavra *dere*¹³⁰. Palavra mais rica, sem dúvida, por ser dotada de uma carga afetiva mais forte: no silêncio do abandono, o que a filha de Édipo prendeu no nó de seu véu, *aukhén*, foi o pescoço visto pelo lado da nuca; ao contrário, *dere* é «a parte da frente do pescoço, a garganta», ponto forte da beleza das mulheres — pense-se na «garganta esplêndida» de Afrodite, pela qual, no canto III da *Iliada*, Helena reconhece a deusa, na «garganta delicada» que a amada de Safo de enfeitar de flores, ou no «pescoço deslumbrante de alvura» que, sob o olhar da ama, Medéia desvia para chorar — mas é também aquilo mesmo que, na voluptuosidade do luto, as virgens e as mulheres se comprazem em ferir, unha aguda sobre garganta delicada¹³¹.

Dere é tudo isso, e é para a mulher principalmente o ponto de sua maior fragilidade. É pela *dere* que se enforca, é também por ela que vem a morte para as moças imoladas. Com efeito, nas narrações de sa-



crifícios *dere* designa com precisão a parte do corpo onde os oficiais aplicam o cutelo no instante de matar¹³².

Recordação da *Ifigênia em Táuris*: «Ah! Quando meu pai infeliz aproximou seu gládio de minha garganta...» Advertência de Aquiles à filha de Agamêmnon: «Quando vires o gládio bem perto de tua garganta...» Garganta de Ifigênia, garganta coberta de ouro de Polixena que o sangue vai logo avermelhar: de nada serviria multiplicar os exemplos e enumerar infinitamente as ocorrências de *dere* num contexto sacrificial¹³³. No máximo se assinalará que, do lado da *dere*, há ainda o sopro e a vida: em torno dessa palavra mais de uma vez a evocação do sacrifício se imobiliza no instante suspenso da ameaça em que, com o cutelo sobre a garganta, a virgem ainda respira. Mas, tratando-se de uma garganta já cortada ou na qual o gládio se aprofunda, *dere* cede o lugar a *laimos*, nome da garganta como goela¹³⁴, pois uma vez cortada a bela superfície do pescoço, a morte se introduz no interior do corpo. A linguagem trágica é precisa, aqui e sempre. E são precisas as descrições: no instante de ferir Ifigênia, o sacerdote examina com o olho agudo do

anatomista a garganta (*laimos*) da vítima para distinguir nela o ponto onde o cutelo se aprofundará melhor (*Ifigênia em Áulis*, 1579); e quando no *Orestes*, no instante em que crê poder imolar finalmente Helena a título de vítima expiatória o herói, «inclinando-lho o pescoço (*dere*) sobre o ombro esquerdo», prepara-se para «aplicar-lhe seu gládio negro na garganta (*laimos*)», mais de um comentarista reconheceu nesse relato a evocação precisa de um gesto de sacrificador¹³⁵. Tudo está então em ordem — a ordem conveniente à execução. A menos que haja aqui, oculta, alguma ordem secreta regulando o corpo feminino: como se, muito além das práticas rituais e de seus imperativos, a garganta das mulheres chamasse a morte, para matar Clitemnestra é ainda na garganta que Orestes golpeia — sem dúvida, para Eurípides, maneira de comentar a palavra *sphagê*¹³⁶ — e nas *Fenícias* é através do pescoço que Jocasta enfia o gládio do suicídio (veja-se o verso 1457). Talvez, evocando a Jocasta de Sófocles que, mais normalmente, passava o laço por seu pescoço, ver-se-á nesta precisão algum piscar de olhos de Eurípides, decidido a sublinhar o desvio que o suicídio guerreiro

da heroína introduz em uma tradição firmemente estabelecida. Da mesma forma, a propósito da garganta cortada de Clitemnestra, talvez nos recordemos do discurso mentiroso onde, no *Agamêmnon*, ela pretendia haver passado mais de uma vez a corda em volta do seu pescoço (*dere*: veja-se o verso 875). Jocasta, Clitemnestra: duas maneiras, para uma mulher, de ser mortalmente atingida no local onde deveria ter apertado o laço; num caso como no outro, falar-se-á então em sobre-determinação. Mas verdadeiramente estranha é a sobre-determinação em virtude da qual, enforcamento ou *sphagê*, suicídio¹³⁷, assassinio ou sacrifício, as mulheres aparentemente devem morrer pela garganta, e somente por ela.

Sem dúvida o leitor deve estar-se perguntando como é, na tragédia, a morte dos homens. E será inevitável responder-lhe que estes, de fato, morrem poucas vezes golpeados na garganta, quer sejam vítimas de um assassinio, quer também durante um combate¹³⁸. Se imaginamos que a morte de Clitemnestra é para vingar a Agamêmnon «pelas mesmas vias» (*trôpon ton auton*), sob essa expressão é preciso perceber o parricídio e não as modalidades estritas do assassinio, pois, a crer em Sófocles, o rei traído foi abatido com uma machadada em plena testa¹³⁹. E se em Homero o pescoço é um dos pontos mais vulneráveis do guerreiro — é nele, *di'tukhenos*, que Aquiles enfia seu dardo no corpo de Heitor, e não faltam na *Iliada* combatentes para expiar com a garganta traspasada¹⁴⁰ —, nada disso se pode observar no universo trágico. No máximo se evocará um coro das *Fenícias* sobre o combate singular entre os filhos de Édipo, que fará «correr sangue da garganta fraterna» (homogene dêram)¹⁴¹; mas, além de que na realidade é por outras vias que a morte advém a Etéocles e a Polínicos, admitir-se-á naturalmente que esse duelo fratricida, última ocorrência de uma guerra civil na escala da família, ressalta mais da *sphagê* que da guerra.

Essas análises conduzem a uma inevitável conclusão: na garganta das mulheres a morte é de certo modo dissimulada, oculta na beleza mesma que os textos somente evocam com mais liberdade no exato momento em que, ameaçada, a vida nelas vacila. Pescoço alvo de Medéia amargurada, cujo suicídio a ama teme, garganta alva, garganta sem defeitos de Ifigênia, sobre a qual o gládio assassino já está em vias de cair¹⁴²: assim o fantasma euripídiano do cutelo sobre a garganta serve para revelar a visão trágica da sedução feminina, perigosa antes de tudo para aquela que é seu suporte demasiadamente frágil.

Nicole Loraux
Textos de Erudição e Prazer
Jorge Zahar Editor
Dina Livro

Adélia Prado:



Joana Villaverde Cabral



JOANA VILLVERDE CABRAL

Em 1976, uma mulher suave, dona de casa, mãe de cinco filhos, nascida em Minas Gerais, sacudiou a literatura brasileira com o livro de estreia, *Bagagem*, aos quarenta anos de idade. O primeiro a saudá-la foi Carlos Drummond de Andrade. A crítica o seguiu entusiasmada. Entendeu que assistia ao nascimento de um mito, muito mais que a leitora apaixonada pela Bíblia («o sacral, o místico, a estória, a poesia e a introdução numa atmosfera preñhe das coisas que eu queria saber, de coisas que eu não sabia e das quais julgava lembrar-me») e por Guimarães Rosa («a minha bíblia literária e o artista mais completo que encontrei»).

Com escrita vigorosa e contundente, Adélia vem, desde então, tecendo uma obra essencialmente original em verso e prosa. Nela se fazem presentes sensualidade, humor, rebeldia e misticismo.

LINHAGEM

Minha árvore ginecológica me transmitiu fidalguias, gestos marmorizáveis: meu pai, no dia do seu próprio casamento, largou minha mãe sozinha e foi pro baile. Minha mãe tinha um vestido só, mas que porte, que pernas, que meias de seda mereceu! Meu avô paterno negociava com tomates verdes, não deu certo. Derrubou mato pra fazer carvão, até o fim de sua vida, os porcos pretos de cinza: «Não me enterrem na Jaguará. Na Jaguará, não.» Meu avô materno teve um pequeno armazém, uma pedra no rim, sentiu cólica e frio em demasia, no cofre de pau guardava queijo e moedas. Jamais pensaram em escrever um livro. Todos extremamente pecadores, arrependidos até a pública confissão de seus pecados que um deles pronunciou como se fosse todos: «Todo homem erra. Não adianta dizer eu porque eu. Todo homem erra. Quem não errou vai errar.» Esta sentença não lapidar, porque eivada dos soluços próprios da hora em que foi chorada, permaneceu inédita, até que eu, cuja mãe e avós morreram cedo, de parto, sem discursar a transmitisse a meus futuros, enormemente admirada de uma dor tão alta, de uma dor tão funda, de uma dor tão bela, entre tomates verdes e carvão, bolor de queijo e cólica.

in «O Coração Disparado»
Dina Livro

GRANDE DESEJO

Não sou matrona, mãe dos Gracos, Cornélia,
sou é mulher do povo, mãe de filhos, Adélia.
Faço comida e como.
Aos domingos bato o osso no prato
pra chamar o [cachorro
e atiro os restos.
Quando dói, grito ai,
quando é bom, fico bruta,
as sensibilidades sem governo.
Mas tenho meus prantos,
claridades atrás do meu estômago humilde
e fortíssima voz pra cânticos de festa.
Quando escrever o livro com o meu nome
e o nome que eu vou pôr nele,
vou com ele a uma igreja,
a uma lápide, a um descampado,
para chorar, chorar, e chorar,
requintada e esquisita como uma dama.

in «Bagagem»
Dina Livro

A BATALHA

Perdi o medo de mim. Adeus.
Vou às paisagens do frio atrás de Jonathan.
Deve ser assim que se vive,
na embriaguês deste vôo
no rumo certo da morte.
Amo Jonathan.
Eis aí o monocórdico, diarréico assunto.
'Ele quer te ver', alguém disse no sonho.
E desencadearam-se as formas onde Deus se homizia.
Pode-se adorar tufo de grama, areia,
não se descobre donde vêm os oboés.
Jonathan quer me ver.
Pois que veja.
O diabo uiva algemado nas profundezas do inferno,
enquanto eu
tiro o corpo da roupa.

in «Pelicano»
Rocco

BAIRRO

O rapaz acabou de almoçar
e palita os dentes na coberta.
O passarinho recisca e joga no cabelo do moço
excremento e casca de alpiste.
Eu acho feio palitar os dentes,
o rapaz só tem escola primária
e fala errado que arranha.
Mas tem um quadril de homem tão sedutor
que eu fico amando ele perdidamente.
Rapaz desses
gosta muito de comer ligeiro:
bife com arroz, rodela de tomate
e ir no cinema
com aquela cara de invencível fraqueza
para os pecados capitais.
Me põe tão íntima, simples,
tão à flor da pele o amor,
o samba-canção,
o fato de que vamos morrer
e como é bom a geiadeira,
o crucifixo que mamãe lhe deu,
o cordão de ouro sobre o frágil peito
que.
Ele esgravata os dentes com o palito,
esgravata é meu coração de cadela.

in «O Coração Disparado»
Dina Livro

VEROSSÍMIL

Antigamente, em maio, eu virava anjo.
A mãe me punha o vestido, as asas,
me encajava a coroa na cabeça e encomendava:
"Canta alto, espevita as palavras bem."
Eu levantava vôo rua acima.

in «Bagagem»
Dina Livro

A VISÃO E A GRAÇA

A publicação portuguesa de **O Banho de Diana** de Pierre Klossovski oferece uma ocasião rara de fruir de uma escrita das mais subtile e inquietantes da actualidade. Apesar da multiplicidade do seu gesto criador, disperso qual corpo de Actéon por um extenso espaço de práticas — que vão desde o romance à pintura, passando pela filosofia e a tradução —, até agora dispunhamos na nossa língua apenas da tradução de **Roberto Nessa Noite** (Livros do Brasil, sd.).

Mas este pequeno livro, concentrado e denso, é de uma escrita inusitada pela maneira como narrativa e se destoa mutuamente no seu espaço tensional, regido pelo princípio que Klossovski enuncia em **La Rosablancie**: «*é a visão que exige que eu diga tudo aquilo que a visão me dá*». O que nesta escrita dá a sensação de estranheza é a sua maneira de beber no fundo da memória, pois como diz Foucault: *Klossovski reata com uma experiência perdida desde há muito. De esta experiência não sobram hoje vestígios que no-la assinem; e permaneceriam sem dúvida enigmáticos se não tivessem retomado vivacidade e evidência nesta linguagem.*»

O Banho de Diana é uma finíssima exegese de um mito narrado por Ovídio no Livro III das **Metamorfoses**. Diana, a deusa caçadora relaciona-se com Actéon, um mortal, numa relação impossível mas fatal. Actéon, o caçador, no entusiasmo da cabeça depara-se com Diana, no momento em que a deusa se desnuda para banhar-se. No mesmo gesto em que a vê nua Actéon é metamorfoseado em cervo pela deusa, fugindo, para depois ser despedaçado pela matilha que o acompanha na caçada. Este é o episódio da caçada que fornece a ocasião propícia para que Klossovski reescreva a impossível comunicação dos deuses e dos mortais.

Mas dizíamos que nesta impossibilidade havia uma fatalidade. É o caso de Diana em que «*o desejo de ver o seu próprio corpo implica o risco de ser maculada pelo olhar de um mortal, e com este risco, primeiro a representação e logo depois o desejo da mácula introduz-se na natureza da deusa*». Assim, com a representação introduz-se na «mesmidade» do mito uma distância, que tem logo de ser abolida. E é-o de facto, à custa da morte de Actéon. A fatalidade tem a ver com o imperativo de diferir eternamente essa distância — entre a divindade e o homem, entre o homem e o animal, entre o que é visto e o que vê.

(Pierre Klossovski, **O Banho de Diana**, Cotovia, 1989, 89 págs., tradução de Fernando Luís) José A. Bragança de Miranda

Dominância da visão, única fonte de graça, mas matriz da distância onde a violência já está presente. Klossovski refaz o processo da relação entre verdade e violência em que se funda a «*vontade de saber*» ocidental. Este mito serve-lhe para repetir o questionamento heideggeriano da verdade como *aletheia*, mas liberto das categorias filosóficas, salvas apenas na justa medida em que se recobrem também elas de véus. Pois se a «*verdade*» é o jogo do desvelamento, sempre velado, sem nunca atingir a revelação, a filosofia não deve ser excessiva em lucidez. É esse o erro de Actéon, «*desmascarado pela divindade, pôr ter querido guardar a faculdade de dizer, Actéon devia justificar a sua noncerviditê como amor da própria verdade*». E um erro destes paga-se com a morte do indivíduo, e a violência sobre os mais. O processo de Actéon que, como escreve Ovídio, depois de transformado em cervo, fica sem fala e «*conserva o seu juízo só*» e que morre despedaçado pelos seus cães incapazes de ouvirem o silencioso apelo «*Eu sou Actéon, conhecei o vosso Senhor*», que só o poeta já pode ouvir, tal processo é inapelável para Klossovski. Enquanto os deuses se dividem: «*Vários os juízos eram: a uns mais aspersa, que o justo a Deusa parece: outros a louva, e Virgem pelo zelo a chama digna. Cada qual se fundava...*» (trad. de Alménio do Quatro Primeiros Livros da **Metamorphose**, Lisboa, 1805); o autor na sua vontade de desconstruir a mania da verdade que organiza dois milénios de experiência ocidental, não hesita mais: «*Em todos estes movimentos que foram talvez os seus, podemos em todo caso realçar: uma louca sobrestimação do livre arbítrio à custa da graça (para não introduzir aqui a noção do cerf-arbitre), uma inquietante ausência de ingenuidade...*»

A graça da visão que deixa ser o Ser só seria possível se Actéon aceitasse o «*arbitrio servil*» de ser «*cervo*» (a tradução é boa na generalidade, mas não teria sido melhor ter restituído «*cerf*» por «*cervo*», em vez de «*veado*», sob pena de se perder um jogo essencial de linguagem como é o de «*cervo*» e «*servo*»? Tanto mais que Alménio não hesitou em fazê-lo na sua tradução de Ovídio) abandonando as ilusões do arbitrio livre? Ou esta opção já é ela fonte de servidão, que não a dos «*ferros*» mas o do «*eu*» racional? Estamos diante de uma «*política poética*» a que é preciso estar atento. Fazer justiça a um tal livro é um desafio a que os leitores portugueses não podem deixar de responder.

A pleto de informação em que nos deparamos imersos, a familiaridade com que os media se insinuam nos nossos intimos recônditos das nossas vidas, fazem deles uma segunda natureza de que nos sentimos incapazes de nos distanciar sem de imediato pormos em risco alguns dos arrimos maiores do indivíduo que somos. É isso que nos diz Adriano Duarte Rodrigues quando afirma que «*por toda a parte se fala hoje de comunicação. Os jornais dedicam-lhe páginas e cadernos especiais. A rádio e a televisão discutem-na em mesas-redondas. A escola reserva-lhe cursos nos programas de ensino. Os governos e os organismos internacionais invocam-na em textos oficiais. Os homens exigem-na ou submetem-na aos seus imperativos. Os indivíduos e as instituições lamentam a sua falta tanto entre as pessoas como no seio das famílias, nos espaços urbano, nas empresas, nas organizações*». Comunico, logo sou — bem poderia afirmar-se desta maneira a subjetividade do indivíduo contemporâneo. Ora a

grande questão que enforma o livro **Estratégias da comunicação** é a de reconduzir o dado familiar da comunicação a um objecto pensável. Propósito amplamente conseguido, que Adriano Duarte Rodrigues começa por cumprir abordando a emergência da questão comunicacional na modernidade, apresentando seguidamente as componentes fundamentais do processo comunicacional, a técnica, a discursiva e a crítica, para enfim analisar as relações que o campo dos media estabelece com as instituições políticas, militares e culturais.

Atentemos mais de perto neste percurso. A emergência da questão comunicacional tem efeitos epistemológicos inegáveis, nomeadamente nas ciências humanas e oferece-se como «*quadro epistémico destinado a dar conta das estratégias discursivas, fluidas e plurais, que se jogam hoje no espaço público*». O fenómeno da sua emergência só pode ser entendido no processo de secularização dos ritos sociais que abarca a experiência moderna da mun-

do e que o projecto iluminista começa por protagonizar desde o século XVIII. A lógica iluminista da secularização sucede à lógica religiosa e esvazia os ritos sociais da sua antiga legitimação transcendente, precipitando assim um processo de desencantamento e de autonomização face aos mitos fundadores. Desaparecido Deus como «*Primeiro Locutor*», a linguagem dissemina-se, o que faz com que a identidade do indivíduo como sujeito autónomo de discurso e de acção surja, comparativamente, problemática e movida em extremo. Tanto assim é que «*a experiência da procura de si e dos outros conta... hoje, mais do que o encontro consigo próprio e com os outros*». A este sujeito desubstantivado corresponde um espaço público não menos problemático, de circulação generalizada e anónima no qual se esvazia a sociabilidade concreta. Deste modo, a Imprensa, de veículo da opinião publicamente produzida nos espaços de debate e convívio que era, torna-se pro-

dução de opinião reservada aos profissionais especializados em mediação, de acordo com uma lógica da morte do público que exhibe obscenamente o privado; por seu lado, a publicidade converte-se em pura estratégia de inculcação de mensagens e de efeitos de sentido (mais que de produtos), transformando o cidadão, de sujeito de opinião esclarecida, em objecto consumidor de produtos discursivos — risco de parda, também, do sentido da privacidade; enfim, a opinião pública, torna-se cada vez mais dependente do campo de legitimidade da máquina discursiva dos media. O alcance da interrogação que, nesta sequência, é colocada por Adriano Duarte Rodrigues, abrange os sujeitos cívicos que todos somos, público, profissionais da comunicação, responsáveis políticos, teóricos académicos: «*Tratar-se-á de uma distinção subversiva total que substitui toda e qualquer possibilidade de revolução, de mudança e até de réplica?*» A resposta, de que se ocupam um pouco por toda a parte a pági-

A ARQUEOLOGIA NAVAL

João da Gama Lobo Pimentel Barata (1914-1984) deixou-nos uma obra de pendor acentuadamente analítico, de curta dimensão e com uma coerência interna notável. Veio a ser agora republicada pela Imprensa Nacional, e bom seria que este livro não passasse despercebido.

A arqueologia naval é apenas um exemplo de um campo de trabalho em que as zonas em branco ou carentes de uma revisão urgente abundam para onde quer que nos voltarmos. Ou seja: seríamos muito menos do que seria para desear dos navios dos Descobrimentos, particularmente no que toca ao seu traçado geométrico.

A obra de Pimentel Barata assumiu assim uma dupla importância. Além de ajudar à retoma de um tema que parecia ir-se esvaindo de vez na ordem de preocupações das tendências da investigação mais recente, representou uma espécie de pedrada no charco em relação a certezas por adquirir. O que a torna também deveras polémica, mormente nos seus pressupostos e conclusões.

A contribuição de Pimentel Barata pode resumir-se brevemente em cinco pontos: a) renovação metodológica dos estudos desta área, empreendendo pela primeira vez de uma forma sistemática a documentação técnica portuguesa e europeia; b) revelação de novos materiais e sistematização crítica do conjunto das fontes conhecidas; c) elucidação do significado de vários termos técnicos até então imprecisos ou ignorados; d) estudo sistemático do traçado geométrico dos principais navios portugueses dos séculos XV a XVII; e) e finalmente, o que foi feito

também pela primeira vez, Pimentel Barata propôs uma explicação global para os pressupostos teóricos da arquitectura naval portuguesa deste período.

As concepções metodológicas do autor tiveram um claro ressaibo toyneano, e por isso o desenvolvimento dos navios dos Descobrimentos surge nestas páginas como o resultado de um mecanismo de desafio-resposta que foi sendo superado por um crescente domínio técnico da sua construção. O autor foi valorizando cada vez mais a natureza e a profundidade destes conhecimentos por parte dos construtores navais portugueses, e é justamente aqui que podem começar os sentidos da discordância.

Considerando que a construção naval tinha um carácter eminentemente científico nestes seus pressupostos teóricos, e não sendo os mesmos explícitos na documentação conhecida, Pimentel Barata encontrou a resposta na teoria do sigilo, no secretismo oficial e de contornos esotéricos alimentado com o propósito de conservar a superioridade técnica da construção e dos navios portugueses. Daí concluiu que a Junta das Fábricas, a entidade reguladora da construção naval e com actividade documentada desde 1623, estivesse em exercício (secreto) desde meados do século XVI, como se fora possível que um organismo oficial pudesse laborar ocultamente durante dois séculos sem dele ficar o mínimo rasto.

Estamos em crer que as ambições mentais e vivenciais da época terão sido relativamente desconsideradas em certos momentos: repare-se no caso da proibição de venda de caravelas a compradores estran-

geiros, que longe de ser consequência de qualquer sorte de sigilo de Estado era tão comensalmente um problema fiscal. E pode-se questionar igualmente a extensão do rigor das unidades de medida (objecto de páginas aliás notáveis em que procurou obter a sua conversão precisa para o sistema métrico decimal) utilizadas neste mundo do mais ou menos, na feliz e consagrada expressão de Koyré, aqui avaliada por vezes em função de um critério de cientificidade que paga o seu tributo a concepções bem mais tardias.

Estes reparos meramente introdutórios a uma discussão que os estudos em causa merecem que seja profusa não se destinam a desmerecer os seus méritos óbvios. Pelo contrário, trata-se de um conjunto notável, de leitura absolutamente obrigatória para quem quer que se interesse sobre a história dos Descobrimentos, para mais numa altura em que tanto se publica, e nem tudo de evidente utilidade.

Quanto à edição, é certo que o leitor depara com um livro de bela apresentação gráfica, cómodo e fácil de ler (o que começa a tornar-se uma raridade...), atractivo sob todos os pontos de vista. Mas a falta de informações exigíveis nestas circunstâncias é excessiva.

Em primeiro lugar o livro carece de uma introdução biográfica que explicasse quem era o autor e em que circunstâncias produziu estes textos. Depois,

a identificação do organizador na colectânea e dos critérios nela seguidos. E ainda a indicação dos locais e datas em que foram impressos inicialmente — este último um lapso difícil de compreender.

Os estudos estão arrumados em três secções: arqueologia naval, a caravela, e varia. Só que a divisão é um mistério: em que é que os da varia não são estudos de arqueologia naval, maxime um que tem — adequadamente — a expressão em subtítulo? Não há igualmente nexo visível na sua disposição dentro de cada parte.

Gostariamos ainda de ter visto referenciado um artigo de divulgação publicado em 1983 na revista **Forum** do Conselho da Europa, onde o autor expendeu algumas das suas ideias fundamentais, bem como a excelente anotação da reedição do livro **A caravela portuguesa** de Henrique Quirino da Fonseca.

Em contrapartida regista-se com agrado a ideia de traduzir (bem) os trabalhos publicados em inglês, mantendo os originais.

Por fim, não é de mais repetir que o ponto de vista editorial a I.N.-C.M. está de parabéns por uma realização desta qualidade, que a um tempo divulga a matéria e permite o acesso facilitado à obra de um dos seus melhores especialistas, que bem merecia ser publicada num livro que dá gosto de ver e ler.

(João da Gama Pimentel Barata, **Estudos de Arqueologia Naval**, 2 vols., 1989, 653 págs.)

Francisco Contento Domingues

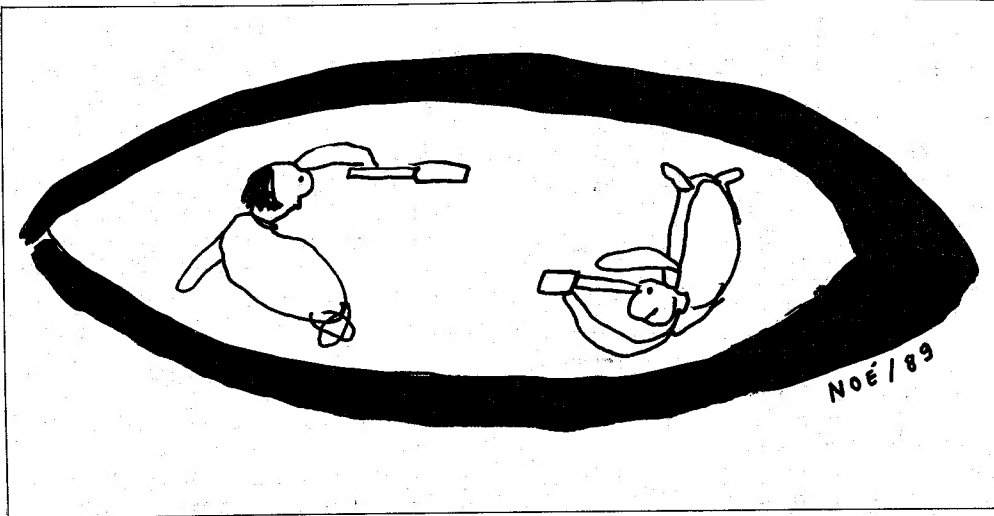
COMUNICAÇÃO

nas subsequentes deste magnífico ensaio, passa pela análise do desenraizamento da experiência colectiva e da tecnicização do mundo e da vida, que consubstancia as estruturas contemporâneas da mediação. É neste sentido que gostaríamos de sublinhar a pertinentíssima reflexão com que o autor nos obsequia ao abordar a incidência da técnica no processo mediático. O enciclopédismo logotécnico da nossa era não exprime mais do que o acesso recente da tecnicidade à esfera da linguagem, desde os Gregos considerada como não-técnica. Na verdade, a técnica é hoje o próprio modo de realização do processo comunicacional. O enciclopédismo logotécnico é aquele que supera as etapas do enciclopédismo técnico e tecnológico que o precederam,

correspondendo à era da reprodutibilidade técnica descrita por Walter Benjamin. O que nele se põe em jogo é precisamente o alargamento da performatividade maquínica aos media. «As logotécnicas destinam o homem a um devir parasita das injunções da técnica», mas permanece, porém, uma margem de indeterminação da estrutura e do funcionamento dos sistemas técnicos que exige a intervenção determinante do homem.

Aplicando a sua análise da relação entre técnica e discurso na era da logotécnica à dimensão crítica da comunicação, AD Rodrigues retoma então as questões da instrumentalidade, da genealogia e da hermenéutica, confrontando o território específico das teorias da

comunicação com o domínio das vastas das ciências humanas. Ecoam aqui as vozes maiores de um Habermas e de um Foucault que, juntamente com autores como Serres, Lyotard e Baudrillard, perpassam um pouco por toda a parte no método de desenvolvimento de **Estratégias da comunicação**. Demonstra-se assim que o domínio disciplinar de uma teoria da comunicação é um domínio em que se cruzam todos os das restantes ciências sociais e humanas — de algum modo fragilidade sua, mas também virtualidade intrínseca que a conclusão de que «o horizonte que delimita hoje o campo do saber é o da razão instrumental tal como se dá na linguagem e na comunicação», permite, em retorno, um ousado questionamento quer das traves mestras em



que assentam esses outros domínios disciplinares, quer das aporias que os tolem, quer do academismo de estufa onde medram as suas mais estimadas inflorescências inflorescência e que os constroem a uma atitude genuflectória ante as necessidades pragmáticas e performativas de novas e antigas legitimações. As legitimidades respectivas do campo dos media e científico terão pois de situar-se a partir de uma definição de comunicação que englobe «tanto os processos de transacção entre os indivíduos com a natureza, dos indivíduos com as instituições sociais e ainda o relacionamento que cada indivíduo estabelece consigo próprio. Os processos comunicacionais abrangem, por conseguinte, domínios extremamente diver-

sos que compreendem actos discursivos assim como silêncios, gestos e comportamentos, olhares e posturas, acções e omissões». É igualmente a partir daqui que se pode lançar nova luz sobre a imagem dos media como puros instrumentos técnicos neutros e objectivos: a sua natureza es-

tratégica revela-nos que, na sua íntima conexão com as instituições política, militar e cultural, um conflito só é definitivamente ganho quando, mais do que o corpo, se conquista a alma do adversário. Eis o que é pensar a comunicação.

(Adriano Duarte Rodrigues, **Estratégias da comunicação**, Presença, 1990 223 págs.)
António Fernando Cascais

Rectificação

O artigo de Carlos Coelho Maurício sobre as «Obras» de Mouzinho da Silveira, publicado na edição do Suplemento Literário de 8.2.90, deveria ter sido apresentado com o título correcto de «O Grande Legislador».

No artigo «Wittgenstein e a sua Obra», publicado na edição do Suplemento Literário de 22.2.90, surgiu incorrectamente apresentado o nome do seu autor: onde se lia Manuel José S. Lourenço, deveria sim aparecer Manuel José S. Loureiro.

BARROCO E REVOLUÇÃO

Vítima do preconceito clacissista, o barroco permaneceu durante muito tempo na nossa cultura como sinónimo de bizzarria, anomalia, excesso, paixão ou mesmo depravação. Classificações provenientes de uma razão da harmonia, do equilíbrio, das certezas, e não insentas de uma moralidade dela decorrente. Uma tal moralidade exerce-se não só sobre as práticas mas também sobre o simbólico, impondo regimes de significação organizados pela centralidade do logos. É face a ela que determinadas formas de expressão historicamente situadas foram apelidadas de «barrocas», e que várias outras, pelo carácter negativo desta designação, são detectadas como «barroquismo».

Se hoje ouvimos falar de «neobarroco», é porque se aceita como virtualidade o carácter trans-histórico de tal categoria, mas também porque a crise da razão, do seu regime de representação e da sua moralidade permitiram compreender e valorizar modos de expressão que primeiro indicariam a falência de uma ordem logocêntrica. São elas que ecoam hoje de novo por entre o mal-estar e a descon-fiança sentidos a respeito da modernidade. «Barroco», diz Sarduy, sempre e «onde se recusa qualquer instauração, onde o que se metaforiza é o facto da ordem ser discutida, o deus julgado, a lei transgredida. Barroco da Revolução».

A reabilitação contemporânea do barroco, a que temos vindo a assistir (nomeadamente entre alguns partidários do pós-moderno), tem na realidade de uma origem um pouco mais recuada. É o próprio da História da Arte que a certo momento, sob a influência de Jakob Rurkhart e de Eugénio d'Ors, se insurge contra a marginalização do barroco, bem sensível na expressão que

para ele adoptara Benedetto Croce: «*varietà del brutto*». A originalidade do texto de Sarduy é a de procurar desvendar o campo simbólico do barroco através da oposição de duas cosmologias e de duas formas: o círculo de Galileu e a elipse de Kepler.

Remetida a reflexão para um âmbito tão elegante — o cosmológico — todas as interferências se tornam na realidade de possíveis, todas as referências se enredam (as da astronomia, da física, da filosofia, da religião), numa argumentação apaixonada e expressiva, numa «arte da argúcia» como a do próprio barroco, no dizer de Sarduy. Caravagismo sem mediação entre luz e sombra — «a sintaxe visual organiza-se em função de relações inéditas; nudez/autonomia do ornamento relativamente ao corpo racional do eu. 'ficio; adjetivo/adverbo que o distorce, voluta: todo o artifício é válido desde que sirva o argumento, a apresentação autoritária, sem vacilação, sem 'nuances'. Tudo para convencer».

Por entre o serpentear esfuizante da argumentação, as figuras do círculo e da elipse são constantemente retomadas de um modo contrastante e convincente. A cosmologia anterior ao barroco pertence ao círculo enquanto organizador de todo o espaço simbólico. O círculo da harmonia, da eutímia, dos movimentos uniformes e perfeitos, da ordem concêntrica, teológica, tautológica e eterna. O círculo de Aristóteles, de Copérnico e ainda de Galileu, que nem o geocentrismo, a geometrização do espaço ou a corrupção da matéria (que o Renascimento descobre) conseguem

destituir. Em Uccello, Cigone, Rafael e Tasco, Sarduy desvenda algumas das implicações simbólicas desta cosmologia. A cosmologia barroca, por sua vez, pertence a elipse, anamorfose do círculo, desdobramento do centro, proliferação sempre latente do sentido, ausência das certezas e do ponto seguro da perspectiva, perda da noção da medida. São eles justificam o excesso, a sobrecarga da trama significante, o horror ao vazio, a paixão do pormenor (lugar talvez da última transcendência). Em El Greco, Rubbens, Borromini, Góngora e Velasquez, Sarduy faz-nos descobrir as figuras de uma nova retórica, sem «pre-tensões cognitivas», que não se envergonha dos seus excessos, que não chega nunca ao sentido, e persegue todas as latências. Uma retórica que é a da própria linguagem encenando o funcionamento autónomo dos códigos, a ostentação do jogo, metaforizando, como diz Sarduy, «ao quadrado».

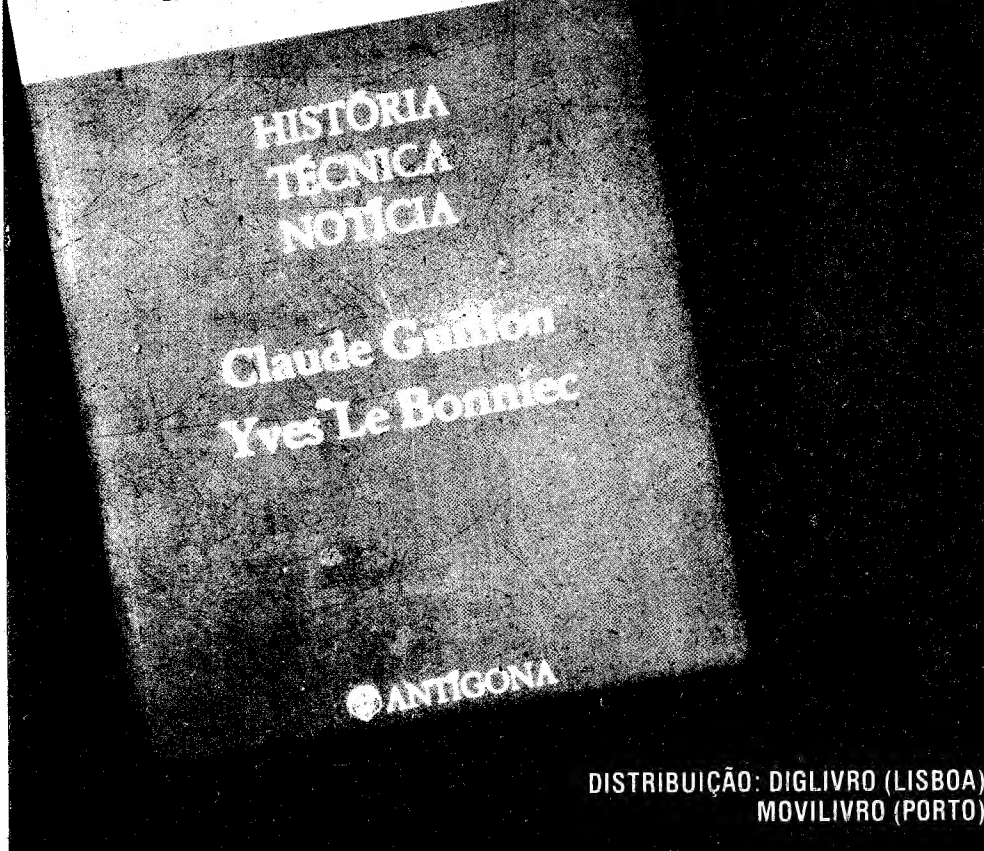
Sem a pretensão de definir «O Barroco» (e daí talvez em título, simplesmente — Barroco), Severo Sarduy procura fazer do seu texto uma «Câmara de eco», de ressonâncias várias sem preocupação de relações de causalidade ou contiguidade. «Leitura às avessas da história caduca; narrativa sem datas: dispersão da história sancionada». Não se trata para Sarduy de definir o barroco, mas de «praticar» o barroco, com expectativas neste caso mais modernas do que pós-modernas, pois ainda se deposita nele a esperança da revolução.

(Severo Sarduy, **Barroco**, Ed. Vega, 1989, 138 págs., tradução de Maria de Lurdes Judice e José M. de Vasconcelos)

Maria Teresa Cruz

**SUICÍDIO
MODO
DE USAR**

**SERÁ
O SUICÍDIO
UMA
SOLUÇÃO?**



DISTRIBUIÇÃO: DIGLIVRO (LISBOA)
MOVILIVRO (PORTO)

SWEETY

Naquele dia, desatinou. Tentara entender todos os verbalismos por ele perseguidos selvaticamente e suportado desatinos agri-doces, mas naquele dia, nesse dia, desatinou. Começou por interrogar-se sobre as cores dos flamingos apesar de tê-los visto desabusadamente belos quando se banhavam na baía, as patas longas enterradas na areia fina, enquanto, num movimento muito lento, a água mansa ia desenhando sucessivos recortes enfeitados de detritos; ela persistia nas recordações, cortejo de oferendas da memória, e, dando-lhes configuração diferente, afirmava que morriam nas praias as flores das acácias a que se juntavam penas cor-de-rosa, dos flamingos, crê-se.

Ele olhava-a com desconfiança, embora sorrisse e a dissesse sensacional. Ela sorria compreensiva da incompreensão manifesta dele pois sabia que o inconsciente de pessoas diferentes denuncia uma imagem tão variada como o seu passado vivencial ou social, a sua educação e as suas predileções, resumindo, a consciência. E seria em consciência mais-perfeita que ela deambulava pela franja do inconsciente. Perorava, tinha consciência disso, mas ele desconhecia essa consciência, por isso a necessidade contínua de doçura, como acontece com as crianças.

Ela olhava a cabeça pequena e perfeita alcandorada no pescoço frágil e chamava-lhe *sweety*, embora o soubesse absintico. No dia em que ela decidiu que teriam de separar-se para sempre gritou de raiva, gravadas que tinha na memória, à força de sucessivos danos, perdas irremediáveis, a melopeia horrorosa dos que duvidam da vida em si mesma e se interrogam até quando conseguirão manter-se no lado da fronteira que garante a continuidade na intermitência. E também sabia que ele não tinha memorizado crânios calcinados cobertos de ervas tenras noutro continente, então e agora, naquele donde a lusa gente debandara apavorada e renegando, em tantos casos, a terra onde mergulhava as raízes; assim como nada saberia de sangue podre devorado pela terra, pelo que seria incapaz de entender a linguagem da dor emitida por ela, de repente.

Perplexo, desconhecia que as circunstâncias sociais e psicológicas da enunciação são importantes não só para uma compreensão do seu significado, mas também para uma avaliação apropriada do seu valor: as condições e as circunstâncias psíquicas são meras oportunidades; assim, ela aproveitava a circunstância, recomeçava, e porque se sabia exercitada na escala do sofrimento, congratulava-se por sabê-lo desconhecedor da chave.



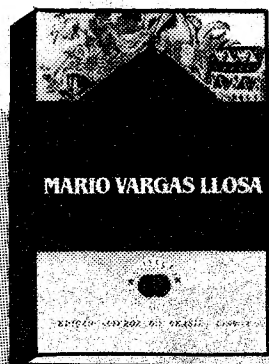
Joana Villaverde Cabral

Mario Vargas Llosa

A CASA VERDE

Marguerite Duras

O VERÃO 80



A CASA VERDE

de Mario Vargas Llosa

Quarenta anos percorrem este romance excepcional. Uma saga com apoios em épocas remotas, aventuras, mistério, acção e drama, traçam o quadro mais real que alguém fez sobre os povos primitivos do Peru. Um livro que traz de volta a grande literatura e é por isso um acontecimento.

O VERÃO 80

de Marguerite Duras

O quotidiano de um Verão memorável contado com o vigor poético, a subtilidade narrativa, num contraste de sonho e realidade, jamais ensaiado pela autora. Um livro que os amantes de Duras não devem perder.



LIVROS DO BRASIL

a sua Editora

de ontem de hoje e de sempre

Rua dos Caetanos, 22
1200 LISBOARua de Ceuta, 80
4000 PORTO

Tinha ele, ainda, a certeza de muitas coisas, demasiadas até, certezas a que infligia calções irrecusáveis: Pkerfhibzzz,

Slakfbnvv e outros. Afirmando-se decifrador de situações, institua-se omnisciente, pelo que não necessitaria de classificar e catalogar segundo a experiência mas segundo os diversos saberes saboreados aqui e acolá, como uma criação gulosa e com a maior seriedade possível, nisso haveria que fazer-lhe justiça.

Em dado momento, ele afirmou, sem nunca tê-los visto, que os flamingos não eram rosa, sim pardos, que o mar estaria revoltado atirando para a praia peixe podre e outras coisas tristes, isto é, tentou adulterar-lhe a memória já que não poderia utilizá-la como fazia com os Pkerfhibzzz.

Por isso ela desatinou, por descobrir nele o desprezo pelos flamingos, surdo aos gritos melodiosos das aves ao amanhecer, apesar de ser poeta, o que não o desacreditaria em nada: os poemas são feitos de palavras, não de sentimentos, há que seguir uma lógica de linguagem, não a das emoções; um relacionamento demasiado próximo da obra e da biografia pode conduzir a um abuso de psicologia, o que ele verificara de sobejo, teoricamente, já se vê.

Talvez ela lhe tivesse falado também das negras envoltas em luto que por lá deambulavam, mortos os companheiros, os fi-

lhos, escutando-a ele como quem aceita uma história de entreter, embora não pudesse afirmar ter abordado o tema: saber onde uma coisa tem a sua origem não é o mesmo que conhecer a sua verdadeira natureza, e ela não gostava de baralhar os espíritos: em passividade aparente dava tempo ao tempo para que os acontecimentos se fossem desenrolando, precipitando, sabendo que a toda a planície pode seguir-se um precipício e que, pelo caminho, se vislumbram elevações, barrancos, e rios perto da foz, da voz.

Naquele dia, desatinada, obrigou-o a confrontar-se consigo mesmo. Babelico e a necessitar de açúcar, negou. Por isso, decidiu olhá-lo de longe, com ternura. Concluiu que não poderiam comunicar: ela tinha a certeza dos flamingos, das barrocas debruçadas na baía de Luanda, das palmeiras perfiladas como sentinelas empaladas, das lágrimas, das esperanças e outros esquartejados, e do amor por todas essas memórias rosa, cinza ou negras que constituíam um exercício de emoção a que ela nunca poderia fugir, que não poderia trair.

Quando ausente do desatino, reuniu um sorriso e um afago e enviou-lhos dissimulados em ironia, o que será possível numa outra narrativa.

Filomena Cabral